

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES  
LINHA DE PESQUISA: RELIGIÃO, CULTURA E PRODUÇÕES SIMBÓLICAS  
JANAÍNA AGUIAR PEIXOTO**

**O CONCEITO DE SAGRADO EM SURDOS CONGÊNITOS: UM  
ESTUDO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa Religião, Cultura e Produções Simbólicas, sob a orientação do professor Dr. Fabrício Possebon.

João Pessoa  
2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES  
LINHA DE PESQUISA: RELIGIÃO, CULTURA E PRODUÇÕES SIMBÓLICAS**

**O CONCEITO DE SAGRADO EM SURDOS CONGÊNITOS: UM  
ESTUDO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

**Janaína Aguiar Peixoto**

**Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes  
professores:**

---

**Prof. Dr. Fabrício Possebon (UFPB)  
Orientador**

---

**Profa. Dra. Evangelina Maria Brito de Faria (UFPB)**

---

**Profa. Dra. Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves (UFPB)**

**João Pessoa-PB**

**Ano  
2011**

## DEDICATÓRIA

Ao Deus vivo que me guia na caminhada, este Deus que não é um Deus longínquo, mas que se importa comigo antes mesmo do meu nascimento. Ao Senhor que me deu esta oportunidade maravilhosa de realizar este trabalho com sua bênção. Te amo Pai.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que acreditaram e investiram em mim. Mãe, te amo, pois além de ter me “ensinado o caminho em que se deve andar”, és a mulher que mais admiro no mundo porque você não ensina apenas com suas palavras mas acima de tudo com suas atitudes.

À minha avó, minha intercessora. Suas orações por mim são meu combustível.

Aos meus irmãos Vladimir e Diego. A admiração que vocês têm por mim, me faz cada dia mais acreditar que os meus sonhos podem se tornar realidade.

Ao meu amado marido Robson, que me inspira a conhecer o mundo dos surdos e descobrir que existe seres-humanos como ele, que são lindos por dentro e por fora.

Ao meu filho, que me ensinou o dom divino de ser mãe. Obrigada Jean Calebe por existir, pois graças a você olho a vida de outra maneira.

Ao meu admirável orientador Fabrício, que foi muito mais que isto, pois se tornou um grande amigo e me deu lições de vida até mesmo sem sentir.

À grande amiga Kátia, obrigada pela colaboração e incentivo desde o início da elaboração do projeto de pesquisa.

Ao meu pastor, Renan, por acreditar no ministério com surdos.

## RESUMO

O presente trabalho apresenta uma contextualização da mudança de visão quanto à pessoa com surdez no decorrer do tempo, onde o deficiente incapacitado passa a ser visto como uma pessoa bicultural, bilíngue, capaz de construir sua própria história, incluindo o desenvolvimento de sua forma peculiar de espiritualidade. Com isto esta pesquisa de campo qualitativa, realizada, na UFPB-Campus João Pessoa, com a comunidade surda pessoense, sobretudo, com os surdos congênitos, buscou analisar a rede de significação do sagrado desenvolvida por eles através de um estudo linguístico do vocabulário utilizado nas religiões, pretendendo assim, resgatar a essência da cultura surda partindo da realidade que as religiões são norteadoras de comportamentos nas culturas. Para a análise deste conceito de sagrado foi utilizado como instrumento a entrevista semi-estruturada com os vocábulos selecionados e a fundamentação teórica da pesquisa está baseada na visão sacralizada de mundo dos povos arcaicos, apresentada por Mircea Eliade. Tal procedimento aconteceu devido a análise comparativa da cosmovisão destes povos com a cosmovisão do povo surdo.

**Palavras-Chaves:** Surdos, Língua de Sinais, Sagrado, povos arcaicos.

## SUMÁRIO

|                                                                                           |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>LISTA DE FIGURAS .....</b>                                                             | <b>8</b>   |
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                   | <b>9</b>   |
| <b>1- OS TRÊS PILARES DA PESQUISA: O SAGRADO, A SURDEZ E A LÍNGUA DE SINAIS.....</b>      | <b>13</b>  |
| 1.1- SAGRADO, UMA VISÃO MÍTICA DO MUNDO .....                                             | 15         |
| 1.1.1- Rudolf Otto .....                                                                  | 15         |
| 1.1.2- Mircea Eliade .....                                                                | 17         |
| 1.2 - SURDEZ, UMA VIVÊNCIA VISUAL DO MUNDO.....                                           | 20         |
| 1.2.1- Um breve panorama histórico da comunidade surda.....                               | 20         |
| 1.2.2- A surdez .....                                                                     | 27         |
| 1.2.3- O Povo Surdo.....                                                                  | 33         |
| 1.3- A LÍNGUA DE SINAIS .....                                                             | 41         |
| 1.3.1- O status de língua natural .....                                                   | 43         |
| 1.3.2- O processo de aquisição de linguagem das crianças surdas .....                     | 53         |
| 1.3.3- Uma comunidade linguística .....                                                   | 55         |
| <b>2- PERCURSO METODOLÓGICO PARA UMA ANÁLISE DA LÍNGUA VISUO-ESPACIAL .....</b>           | <b>57</b>  |
| 2.1- OBJETIVOS .....                                                                      | 58         |
| 2.1.1-Objetivo Geral .....                                                                | 58         |
| 2.1.2-Objetivos específicos .....                                                         | 58         |
| 2.2.- PARTICIPANTES E LOCAL DA PESQUISA.....                                              | 59         |
| 2.3- INSTRUMENTO.....                                                                     | 60         |
| 2.4.- PROCEDIMENTOS E ASPECTOS ÉTICOS.....                                                | 73         |
| 2.5- INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....                                               | 73         |
| <b>3-O CONCEITO DE SAGRADO DOS SURDOS CONGÊNITOS: ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA .....</b> | <b>75</b>  |
| 3.1- SANTO.....                                                                           | 80         |
| 3.2- DEUS.....                                                                            | 84         |
| 3.3- CÉU .....                                                                            | 89         |
| 3.4- DIABO.....                                                                           | 90         |
| 3.5- ALMA .....                                                                           | 94         |
| 3.6- MORTE .....                                                                          | 100        |
| 3.7- PECADO .....                                                                         | 101        |
| 3.8- ORAÇÃO.....                                                                          | 103        |
| 3.9- FÉ.....                                                                              | 105        |
| 3.10- AMOR .....                                                                          | 107        |
| 3.11-O CONCEITO DE SAGRADO EM SURDOS CONGÊNITOS .....                                     | 109        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                          | <b>111</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>                                                                     | <b>114</b> |

|                           |            |
|---------------------------|------------|
| <b>ANEXOS .....</b>       | <b>117</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA .....</b> | <b>133</b> |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                     |     |
|---------------------------------------------------------------------|-----|
| FIGURA 1: Aparelho auditivo .....                                   | 27  |
| FIGURA 2: Audiometrias.....                                         | 29  |
| FIGURA 3: Valores acústicos médios.....                             | 30  |
| FIGURA 4: Sinais técnicos.....                                      | 44  |
| FIGURA 5: Evolução da língua.....                                   | 45  |
| FIGURA 6: Sinal icônico.....                                        | 46  |
| FIGURA 7: Um sinal icônico em LIBRAS é arbitrário em ASL .....      | 46  |
| FIGURA 8: Formação do sinal esposo.....                             | 47  |
| FIGURA 9: Quadro de Configurações de Mão.....                       | 48  |
| FIGURA 10: Exemplos do parâmetro locação.....                       | 49  |
| FIGURA 11: Movimento do sinal não gostar.....                       | 50  |
| FIGURA 12: Orientação no sinal desculpa.....                        | 50  |
| FIGURA 13: Exemplos de expressões faciais.....                      | 51  |
| FIGURA 14: Verbo Abraçar.....                                       | 51  |
| FIGURA 15: Distinção na utilização do verbo cair.....               | 52  |
| FIGURA 16: Verbo querer nas suas formas afirmativa e negativa ..... | 52  |
| FIGURA 17: Santo.....                                               | 61  |
| FIGURA 18: Santificar segundo o glossário cristão.....              | 62  |
| FIGURA 19: Santo, puro.....                                         | 62  |
| FIGURA 20: Deus.....                                                | 63  |
| FIGURA 21: Céu 1.....                                               | 63  |
| FIGURA 22: Céu 2.....                                               | 64  |
| FIGURA 23: Diabo 1.....                                             | 64  |
| FIGURA 24: Diabo 2.....                                             | 64  |
| FIGURA 25: Alma 1 e Fantasma.....                                   | 65  |
| FIGURA 26: Alma 2.....                                              | 66  |
| FIGURA 27: Alma 3 e espírito.....                                   | 66  |
| FIGURA 28: Morte.....                                               | 67  |
| FIGURA 29: Pecado 1.....                                            | 67  |
| FIGURA 30: Pecado 2.....                                            | 68  |
| FIGURA 31: Oração 1.....                                            | 68  |
| FIGURA 32: Oração 2.....                                            | 69  |
| FIGURA 33: Oração 3.....                                            | 69  |
| FIGURA 34: Fé 1 e 2 .....                                           | 70  |
| FIGURA 35: Fé 3.....                                                | 70  |
| FIGURA 36: Amor.....                                                | 71  |
| FIGURA 37: O mundo tripartido.....                                  | 78  |
| FIGURA 38: Sustentação do mundo.....                                | 79  |
| FIGURA 39: Escultura que representa Atlas.....                      | 79  |
| FIGURA 40: Deus olhando para os humanos.....                        | 85  |
| FIGURA 41: Inferno.....                                             | 93  |
| FIGURA 42: Segundo sinal de alma encontrado durante a pesquisa..... | 97  |
| FIGURA 43: Fiel .....                                               | 106 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                              |    |
|--------------------------------------------------------------|----|
| TABELA 1: Caracterização dos participantes da pesquisa)..... | 59 |
| TABELA 2: Análise da variação linguística).....              | 71 |

## INTRODUÇÃO

A experiência que tenho com a temática da surdez, teve seu início ainda na infância com amigos portadores de surdez, que fazem parte da minha vida até hoje. Esta vivência influenciou de forma notória a minha trajetória profissional. Iniciei um trabalho como intérprete de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), a língua oficial da comunidade surda do nosso país, ainda na adolescência, interpretando em ambiente religioso. E devido à carência de profissionais desta área, em questão de meses, eu já estava interpretando em eventos e trabalhando profissionalmente, contratada pela FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – RJ).

Desenvolvi uma carreira como Intérprete e Professora de Língua de Sinais, o que influenciou na minha escolha em fazer o curso de Fonoaudiologia, para me aprofundar na área da Surdez. Como fonoaudióloga meu trabalho é voltado para a área de exames audiológicos, e de procedimentos de diagnóstico da surdez. Na FUNAD (Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência) fui integrante durante três anos da equipe médica de laudo para o mercado de trabalho da pessoa com deficiência, atuando em vários municípios do estado da Paraíba.

Atuei como docente em três faculdades particulares da capital: FACENE (Faculdade de Enfermagem Nova Esperança), ASPER (Associação Paraibana de Ensino Renovado) e FAP (Faculdade Paraibana), ministrando a disciplina de Língua de Sinais. Atualmente, meu trabalho está focado no ensino público. Sou professora do quadro efetivo do IFPB (Instituto Federal da Paraíba) e professora do curso de graduação LETRAS/LIBRAS da UFPB (Universidade Federal da Paraíba).

No decorrer de minha vivência pessoal e profissional com as pessoas surdas, tenho observado a atuação nesta comunidade por parte de religiosos que possuem diferentes crenças. Estas ações voltadas a este público, como veremos na história desta comunidade, abordada neste trabalho, refletem na forte ligação entre religião e educação de surdos.

Percebe-se que, na história é dado um grande destaque à atuação de religiosos *na* comunidade surda, enquanto existe uma história paralela que é a atuação *da* comunidade surda nas religiões, ou seja, as manifestações das crenças destes sujeitos construtores de sua própria história, que normalmente não é relatada. Esta realidade foi o ponto crucial que motivou o estudo do objeto desta pesquisa, o conceito de sagrado dos surdos congênitos e o seu reflexo na mudança de visão sobre a pessoa com surdez.

A mudança de visão a que me refiro trata da adequação de papel, em que o ser considerado incapaz, passa a ser visto como integrante ativo, atuante nos rituais religiosos e chegando, em alguns casos, a ser representante de determinada fé, ou seja, um líder espiritual.

É notório que esta mudança de visão influencia a sociedade como um todo. Sociedade esta que antes tinha a visão do deficiente auditivo, necessitado de cura (na chamada visão clínica) e atualmente, passa a vê-lo como uma pessoa bilíngüe, com identidade cultural própria (na chamada visão sócio-antropológica). Nela os profissionais de diversas áreas relacionam-se com os surdos, respeitando suas particularidades culturais e visão de mundo própria.

Nesta perspectiva, incluir a pessoa com surdez no ambiente religioso, hoje, não se resume apenas em colocar um intérprete de Língua de Sinais e reservar cadeiras preferenciais no local sagrado, para que os mesmos apenas assistam os rituais religiosos realizados pelos ouvintes. No modelo atual, vemos surdos nas posições de: pastores, padres, missionários, professores de ensino religioso e seminaristas, atuando efetivamente nas missas, cultos e encontros religiosos, escrevendo assim um novo cenário religioso com suas próprias mãos.

Quando falamos de uma história construída pelos surdos, estamos afirmando literalmente que através da sua forma singular de comunicação, suas “mãos gritaram” e reivindicaram o direito de ser diferente. Trazendo em evidência esta luta antiga que nunca parou, e a cada ano que passa, tem se tornado mais forte através das conquistas.

Este respeito ao direito de ser diferente, tão reivindicado, leva-nos a refletir sobre a presença do multiculturalismo no ambiente religioso, e apresenta os surdos como um grupo minoritário integrado na comunidade

religiosa, que tem sua representação maior de ouvintes. Grupo este que participa das liturgias e rituais na religião da qual é adepto. Para exemplificar esta construção da democracia participativa, pensemos nos rituais mais simples e comuns à maioria das religiões, como os cânticos, as orações, rezas ou meditações.

Através das suas vozes, os ouvintes<sup>1</sup> expressam seus cânticos sagrados e os surdos, por sua vez, expressam estes mesmos cânticos através das mãos, e de expressões corporais. Além disso, também compõem músicas próprias em LIBRAS, que expressam beleza e fé, originadas de sua cultura.

O ritual de meditação, oração ou reza, de mãos dadas e olhos fechados, praticado tão corriqueiramente por um grupo de ouvintes, tem uma versão um tanto quanto diferente para os surdos. O surdo que está direcionando este momento de oração fecha os olhos e fica com as mãos livres para se expressar em língua de sinais, os demais ficam de mãos dadas e olhos abertos para ver a sinalização. Os dois integrantes do círculo, que estão ao lado do sinalizador, colocam uma de suas mãos sobre o ombro dele, pois o mesmo não pode dar as mãos, por estar movimentando-as.

É inegável a presença de várias peculiaridades como estas na realização dos rituais, bem como, na forma de expressão. E, porque não dizer na forma de percepção do sagrado, já que a construção de mundo do surdo é vívido-espacial? Esta visão, que ele tem do sagrado, por sua vez, norteia seu comportamento e sua visão de mundo como um todo.

Desse modo, entender o quê os surdos definem como ser religioso e a visão deste mundo simbólico de crenças que ele está inserido, significa olhar para os 40 anos de religiosidade no Brasil, voltada para uma evangelização de surdos e perceber a evolução desta história, na qual o ouvinte está cada vez mais saindo do palco deste cenário e dando lugar aos líderes espirituais surdos para que, mesmo sendo uma comunidade minoritária, os surdos tenham liberdade de construir sua própria história. Pois, como vimos, independente de sua crença, eles têm suas convicções de fé. São atuantes nos ambientes religiosos e grandes formadores de opiniões, sejam testemunha de Jeová, evangélicos, espíritas, católicos ou budistas.

---

<sup>1</sup> Ouvintes: termo utilizado na comunidade surda para as pessoas que ouvem e não tem nenhum déficit auditivo.

Sendo assim, ciente desta necessidade de retratar a postura religiosa da comunidade surda pessoense, entendendo que a mesma possui identidade, língua e cultura que as caracterizam de maneira peculiar, a proposta do presente trabalho consistiu no estudo lingüístico do vocabulário religioso encontrado em LIBRAS. Partindo assim dos conceitos e da rede de significação base para a construção de identidade religiosa destes indivíduos, levando em consideração os sinais específicos de cada religião (variação lingüística).

A fim de que, através de uma análise linguística comparativa, entre o conceito de sagrado dos surdos congênitos e o conceito de sagrado dos povos ditos arcaicos, seja possível verificar se os surdos possuem a visão de mundo “mítica” ou “sacralizada” (na visão teórica de Mircea Eliade), mesmo estando num contexto multicultural.

Contribuindo assim, com dados para uma satisfatória inclusão social nos ambientes religiosos, partindo do respeito às diferenças, reconhecendo que a postura religiosa dos surdos é autêntica, sincera, e singular, embora possa ser diferente da nossa.

Para tanto, o presente trabalho, no primeiro capítulo, introduzirá os assuntos a serem abordados, através de uma visão panorâmica sobre a união de três temas que fundamentam a pesquisa, o sagrado, a surdez e a língua de sinais. Após esta contextualização inicial, no segundo capítulo, veremos o percurso metodológico para uma análise da língua visuo-espacial. E finalmente, no terceiro capítulo abordaremos o conceito de sagrado dos surdos congênitos (“surdos de nascença”).

## 1. OS TRÊS PILARES DA PESQUISA: O SAGRADO, A SURDEZ E A LÍNGUA DE SINAIS

*"A profunda nostalgia do homem religioso é habitar um 'mundo divino', ter uma casa semelhante à 'casa dos deuses', tal qual foi representada mais tarde nos templos e santuários. Em suma, essa nostalgia religiosa exprime o desejo de viver num Cosmos puro e santo, tal como era no começo, quando saiu das mãos do Criador."*  
(Eliade 2010, p.61)

Atualmente, ainda existe espanto quando alguém observa a união de duas palavras que a priori eram inconciliáveis: ciências e religiões. O percurso histórico até chegar a este termo, por si só já demonstra que o espanto ou o estranhamento é relevante, pois a contraposição entre ciência e religião sempre foi algo muito latente.

Historicamente, esses objetos de pesquisa,, travaram uma guerra para ocupar a posição de domínio do saber. Alves (1981, p. 9-10) descreve esta disputa de forma prática. Segundo ele, na antiguidade era considerada uma anomalia uma pessoa não ser religiosa, enquanto na contemporaneidade, ser religioso não é obrigatório, muito pelo contrário, considera-se questão de normalidade declarar a não religiosidade. Afirma, ainda, que a religião, embora não tenha sido extinta, perdeu sua posição de outrora:

Não se pode negar que ela [a religião] já não pode freqüentar aqueles lugares que um dia lhe pertenceram: foi expulsa dos centros do saber científico e das câmaras onde se tomam as decisões que concretamente determinam nossas vidas. Na verdade, não sei de nenhuma instância em que os teólogos tenham sido convidados a colaborar na elaboração de planos militares.

Ao refletir sobre esta área do conhecimento, formada por duas palavras consideradas antagônicas, defino-a como uma ciência que estuda a essência do ser humano, pois a partir do momento que existe homem na Terra, existe a busca de respostas quanto a sua própria significação. Ao buscar respostas para as questões que vão além da sobrevivência, como origem, sentido e

finalidade da sua vida, surge então a religião. Fenômeno este, estudado pelas Ciências das Religiões.

Segundo GRESCHAT (2005, p. 24), “a religião como totalidade, torna-se um divisor de águas entre cientistas da religião e outros cientistas que se ocupam apenas esporadicamente da religião.”

Um *saber sobre religiões* já era comprovado desde a antiguidade grega, porém, a *Ciência da Religião* como matéria acadêmica nas universidades européias oficializou-se somente na segunda metade do século XIX (USARSKI, 2006 p. 15).

Mesmo sendo considerada uma Ciência “caloura”, ou seja, novata nas universidades, as Ciências das Religiões têm atraído uma gama de pesquisadores oriundos de diversas áreas do conhecimento, fato este que enriquece sobremaneira esse campo de estudos. Concordo com FILORMANO (1999, p. 5-6), quando afirma que:

Nunca como hoje a religião foi objeto de tantos estudos por parte das mais variadas disciplinas. E hoje, mais do que nunca, permanece viva e inevitável a exigência de globalidade e de sentido, que caracterizou a pesquisa dos pioneiros das ciências das religiões.

Por esta razão, a atual pesquisa aconteceu no campo das Ciências das Religiões, pois com esta visão pluralista e interdisciplinar, a reflexão será abrangente e global. À luz das reflexões de alguns autores, pesquisadores da Língua de Sinais, como: Skliar (2005), Quadros (2004) e Strobel (2007); teóricos da linguística: Vosler (1959), Saussure (1995) e Vigotsky (2001) e, estudiosos da área de ciências das religiões como: Otto (2007) e Eliade (2010), abordaremos a temática proposta.

Para tanto, faz-se necessário destacarmos separadamente os três pilares do presente estudo: o sagrado, a surdez e a língua de sinais. Esta divisão objetiva expor de forma clara os principais fundamentos da pesquisa que tornaram possível a união destes dois temas.

## 1.1- SAGRADO, UMA VIVÊNCIA MÍTICA DO MUNDO

Partindo da realidade de que as religiões são norteadoras de comportamentos nas culturas, ao fazer esta pesquisa, no contexto religioso da comunidade surda, tentando captar a essência desta cultura. Segundo Savioli (2006;p:37):

A Religião é um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos que facilitam a aproximação com o sagrado ou transcendente (Deus, força superior, última verdade, etc.) e para nortear o comportamento humano dentro da sociedade de modo a se viver com entendimento e solidariedade.

Para entender o que significa esta “aproximação com o sagrado”, citada pelo autor, o significado do termo sagrado, propriamente dito, e a vivência mítica<sup>2</sup> do mundo, é de primordial relevância abordar a seguir, de forma resumida, um pouco sobre os estudos de dois grandes autores que consagraram este termo atualmente utilizado no meio acadêmico.

### 1.1.1- Rudolf Otto

Teólogo evangélico alemão, de renome internacional, nasceu em 25 de setembro de 1869. Sua obra *O Sagrado*<sup>3</sup> que teve repercussão mundial, com sua primeira edição em 1917, destacou-se por sua originalidade, pois, na época, embora o comum fosse escrever sobre religião e Deus, mas o doutor em teologia Rudolf Otto fez a diferença ao analisar a experiência religiosa e não a religião e seus dogmas.

Com o passar do tempo, o reconhecimento de seu legado veio por parte de vários teóricos de renome, como Eliade (2010,p:15) que ao falar do escritor alemão não poupa palavras:

---

<sup>2</sup> Por ter sua origem da palavra mito, este termo nos remete ao conceito que internalizamos como algo falso, mas a teoria do mito proposta por Mircea Eliade demonstra que o mito é sempre verdadeiro não há outra possibilidade para os tempos primordiais. Contudo não basta apenas o conhecimento para a existência do mito, é necessária sua vivência, como podemos constatar no resumo da teoria do mito apresentada por Possebon (2008, p:20): “Aquilo que o deus comunicou ao homem é o mito, ao qual foi respondido por um rito, conjunto de procedimento que revelam a submissão ao sagrado. Para que o efeito positivo seja mantido e o maléfico seja evitado, é necessária a repetição periódica do rito, no local e data sagrados.”

<sup>3</sup> *Das Heilig* é o nome original da obra traduzida para *O Sagrado*.

Dotado de grande refinamento psicológico e fortalecido por uma dupla preparação de teólogo e historiador das religiões, Rudolf Otto conseguiu esclarecer o conteúdo e o caráter específico dessa experiência.[...]Otto voltou-se sobretudo para o lado irracional, pois tinha lido Lutero e compreendia o que quer dizer, para um crente o “Deus vivo”. Não era o Deus dos filósofos, o Deus de Erasmo, por exemplo; não era uma idéia, uma noção abstrata, uma simples alegoria moral. Era pelo contrário, um *poder* terrível, manifestado na “cólera” divina.

Como vimos, o autor do best-seller, O Sagrado, vai além da idéia que o Iluminismo faz de Deus, Otto ressalta o sentimento de temor e estremecimento diante a majestade e superioridade esmagadora de Deus. Ele, ainda, afirma que “Um deus compreendido não é Deus”. Sendo assim, para o autor, “O Sagrado, no sentido pleno da palavra é uma categoria composta. Ela apresenta componentes racionais e irracionais (OTTO 2007,p:150).”

Com base nesta dualidade, o autor ressalta o lado irracional da experiência religiosa para fazer uma tentativa de definição do termo que ele utiliza como título de sua obra. Conceito este que vai muito além do atributo moral de algo perfeito e bom, embora o termo abranja isso. Ao dizer tentativa de definição, refiro-me à complexidade desta tarefa expressada pelo próprio autor ao citar termos que reforçam esta idéia:

Detectar e reconhecer algo como sendo “sagrado” é, em primeiro lugar, uma avaliação peculiar que, nesta forma, ocorre, somente no campo religioso. Embora também tanja outras áreas, por exemplo, a ética, não é daí que provém a categoria do sagrado. Ela apresenta um elemento ou “momento” bem específico, que foge ao acesso racional no sentido acima utilizado, sendo algo *àrretton* [“impronunciável”] e um *ineffabile* [“indizível”]. (OTTO 2007,p:37)

Mesmo assim, o autor foi a fundo na missão de definir este algo desconhecido, o “totalmente outro vivenciado”, o sobrenatural que foge ao entendimento racional. Otto (2007, p:38) esclarece:

O elemento de que estamos falando e que tentaremos evocar no leitor está vivo em todas as religiões, constituindo seu mais íntimo cerne, sem qual nem seriam religiões. Presença marcante ele tem nas religiões semitas, e de forma privilegiada na religião bíblica. Ali ele também apresenta uma designação própria, que é o *hebraico* qadôsh, ao qual corresponde com o grego *hágios*, e o latino *sanctus*, e com maior precisão ainda *sacer*. Não há dúvida de que em todos os

três idiomas esses termos, no ápice do desenvolvimento e da maturidade da idéia, designam também o “bom”, o bem absoluto. Então usamos o termo “heilig/santo” para traduzi-los.

### 1.1.2- Mircea Eliade

Escritor e historiador romeno nascido em Bucareste, Romênia. Considerado o mais importante e influente especialista em história e filosofia das religiões, ficou conhecido pelas pesquisas que empreendeu sobre a linguagem simbólica das diversas tradições religiosas.

Na Introdução do livro *O Sagrado e o Profano* (2010), Eliade, faz menção ao nome de Otto ressaltando o valor de sua obra e a repercussão de suas idéias, porém, logo esclarece a diferença existente entre as abordagens dele e do escritor alemão.

Através de uma descrição comparada das religiões (desde as mais arcaicas), o escritor romeno tenta demonstrar a evolução, origem e forma da experiência religiosa do homem. A idéia do autor não é abordar a relação entre os elementos racionais e irracionais que estão contidos no fenômeno do sagrado, e sim o “sagrado na sua totalidade”, para tanto é alvo de análise desta obra a oposição entre sagrado e o profano.

A abordagem ressalta de que maneira a experiência religiosa aparece na existência do homem, isto é, a manifestação do sagrado ou “Hierofania”, como o autor denomina. Sendo assim, apresenta modalidades de experiência: a sagrada e a profana, isto é, dois modos de ser-no-mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem e que dependem das conquistas que fizeram do Cosmo.

Os dois mundos são delimitados, pois há uma distância entre os dois modos de ser, o religioso e o profano. O recinto sagrado está separado do profano. Neste recinto, dito sagrado, o homem se comunica com os deuses, tornando-o qualitativamente diferente do resto do mundo.

Os locais escolhidos para a construção desses recintos “sagrados”, ao longo da história, foram revelados. Segundo o autor, um sinal qualquer basta para indicar a sacralidade do lugar, um sonho, um animal doméstico ou selvagem, etc. Em cada caso específico, as hierofanias anulam a

homogeneidade do espaço e revelam um “ponto fixo”. Sendo assim, o sagrado é colocado como sendo o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade.

O estudo comparado feito pelo autor com os povos arcaicos<sup>4</sup> traz uma riqueza de dados desta forma mítica de vivenciar o mundo, pois estes povos não conheciam outra forma de viver se não em comunhão com a divindade, como podemos conferir na afirmativa abaixo:

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o *sagrado* equivale ao *poder* e, em última análise, à *realidade* por excelência. (ELIADE 2010,p:18)

Outro dado resultante deste estudo registrado nesta obra, é o cosmos enquanto território habitado e conhecido como sendo obra dos deuses ou em comunicação com o mundo deles. Em contrapartida, o caos é o espaço desconhecido e indeterminado, estrangeiro por natureza, e povoado de espectros, demônios, etc.

Esse caos pode ser modificado através do trabalho, organizando-o, dando-lhe uma estrutura, formas e normas. O autor também referencia a consagração de um lugar, compreendendo-a como ser a organização de um espaço. Daí a íntima relação entre cosmização e consagração. Nessa ótica a existência humana só é possível devido à comunicação humana com o Céu.

Nesta obra, destacam-se ainda os três níveis cósmicos: Terra, Céu e regiões inferiores, caracterizado por meio de uma coluna universal, *Axis Mundi*, que liga e sustenta o Céu e a Terra, e cuja base se encontra cravada no mundo de baixo (“Inferno”).

O simbolismo do centro do mundo explica outras séries de imagens cosmológicas e crenças religiosas, como: as cidades santas e os santuários que estão no centro do mundo, os templos são réplicas da Montanha cósmica

---

<sup>4</sup> Nesta perspectiva, o povo arcaico não é primitivo e nem inferior, mas possui uma visão de mundo própria, que ele chama sacralizada ou mítica

e, conseqüentemente, constituem a “ligação” por excelência entre a Terra e o Céu.

E, ainda, é graças ao Templo que o Mundo é ressanificado na sua totalidade. Seja qual for seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários. A experiência com o sagrado possibilita a própria fundação do mundo, não existe uma realidade sem uma hierofania.

A multiplicidade, até mesmo a infinidade dos Centros do Mundo não traz quaisquer dificuldades para o pensamento religioso. Porque não se trata do espaço geométrico, mas de um espaço existencial e sagrado, que apresenta uma estrutura totalmente diferente e que é suscetível de uma infinidade de rupturas e, portanto, de comunicações com o transcendente. Mediante a esta facilidade do homem que viveu neste mundo sacralizado, de acreditar em todos estes simbolismos, é possível refletir sobre a nossa atual forma de ver o mundo, chamada de dessacralizada pelo autor.

Não é nossa tarefa mostrar mediante quais processos históricos, e em conseqüência de que modificações do comportamento espiritual, o homem moderno dessacralizou seu mundo e assumiu uma existência profana. Para o nosso propósito, basta constatar que a dessacralização caracteriza a experiência total do homem não-religioso das sociedades modernas, o qual, por essa razão, sente uma dificuldade cada vez maior em reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas. (ELIADE, 2010, p.19)

Partindo desta reflexão comparativa entre a forma sacralizada ou mítica do homem dito arcaico com a atual forma de viver dessacralizada, do homem moderno, é preponderante refletirmos também sobre a relação com o sagrado dos surdos congênitos.

Esta reflexão justifica-se por ser a comunidade surda, uma sociedade minoritária diferente da dos ouvintes, com traços culturais peculiares e língua que possui algumas semelhanças com línguas indígenas, grega, dentre outras estudadas por Eliade.

Pautados nesses princípios, surge a hipótese desta pesquisa: o conceito de sagrado dos surdos congênitos tem maior aproximação com o conceito de

sagrado dos povos ditos arcaicos. O desafio desta pesquisa é avaliar lingüisticamente em que medida a aproximação proposta, entre o conceito de sagrado dos surdos com a noção dos povos arcaicos revelou-se válida; o quanto se afasta da realidade e em que pontos parecem convergir ou divergir.

Vale salientar que a conclusão sobre a aproximação, aferida pela pesquisa de campo, não terá validade universal, mas se limitará ao recorte proposto. Ao finalizar o presente trabalho, a pretensão é obter uma melhor compreensão da realidade religiosa dos surdos.

Para tanto, precisamos fazer uma breve “viagem ao mundo dos surdos”, para que esta pesquisa esteja fundamentada com os conhecimentos básicos necessários a fim de tornar possível a análise proposta no presente estudo, pois para Eliade (2010, p:135), “o único meio de compreender um universo mental alheio é situar-se *dentro dele*, no seu próprio centro, para alcançar, a partir daí, todos os valores que esse universo comanda.”

## **1.2- SURDEZ, UMA VIVÊNCIA VISUAL DO MUNDO**

Para um embasamento teórico básico desta vivência visual do mundo, iniciaremos com um resumo histórico da comunidade surda, em seguida apresentaremos as visões clínica e sócio-antropológica sobre a surdez, para finalmente abordarmos sobre: o Povo Surdo (sua identidade e cultura).

### **1.2.1- Um breve panorama histórico da comunidade surda**

Ao fazer uma retrospectiva da história dos Surdos, é impossível ignorar a forte presença da religião, como fator determinante para as atitudes da Sociedade Majoritária (os ouvintes), em relação a esta parcela da sociedade minoritária denominada de Comunidade Surda.

Pensar na construção histórica desta comunidade é analisar as diversas mudanças de opinião das religiões, recheadas de contradições, com o passar do tempo: ora a religião amaldiçoava a pessoa com surdez e determinava que fosse lançada ao mar, sacrificada aos deuses ou lançada do alto dos rochedos em rituais religiosos; ora era adorada, como se fosse um deus, servindo de

mediador entre os deuses e os governantes e sendo temida e respeitada pela população.

Ainda neste festival de controvérsias, Aristóteles ensinava que os que nasciam surdos, por não possuírem linguagem, não eram capazes de raciocinar. O que influenciou os religiosos a proibi-los de participarem dos sacramentos (CAPOVILLA, 2008, p.1480).

Na Idade Média, os surdos eram proibidos de receber a comunhão, porque eram incapazes de confessar seus pecados através da fala. No âmbito jurídico, existiam decretos contra o casamento de duas pessoas surdas, leis que proibiam os surdos de receber herança, de votar e, enfim, da garantia de todos os direitos como cidadãos.

Porfim, na Idade Moderna, segundo Quadros (2006, p. 17), Girolamo Cardano (1501-1576), médico e filósofo, reconheceu a habilidade do surdo para a razão. Ele utilizava a língua de sinais e a escrita com os surdos. A partir desta mudança de visão, então, começou a surgir grandes educadores de surdos. Como nesta época a educação estava vinculada à religião, os pioneiros nesta empreitada foram os religiosos.

Ao falar do papel da Igreja nos primórdios da educação de surdos, REILY (2007, p. 323-324), afirma:

Historicamente, a escolarização do surdo esteve estreitamente vinculada à tradição educacional estabelecida desde a época da Igreja monástica, tanto pela questão dos sinais criados para a comunicação silenciosa, como pelo ministério da Igreja católica dirigida aos surdos da congregação.

Vários nomes de educadores de surdos constam na história como os dos alemães, Samuel Heineck (1729-1790) e Alexander Graham Bell (1847-1922), do inglês Thomas Braidwood (1715-1786), porém os nomes que jamais estão ausentes nos históricos da comunidade surda contidos nas diversas literaturas<sup>5</sup> e que ganham o maior destaque por elas, são os nomes dos religiosos pioneiros na educação de surdos. Dentre eles temos: o monge

---

<sup>5</sup> Dos diversos livros que abordam o histórico da comunidade surda e que fazem este destaque, selecionei alguns exemplos: FELIPE (2001, p.120), CAPOVILLA (2008, p.1480). SALLES (2004, p.54), QUADROS (2006, p.18), STROBEL (2008, p. 91).

benedictino Pedro Ponce de Leon (1501-1576), padre Juan Pablo Bonet (1573-1633), o abade Charles Michael de L'Eppé (1712-1789), e o Reverendo Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851).

O espanhol Pedro Ponce de Leon foi o primeiro professor de surdos e criador do alfabeto bimanual. Significou na história do povo surdo mundial o direito de educação e dignidade como cidadão, com direitos legais, inclusive de receber herança. Ele ensinava os primogênitos das famílias nobres para que pudessem receber a herança.

Ainda na Espanha, Juan Pablo Bonet atraiu a atenção de intelectuais ao publicar o primeiro livro sobre a educação de surdos em 1620. Criou o alfabeto unimanual com o objetivo específico de ensinar o surdo a ler, no entanto proibiu o uso da língua gestual.

Em 1712, na França, nasce um homem cujo o nome é celebrado até hoje pela comunidade surda mundial com grande destaque, o abade Charles Michael de L'Eppé. Ele observou e aprendeu a forma de comunicação gestual dos surdos que perambulavam nas ruas, e ao invés de proibi-los de usarem esta modalidade de comunicação usou este recurso para a instrução destas pessoas, unindo-a ao alfabeto manual francês que ele criou, para alfabetizá-los.

Dessa forma, criou, então, em sua casa, com recursos próprios, a primeira escola de surdos, que, mais tarde, tornou-se o Instituto Nacional de Surdos-Mudos<sup>6</sup> em Paris, mantido pelo governo. Seu método de ensino espalhou-se por todo o mundo, pois o mesmo abria as portas para estrangeiros e seus discípulos disseminavam seus métodos, implantando escolas na Europa e em vários continentes, inclusive aqui no Brasil.

O americano Thomas Hopkins Gallaudet, sabendo do sucesso da educação de surdos na Europa, foi à Inglaterra e, posteriormente, à França em busca de informações, pois seu sonho era fundar uma escola nos E.U.A. Sua busca foi válida, pois recebeu aulas com Laurent Clerc, discípulo de L'Eppé.

De volta aos E.U.A, com o auxílio de Clerc, fundou a American School for Deaf. Este pioneiro na educação de surdos nos E.U.A teve grande influência para que, mesmo depois de sua morte, fosse criada a primeira

---

<sup>6</sup> Na época ainda era utilizado o termo surdo-mudo que só é modificado na década de 50 através de estudos e discussões em todo mundo na área da surdez (ROCHA 2007. p:57).

universidade nacional para surdos (Universidade Gallaudet) em Washington, instituição que é referência mundial no ensino superior de surdos.

Vale ressaltar que alguns nomes na história dos surdos são raramente citados. Estes nomes a que me refiro, trata-se de educadores surdos com papéis relevantes nesta construção histórica. Em relação a esta falta de reconhecimento, bem como a omissão de seus nomes nos históricos tradicionais sobre a comunidade surda, a escritora STROBEL (2008, p. 91 e 88) desabafa:

Onde estão os atos históricos dos sujeitos surdos compartilhando e liderando as lutas ao lado do povo surdo? São deixados às margens? [...] Pois na verdade, a história dos surdos em padrões tradicionais não produz a história legítima dos povos surdos, que seriam localizadas nos discursos das associações de surdos líderes, da pedagogia surda, de movimentos políticos dos povos surdos e outros.

Nesta história legítima, citada pela referida autora, surgem nomes como: Ferdinand Berthier, Laurent Clerc e Ernest Huet, todos franceses e discípulos de L'Eppé.

Berthier foi professor de surdos e escritor da biografia de L'Eppé e Laurent Clerc, pedagogo, teve grande importância para a educação de vários países, mas sua atuação ganhou destaque nos EUA como professor de Gallaudet.

O professor Ernest Huet chegou ao Brasil em 1855, e fundou o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) em 1º de Janeiro de 1856. Isto foi possível, pois Huet apresentou um relatório ao Imperador D. Pedro II, informando sua experiência na França como diretor de uma escola para surdos e da necessidade de haver uma instituição como esta no país. O INES é considerado o berço da Língua Brasileira de Sinais, a LIBRAS.

Como é notório na história, a partir de L'Eppé o método de ensino que utilizava a Língua de Sinais como língua de instrução, cresceu em todo o mundo. Esta época foi denominada de “período áureo” na educação de surdos em todo o mundo. Nesta época, havia uma celebração anual chamada de

“Banquete de surdos”, onde a comunidade surda mundial se reunia para celebrar a memória de L’Eppé e os progressos de sua metodologia.

Entretanto, este método, ao mesmo tempo em que cresceu e ganhou vários adeptos, provocou, também, na mesma proporção de força, um movimento de oposição por parte dos educadores de surdos que defendiam e propagavam o método oralista puro<sup>7</sup>.

Isto posto, no Congresso Internacional de Educadores, que aconteceu em Milão em 1880, se concretizou o desejo do movimento oralista de proibição do uso da língua de Sinais na educação de surdos, em nível mundial, e adoção do oralismo puro, como o único método permitido na educação de surdos a partir daquela data. Neste congresso, os professores e diretores surdos foram expulsos do recinto onde acontecia a reunião para esta decisão e impedidos de votarem.

Dentre as várias conseqüências oriundas desta decisão, temos: o desemprego dos professores e diretores surdos que eram substituídos por ouvintes; A vigilância nas escolas para não haver a utilização da língua de sinais<sup>8</sup> e a queda de qualidade do ensino devido à supervalorização da oralização. Quanto a este marco na história dos surdos, SKLIAR (2005, p.16) salienta:

Ainda que seja uma tradição mencionar seu caráter decisivo, o Congresso de Milão, de 1880 – onde os diretores das escolas para surdos mais renomadas da Europa propuseram acabar com o gestualismo e dar espaço à palavra pura e viva, a palavra falada – não foi a primeira oportunidade em que se decidiriam políticas e práticas similares. Essa decisão já era aceita em grande parte no mundo inteiro. Apesar de algumas oposições, individuais e isoladas, o referido congresso constituiu não o começo do ouvintismo e do oralismo, mas sua legitimação oficial.

---

<sup>7</sup> O oralismo puro é uma filosofia educacional que proíbe o uso da Língua de Sinais e utiliza a língua oral como língua de instrução. Sendo assim as aulas são ministradas somente por meio da língua oral (fala). O objetivo desta filosofia é a oralização, ou seja, o ensino da fala e de leitura orofacial (leitura labial) para surdos.

<sup>8</sup> Tive a oportunidade de conhecer alguns surdos idosos do Rio de Janeiro, minha terra natal, que vivenciaram este momento educacional no INES, que costumam relatar como se escondiam no banheiro para fazer uso da sua língua natural e como eram castigados. O uso da língua de sinais no ambiente educacional era mal-visto até início da década de 80.

O referido autor (2005, p. 15) chama de ouvintismo o que ele define como:

Um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. (SKLIAR, 2005, p. 15)

Em resposta a prática oralista, no século XX, com o apoio de estudos lingüísticos que reconheceram a língua de sinais como língua natural da comunidade surda, novas filosofias educacionais surgiram: a Comunicação Total<sup>9</sup>, na década de 60 nos E.U.A, chegando aqui no Brasil na década de 80 e o Bilingüismo,<sup>10</sup> criado na Suécia na década de 70 e que chegou em nosso país na década de 90.

Vale ressaltar que, 100 anos depois, o mesmo congresso de educadores lançou um novo regimento que determinou o uso da Língua de Sinais na educação de surdos e adotou a filosofia do bilingüismo como único caminho a ser seguido.

Foi exatamente na década de 1980 que surgiram os primeiros intérpretes de Língua de Sinais no Brasil. A profissão, legalizada oficialmente apenas em 2010 (Anexo 2), aqui não fugiu a realidade histórica dos outros países,<sup>11</sup> na qual os intérpretes iniciaram de forma assistencialista sua atuação em ambientes religiosos. Nesta década, também são intensificados os trabalhos religiosos voltados para a comunidade surda brasileira.

---

<sup>9</sup> Comunicação Total é a filosofia educacional também chamada de bimodalismo que utiliza de vários recursos para a comunicação. Prega que, ao se comunicar, a pessoa surda deve oralizar e sinalizar ao mesmo tempo. Ao surgir esta filosofia, muitos sinais foram acrescentados à língua na tentativa de fazer a equivalência com a língua oral. Como exemplo disso, temos as conjunções e preposições, que até hoje não fazem sentido na Língua de Sinais pura.

<sup>10</sup> Bilingüismo é a filosofia educacional que respeita a gramática das duas línguas, utilizando-as em momentos distintos. Esta filosofia tem como objetivo habilitar a pessoa surda para a comunicação com ouvintes através da língua oral do seu país (na modalidade escrita ou falada) e com surdos através da língua de sinais do seu país. A língua de instrução é a língua de sinais e o intérprete tem grande atuação neste contexto bilíngüe.

<sup>11</sup> Como exemplo na Suécia, a primeira aparição do intérprete de Língua de Sinais foi em trabalhos religiosos, em 1875 e nos E.U.A em 1815, o primeiro intérprete citado na história, o Reverendo Gallaudet, interpretava para Laurent Clerc, surdo francês que estava no país para promover a educação de surdos (SALLES, 2004:p 13-14).

Atualmente, em nosso país, estamos vivendo um momento histórico importantíssimo, em que uma lei brasileira<sup>12</sup> reconhece a cultura surda, bem como o uso da língua materna desta comunidade (Anexo 1).

Temos o recém<sup>13</sup> inaugurado Instituto Superior Bilíngüe, que funciona no INES, uma experiência pioneira na América Latina. Ainda, no ensino superior é notório que o crescimento e consolidação do ensino à distância favoreceu o surgimento do curso de licenciatura LETRAS/LIBRAS em duas universidades federais: a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) em 2006 e a UFPB (Universidade Federal da Paraíba) em 2010, que atualmente são responsáveis por atingir vários pólos do país.

Enfim, consideramos que estamos nos direcionando rumo à construção de uma nova época áurea que, com certeza, não será igual, até pelo fato de não estarmos no mesmo momento histórico. Consideramos uma grande conquista histórica, o fato de recuperarmos, aos poucos, a existência de professores surdos, mestres, doutores, enfim, acadêmicos que estão produzindo e pesquisando para uma melhoria na educação de surdos e obtendo, conseqüentemente, o fortalecimento desta comunidade.

Estas conquistas são celebradas não em “Banquetes de surdos”, como no primeiro período áureo, mas nas celebrações anuais do Dia Internacional de Surdos (30 de Setembro) e aqui, no Brasil, no Dia Nacional de Surdos (26 de Setembro).

Com base neste histórico vamos entender então o que é surdez. Ao abordarmos o tema, conseqüentemente, duas formas de pensar sobre o assunto vêm à tona, a visão clínica da surdez e a visão sócio-antropológica. Abordaremos de forma bem sucinta a primeira visão, pois o presente trabalho é norteado pela ótica sócio-antropológica.

---

<sup>12</sup> Decreto nº 5.626/05 que regulamenta a Lei nº 10.436/02: “Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.” [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acessado em 17/05/2009. A lei está na íntegra no Anexo.

<sup>13</sup> Em 18 de agosto de 2005, foi autorizado o funcionamento do Curso Normal Superior, licenciatura, habilitações para o Magistério para os anos iniciais do ensino fundamental do INES. O primeiro vestibular para ingresso no Curso foi realizado em 2006, quando começou a funcionar o Curso Normal Superior Bilíngüe do INES.

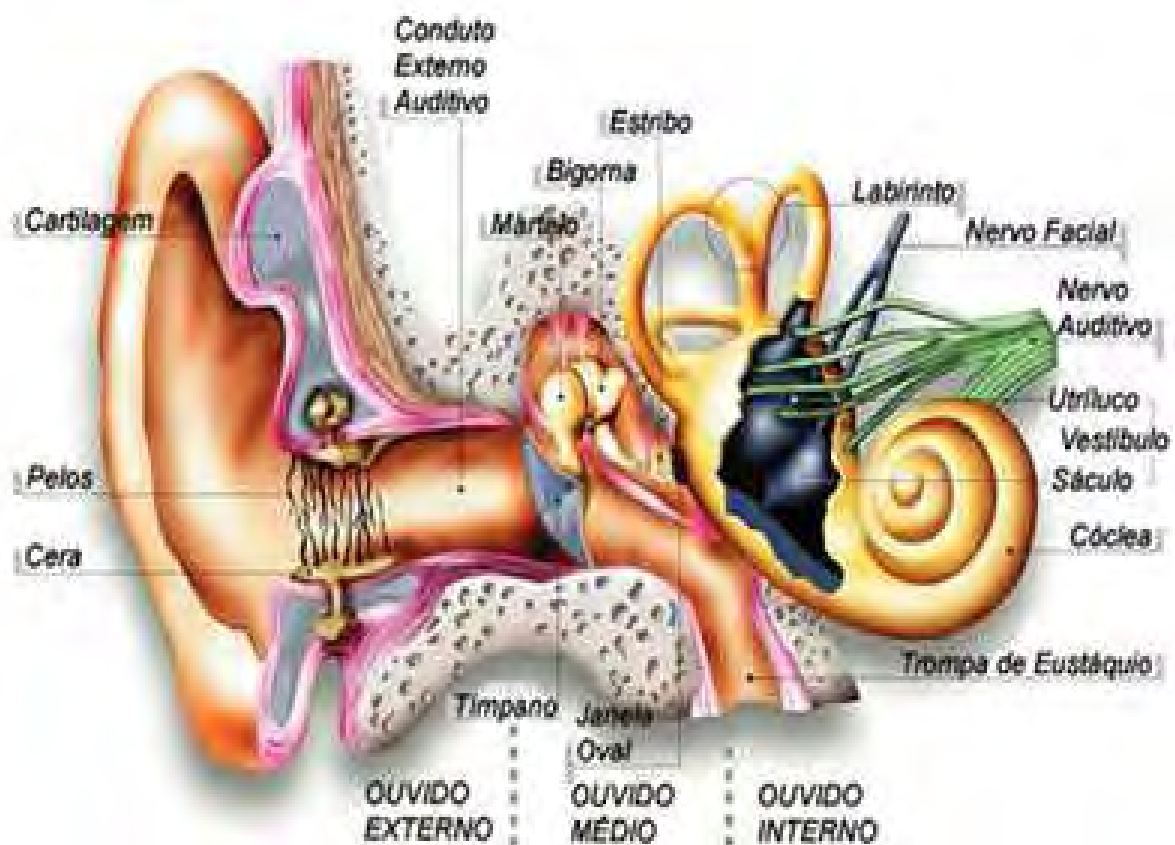
### 1.2.2- A Surdez

Veremos a seguir duas formas de tratar o assunto surdez, que coexistem atualmente.

#### I- A visão tradicional ou visão clínica

A surdez, sob uma perspectiva clínica, é denominada como deficiência auditiva, perda auditiva, hipoacusia ou disacusia, sendo definida como a redução ou ausência da capacidade de ouvir determinados sons, devido a fatores que afetaram os ouvidos externo, médio e/ou interno.

FIGURA 1: Aparelho auditivo



(Fonte: medicina geriátrica<sup>14</sup>).

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.medicinageriatria.com.br> Acesso em 7/09/2010.

Esta divisão anatômica do aparelho auditivo expressa a distribuição das funções distintas, na fisiologia da audição, nas áreas correspondentes. Ao ouvido externo é atribuída a função de captar e conduzir as ondas sonoras até o ouvido médio que, por sua vez, conduz as ondas sonoras até o ouvido interno. A função principal do ouvido interno é transformar as ondas em impulso nervoso, enviando-as ao córtex cerebral através do ramo coclear, que junto ao ramo vestibular, formam o VIII par craniano (nervo vestibulo-coclear).

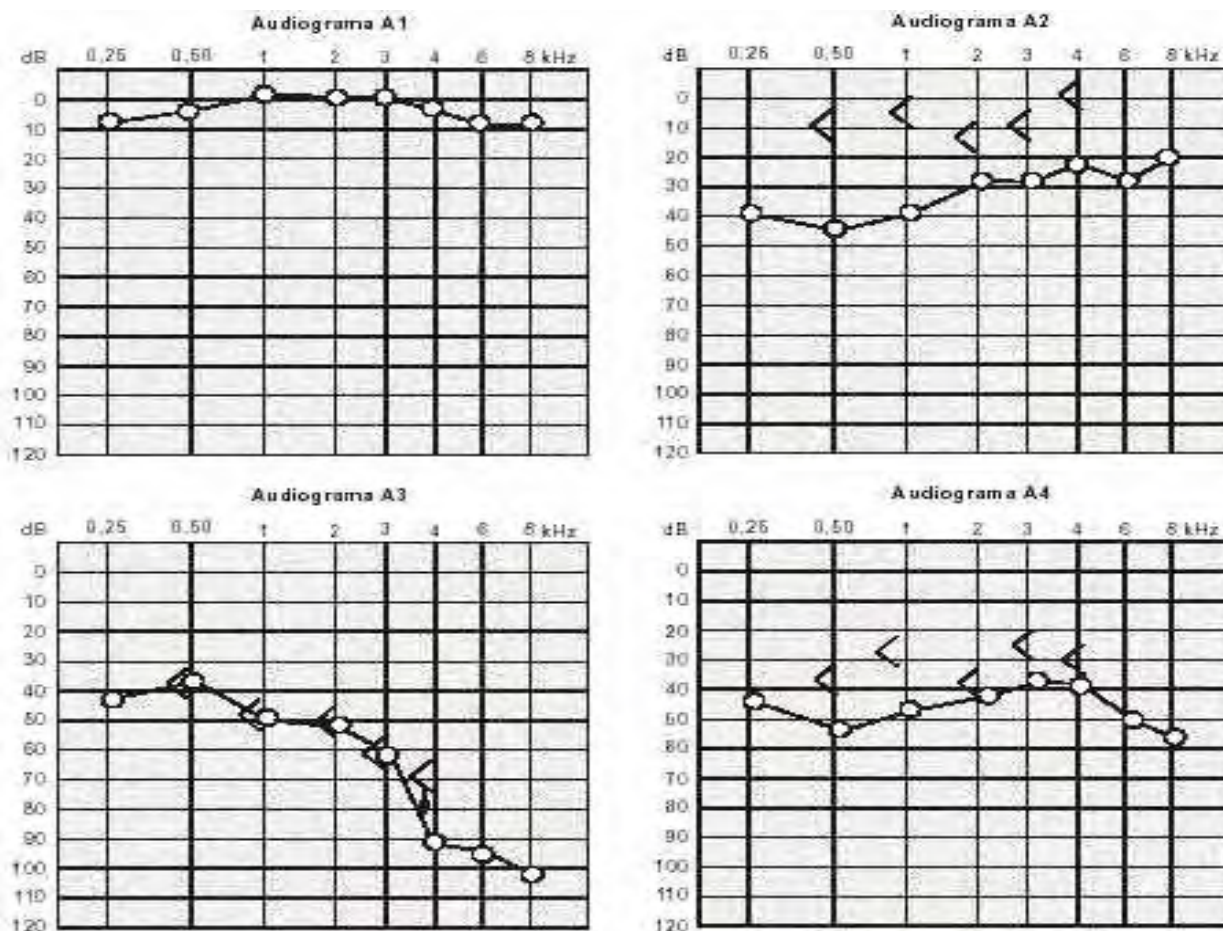
Assim, então, quando o ouvido externo e/ou médio, responsáveis pela condução do som que corresponde à transmissão mecânica do impulso sonoro, são afetados, a pessoa é portadora de uma perda auditiva condutiva. Quando o acometimento é no ouvido interno, a perda auditiva é denominada de sensorineural ou neurosensorial, pois nos referimos à área de percepção do som, ou seja, no local em que acontece a mudança de impulso mecânico para impulso nervoso.

Além das perdas auditivas condutiva e neurosensorial, pode ocorrer a surdez mista. Esta é proveniente de alterações nos ouvidos externos e/ou médio, somadas a alterações no ouvido interno. A classificação da surdez quanto à localização que acabamos de abordar, pode ser de caráter transitório ou definitivo, estacionário ou progressivo.

Para diagnosticar a surdez, o exame utilizado em surdo adulto, que não tenha nenhum outro comprometimento, é a Audiometria. Os gráficos da figura 2, denominados audiograma, contém as respostas dos pacientes aos estímulos sonoros examinados em cada frequência e apresentam exemplos das respostas referentes aos três tipos de surdez.

As respostas presentes nos audiogramas sugerem diagnósticos de: audição normal (A1), perda auditiva condutiva (A2), perda auditiva neurosensorial (A3) e perda auditiva mista (A4).

FIGURA 2: Audiometrias

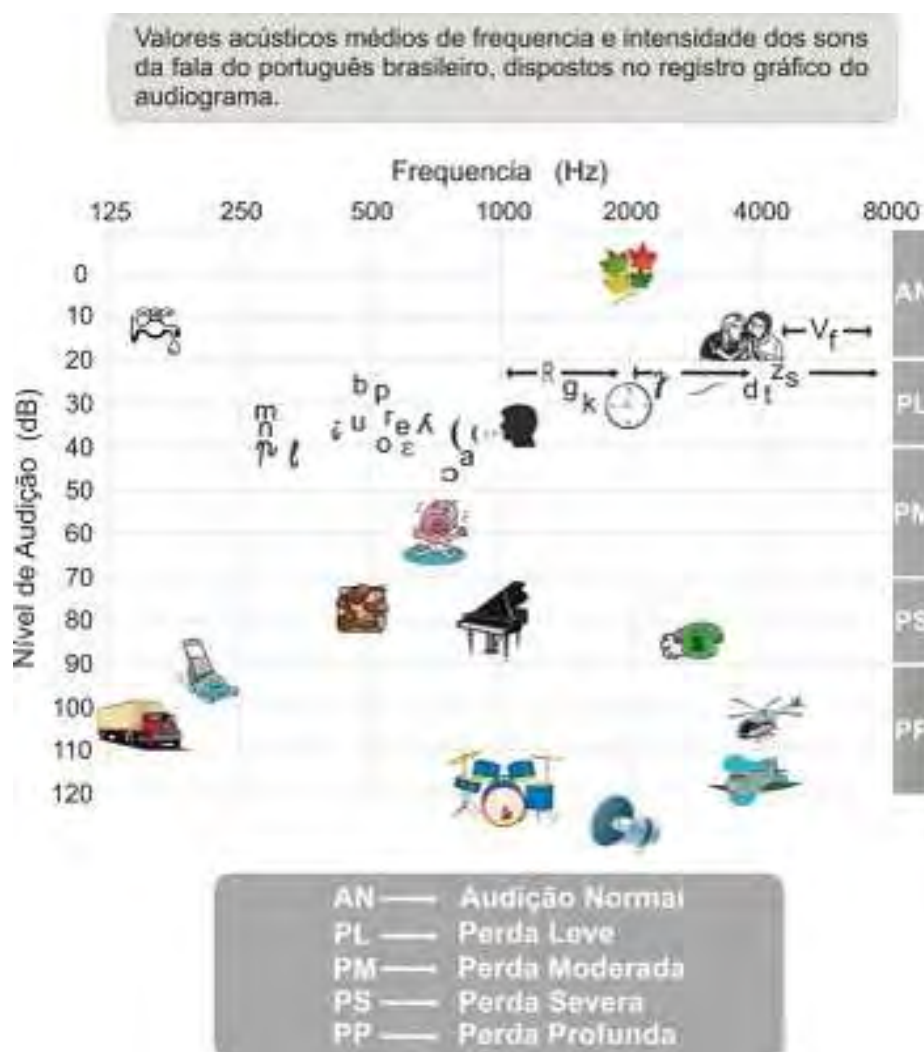


(Fonte:Adréa Mafra<sup>15</sup>).

Um dado clínico fundamental no diagnóstico da surdez é identificar o seu grau. Segundo o padrão de Davis e Silvermann, utilizado desde 1970, citado na Série Audiologia (2003,p.35), ao ouvir os estímulos sonoros em 0 a 25 dB (decibéis), a pessoa tem audição normal. De 26 a 40 dB, já possui perda auditiva leve. Com níveis de audição de 41 a 70 dB, perda auditiva moderada. Já no intervalo de 71 a 90 dB perda auditiva severa. E acima de 90 dB, perda auditiva profunda. Como veremos no gráfico a seguir:

<sup>15</sup> Disponível em: [http://www.geocities.ws/ANDREA\\_MAFRA/provao.html](http://www.geocities.ws/ANDREA_MAFRA/provao.html) acessado em 07/09/2010.

FIGURA 3: Valores acústicos médios



(Fonte: Pastoral dos Surdos Regional 1<sup>16</sup>)

Para finalizar, precisamos entender os fatores etiológicos da surdez, que podem ocorrer no período pré-natal, peri natal ou pós natal. Dentre as etiologias ocorridas durante a gestação (período pré natal) temos: hereditária, fator familiar, alterações endócrinas, sífilis, deficiência de nutrição materna, diabetes, drogas e medicamentos e virais.

<sup>16</sup> Disponível em <http://pastoraldossurdosspp.blogspot.com/2> Acesso em 07/09/2010.

Ao considerar as causas ocorridas durante o parto, podemos citar: anóxia, prematuridade e traumas do parto. Já os fatores etiológicos, no período pós-natal, são: drogas ototóxicas, infecções bacterianas (encefalite, meningite), traumas (crânio encefálico), virais (caxumba, meningite, sarampo) e ruído.

Estes dados da pessoa com surdez são importantes para a compreensão de algumas características fisiológicas do sujeito da pesquisa. No entanto, o conceito atual de surdez, utilizado e divulgado pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos,<sup>17</sup> é muito mais do que um fenômeno fisiológico, que identifica a ausência da audição: “A surdez é mais do que um diagnóstico médico, é um fenômeno cultural, em que padrões sociais, emocionais, lingüísticos e intelectuais estão intrinsecamente ligados”.

Sendo assim, é possível constatar a mudança de abordagem que vivenciamos atualmente. Conquistada por uma longa caminhada, como vimos no panorama histórico, no início do capítulo. Esclareceremos a seguir, de forma mais detalhada, esta nova concepção da surdez, em que o presente trabalho fundamenta-se.

## **II- A nova visão**

Esta mudança nas novas concepções sobre os sujeitos surdos ocorrida nos últimos tempos, cada vez mais se aproxima de uma ótica antropológica, que busca estudar a língua desta comunidade, e compreender a identidade do indivíduo surdo e sua cultura.

Adotar esta concepção é uma espécie de reviravolta dos conceitos e paradigmas que absorvemos com o passar do tempo. A própria mudança da terminologia: Surdo e não Deficiente Auditivo nos reporta a esta visão sócio-antropológica que vê a pessoa com surdez como diferente e não como deficiente. SACKS<sup>18</sup>(1998, p.16), compartilha conosco um pouco de sua experiência quanto a isto:

---

<sup>17</sup> Revista da FENEIS (Federação Nacional de educação e Integração de Surdos) on-line [http://www.feneis.org.br/page/artigos\\_detalhe.asp?categ=0&cod=41](http://www.feneis.org.br/page/artigos_detalhe.asp?categ=0&cod=41) Acesso em 01.04.09.

<sup>18</sup> Oliver Sacks é um professor inglês de neurologia clínica no Albert Einstein College of Medicina (Nova York) e autor do livro *Vendo Vozes – Uma viagem ao mundo dos surdos* (livro que contribuiu muito para a efetivação da visão antropológica da surdez).

Eu encarava os poucos pacientes surdos sob meus cuidados em termos puramente médicos-como “ouvidos doentes” ou “otologicamente prejudicados”. Depois [...] comecei a vê-los sob uma luz diferente, especialmente quando avistava três ou quatro deles fazendo sinais, cheios de uma vivacidade, uma animação que eu não conseguia perceber antes. Só então comecei a pensar neles não como surdos, mas como Surdos, como membros de uma comunidade lingüística diferente.

O autor, neste relato, ressalta a importância de perceber a pessoa com surdez enquanto um sujeito com identidade lingüística e cultural. E para destacar esta visão, ele utiliza a letra “s” maiúscula no termo Surdo. Enquanto o mesmo termo escrito, todo em minúsculo, é utilizado de forma mais ampla, abrangendo as 278 milhões pessoas do mundo com deficiência auditiva moderada a profunda<sup>19</sup> que, não necessariamente, compartilham de uma identidade surda e utiliza a língua de sinais.

Contudo, esta concepção de surdez não vem negar os dados clínicos. Sua contraposição é em relação à concepção clínica normalizadora que defende a idéia ilusória ouvintista de transformar um surdo em ouvinte. Quanto a isto, SKLIAR (2005, p. 10-11) um dos maiores representantes da visão sócio-antropológica da surdez no Brasil, pondera:

Ainda que o modelo antropológico descreva a surdez em termos contrários às noções de patologia e de deficiência, não esclarece o fato de que a surdez está efetivamente incorporada dentro do discurso da deficiência - o que não constitui uma afirmação, mas sim, uma constatação. [...] a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; a surdez é uma experiência visual; a surdez é uma identidade múltipla ou multifacetada e, finalmente, a surdez está localizada dentro do discurso sobre a deficiência.”

Mediante a isto, podemos afirmar que refletir sobre a pessoa com surdez, através desta perspectiva antropológica, é encará-lo de forma mais realista. É notório o desejo, por parte dos surdos, de ser compreendido com base na realidade, e não visto de forma estereotipada.

---

<sup>19</sup> Dados de 2005 da OMS (Organização Mundial de Saúde).  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2009000400020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000400020) Acesso em 02/11/2010.

Esta forma realista a que nos referimos, parte de uma concepção de alteridade, de perceber o Surdo, simplesmente, como diferente. Tendo a consciência que devemos lutar pela igualdade, sempre que a diferença nos inferioriza, mas devemos lutar pela diferença, sempre que a igualdade nos descaracteriza (SANTOS,2002,p.75).Compartilhando desta mesma concepção, temos alguns exemplos interessantes citados por Salles (2004, p.38):

Quebrar o paradigma da deficiência é enxergar as restrições de ambos: surdos e ouvintes. Por exemplo, enquanto um surdo não conversa no escuro, o ouvinte não conversa debaixo d'água; em local barulhento, o ouvinte não consegue se comunicar, a menos, que grite e nesses caso, o surdo se comunica sem problemas. Além disso, o ouvinte não consegue comer e falar ao mesmo tempo, educadamente e sem engasgar, enquanto o surdo não sofre desta restrição.

Em resumo, esta nova visão política em relação à surdez é construída histórica e socialmente e reflete o discurso que, havendo uma língua, com certeza existe uma cultura e conseqüentemente, se há uma cultura, existe uma comunidade ou povo que compartilham de uma identidade em comum.

### **1.2.3- O Povo Surdo**

O termo, povo surdo, não parte do objetivo de segregar as pessoas com surdez ou ir de encontro com a inclusão, como esclarece Strobel (2007, p:33):

Mas isto não quer dizer que o povo surdo se isola da comunidade ouvinte, o que estamos explicando é que os sujeitos surdos, quando se identificam com a comunidade surda, estão mais motivados a valorizar a sua condição cultural e, assim, passam a respirar com mais orgulho e autoconfiantes na sua construção de identidade e ingressam em uma relação intercultural, iniciando uma caminhada sendo respeitado como sujeito "diferente" e não como deficiente.

Ao ver os surdos como eles são, dentro do contexto sócio-histórico, estamos reconhecendo-os como integrantes de um povo sem demarcação

geográfica, porém, com qualidades em comum que os caracterizam. Strobel (2007, p.8), define povo surdo como um grupo de:

Sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução lingüística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços.

De forma empírica, pudemos constatar esta realidade ao participar de alguns congressos internacionais, onde as fronteiras entre surdos da Coréia, Canadá, E.U.A, Venezuela, Argentina e Brasil eram inexistentes. Mesmo com línguas de sinais diferentes,<sup>20</sup> pareciam que se conheciam há muito tempo, pois as semelhanças de costumes e o compartilhar de lutas, rapidamente afloram na identificação com o outro.

Porém, vale ressaltar que o povo surdo é formado por comunidades surdas que possuem suas peculiaridades. Quando o termo comunidade surda é utilizado, refere-se aos surdos que vivem numa dada área, sob o mesmo governo, compartilhando de uma mesma realidade, como por exemplo, a comunidade surda pessoense, a comunidade paraibana e a comunidade surda brasileira. Cada uma destas possui vivências compartilhadas por seus integrantes que são originadas e desenvolvidas nas associações de surdos, nas escolas, nas igrejas dentre outros.

Dessa forma, é de fundamental importância entender que utilizar o termo povo surdo não é homogeneizar e generalizar seus costumes e vivências. Afinal,, quando nos referimos a uma pessoa surda precisamos levar em consideração sua cultura e sua identidade multifacetada, ou seja, uma identidade com recortes de raça, gênero, idade, escolaridade, religião, naturalidade, nacionalidade, dentre outros. E ainda, considerar o fato de que ao falar da identidade deste povo, estamos falando de uma identidade heterogênea, como abordaremos a seguir.

---

<sup>20</sup> A língua de sinais não é universal, como muitas pessoas pensam. Cada país possui no mínimo uma língua de sinais utilizada pela comunidade surda.

## I- A Identidade deste Povo

A identidade que revela o “jeito surdo de ser”, parte da identificação de discursos que revelam a participação política e a militância pelo direito de vivenciar o mundo de uma forma visual. Partindo deste pressuposto, surgem as múltiplas identidades na comunidade surda que revelam como e o quanto esta pessoa está inserida no contexto deste povo.

Seguindo esta linha de raciocínio, PERLIN ( 2005, p. 62-67) desenvolveu uma pesquisa com sujeitos surdos que categoriza as identidades do povo surdo ressaltando sua heterogeneidade e classificando-as em cinco tipos que veremos a seguir:

- a) Identidade surda flutuante:** é aquela na qual o sujeito surdo não tem um referente, ele flutua entre a cultura ouvinte e a cultura surda, sem construir um elo de pertencimento. Este surdo tem grande dificuldade de comunicação, pois possui fragmentos da língua oral e quando possui algum conhecimento da língua de sinais, também, é fragmentada, além de ter grande dificuldade de se aceitar como surdo
- b) Identidade surda incompleta:** esta identidade é a própria negação da surdez. São sujeitos que não convivem com outros surdos, na tentativa de transformar o surdo em ouvinte. Esta atitude, que geralmente vem da família, reflete dominância da ideologia dos ouvintes. Isto faz com que estes surdos se enxerguem de forma estereotipada e desenvolvam uma crença que os ouvintes são superiores aos surdos.
- c) Identidade surda de transição:** refere-se aos surdos que têm contato tardiamente com a comunidade surda, para assim construir uma experiência visual de mundo, depois de uma tentativa de construção de mundo no contexto dos ouvintes. Normalmente, a maioria dos surdos, passa por este momento de transição, visto que são filhos de pais ouvintes.

**d) Identidade surda híbrida:** é o nome dado para a identidade surda apresentada pelos sujeitos que nasceram ouvintes, conhecedores da estrutura da língua portuguesa (sua primeira língua) e que posteriormente ficaram surdos. Os possuidores deste tipo de identidade pensam em português e dependem da língua de sinais, de certa forma eles fazem uso de identidades diferentes em diferentes momentos. Mesmo com a presença constante destas duas metades, sua identidade está muito mais próxima da identidade surda.

**e) Identidade surda:** os surdos que possuem este tipo de identidade têm um elo de pertencimento com a comunidade surda e está totalmente inserido nela. Tem uma identidade política com militância pelo direito de ser diferente, faz uso da língua de sinais e, normalmente, é surdo congênito ou ensurdeceu muito cedo. Este sujeito pode ser reconhecido, dentre outros aspectos, pelo discurso em favor da cultura surda e da forma de construção de mundo através das experiências visuais. Vale ressaltar que este tipo de identidade surda plena sugere, exatamente, o tipo de sujeito que iremos trabalhar em nossa pesquisa.

Através da descrição destes tipos de identidade, onde palavras como “contato”, “convivem”, “pertencimento” e “referente” demonstram a necessidade do coletivo para o amadurecimento individual, e descoberta da sua identidade cultural, é possível perceber, que nenhum dos tipos refere-se a alguém que nasce com sua identidade pronta. A criança precisa passar pelo processo de socialização e pelo processo de enculturação. Quanto ao segundo processo, Helman (2003, p.12), afirma:

Crescer em determinada sociedade é uma forma de enculturação pela qual o indivíduo, aos poucos adquire a sua “lente”. Sem essa percepção de mundo, tanto a coesão quanto a continuidade de qualquer grupo humano seriam impossíveis.”

Para diferenciar estes dois processos de forma prática e exemplificada, vemos que na socialização, a criança faz descobertas pessoais em contato com o outro, como por exemplo: se tomar uma atitude agressiva em relação a alguém, esta reação é retribuída da mesma forma.

Já na enculturação, o destaque é para o aprendizado e a imitação. Não se descobre como dançar valsa ou como costurar, isto é aprendido por meio de imitação de modelos. É necessário que seja ensinado por alguém que já tenha domínio deste conhecimento. (BRAM,1968, p. 48).

Sendo assim, uma criança surda adquire um conhecimento específico do ser humano que é a cultura através do contato surdo-surdo. A construção e o fortalecimento de sua identidade são feitas por meio desta aproximação com a comunidade surda.

Então, com a afirmação da existência de uma identidade surda é possível surgir também alguns questionamentos: existe uma cultura surda? Como isto é possível? Afinal, como pode ser construída uma identidade cultural própria se os surdos estão imersos no mesmo espaço geográfico que os ouvintes?

## **II- A cultura deste Povo**

Antes de responder aos questionamentos propostos acima, vamos entender o que é cultura. Conforme uma definição muito conhecida dada pelo antropólogo Tylor in Helman (2003, p: 12) cultura é “Aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costumes e todas as outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.”

Aprofundando este conceito, HELMAN (2003, p:12), ressalta a idéia de visão de mundo ao definir cultura:

“É um conjunto de princípios que mostram aos indivíduos como ver o mundo, como vivenciá-lo emocionalmente e como comportar-se em relação às outras pessoas, às forças sobrenaturais ou aos deuses e ao ambiente natural. Essa cultura também proporciona aos indivíduos um meio de transmitir suas diretrizes para a geração seguinte mediante o uso de símbolos, da linguagem, da arte e dos rituais.”

Então, nascer em determinado contexto social, em determinada época e pertencer a determinado grupo, diz muito sobre quem é a pessoa e sua forma de pensar. Os indivíduos não agem da forma que quer deliberadamente, sempre existe uma construção simbólica com raiz cultural transmitida de geração para geração. Isso nos faz retomar o fato de que os surdos compartilham da mesma nacionalidade e naturalidade dos ouvintes e vivenciam experiências comuns, porém também possuem uma cultura própria.

Nesse sentido, entender a Cultura Surda como multicultural é o primeiro passo para admitir a existência da mesma. Partindo desta abordagem multiculturalista é possível afirmar que a comunidade surda partilha com a comunidade ouvinte do mesmo espaço, do mesmo tipo de vestuário e alimentação, dentre outros hábitos e costumes, mas possui uma experiência visual de mundo que sustenta os aspectos peculiares da sua cultura.

A constatação que o surdo elabora sua construção de mundo através de experiências visuais e os ouvintes através de experiências sonoras é, apenas, o ponto inicial para diferenciar as duas culturas. Ressalto que neste cenário multicultural, onde estas duas culturas convivem num contexto comum, no nosso caso, o território brasileiro, é de extrema relevância ressaltar que não há melhores nem piores e sim diferentes, como afirma Salles (2004, p. 36):

Os ouvintes são acometidos pela crença de que ser ouvinte é melhor que ser surdo, pois na ótica ouvinte, ser surdo é o resultado da perda de uma habilidade 'disponível' para a maioria dos seres humanos. No entanto, essa parece ser uma questão de mero ponto de vista.

Vemos um exemplo disso na história contada por Salles (2004, p.37), onde um menino surdo demorou a perceber que era diferente pois todos os integrantes da sua família eram como ele. Como brincava com seus irmãos, demorou a sentir necessidade de fazer amigos fora deste círculo. Ao iniciar uma amizade com uma amiguinha vizinha, começou a estranhar a falta de habilidade da mesma em comunicar-se na língua de sinais e tentava ao máximo ajudá-la com esta dificuldade criando artifícios para que comunicação fosse possível.

Certo dia, este menino, muito preocupado, pergunta a sua mãe qual era o problema da sua amiguinha. Ele queria entender porque ela, às vezes, movimentava os lábios quando estava perto da mãe e a mãe também correspondia da mesma forma, e por que ela tinha tanta dificuldade em comunicar-se. Foi então que a mãe explicou ao menino que ela não tinha problema algum, porém era diferente dele, pois se comunicava com os movimentos dos lábios e não com as mãos.

Ao fazer a afirmação que a família vizinha era ouvinte e não surda como a deles, o menino indagou a mãe se apenas a família vizinha era assim ou se havia mais pessoas como eles. Então, sua mãe explicou que, na realidade, a maioria das pessoas é ouvinte e a minoria é formada por pessoas surdas, fato que ele ainda não tinha atentado.

O interessante desta experiência é que para este surdo congênito a sensação de perda era inexistente, para ele, eram os vizinhos que tinham uma perda e um problema de comunicação. Com isto, entendemos que a sensação de perda auditiva na realidade vem do outro e não de si mesmo. Desse modo, um surdo nascido numa família onde todos são ouvintes e, apenas, ele é o diferente, precisa ter contato com outros surdos para não sentir-se eternamente deslocado sem a sensação de pertencimento.

No caso de um surdo congênito, nascido em família de ouvintes, ao ter contato com a cultura surda posteriormente, ele se identificará com o que nesta cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. Isto acontece através da substituição de informações sonoras, para as informações visuais.

Dessa forma, surgem os elementos do cotidiano da pessoa surda que não são muito comuns a uma pessoa ouvinte. Dentre estes elementos podemos citar as campainhas luminosas residenciais, o aparelho TDD (ANEXO 3), a utilização do celular apenas para mensagem de texto, utilização do MSN com vídeo para a sinalização, dentre outros.

Um comportamento muito tradicional e peculiar, desta cultura, é a criação do sinal de uma pessoa que está iniciando o contato com a comunidade surda ou de uma pessoa pública. O sinal equivale a um nome na cultura ouvinte e pode expressar, em língua de sinais, uma característica física, uma característica da personalidade ou uma característica profissional. Ao criar

um sinal para determinada pessoa, os surdos procuram ressaltar uma característica que o grupo rapidamente identifique de quem se trata.

Por exemplo, ao fazer referência ao apresentador Sílvio Santos, os surdos não soletram o alfabeto manual<sup>21</sup> escrevendo assim o seu nome, como normalmente se pensa. Ele faz o sinal de “Microfone pregado na roupa”, que identifica o homem da televisão chamado Sílvio Santos. Da mesma forma acontece com o Presidente LuLa que é identificado pelo sinal que representa sua característica física que é a omissão de um dedo.

Outra herança cultural, perpetuada a cada geração de surdos espalhados no mundo, é a forma de aplaudir alguém. Os barulhos dos aplausos que satisfazem a pessoa ouvinte homenageada são substituídos por balanços das mãos que produzem uma beleza visual, que de igual modo, lisonjeia o surdo homenageado ao ver uma platéia de mãos levantadas aplaudindo-o desta forma.

Um traço cultural marcante é o fato de que, em toda cidade onde existe surdo, existe um “point de encontro” onde os surdos de todo credo, idade, gênero e status social reúnem-se para conversar em LIBRAS. Normalmente, um surdo quando viaja para determinada cidade, além dos pontos turísticos, gosta, também, de conhecer este “point”. Em João pessoa este local é o “Shopping Tambiá”, no centro da cidade. Além deste local neutro, outras instituições, inclusive ambientes religiosos, servem de espaço para o desenvolvimento das manifestações culturais da comunidade surda, como ressalta Strobel (2008, p.34):

O que sucede é que quando os sujeitos surdos estão em comunhão entre eles e quando compartilham suas metas dentro da associação de surdos, federações, igrejas e outros locais dá o sentido de estarem em comunidades surdas.

Desta socialização surgem piadas e poesias surdas que exploram a expressão facial e corporal e que, em sua grande maioria, abordam temáticas que refletem a incompreensão dos surdos em relação à cultura ouvinte e vice-

---

<sup>21</sup> A representação do alfabeto da língua portuguesa nas mãos é denominada de datilologia.

versa. Como em toda piada existe uma vítima, assim como acontece na piada do brasileiro que a vítima é sempre o português, nas piadas de surdos a vítima é sempre o intérprete de língua de sinais, por ser o ouvinte mais próximo deles.

A literatura surda ou literatura visual, constituída de poesias, piadas, fábulas e anedotas, é produzida em língua de sinais por atores e poetas surdos e distribuída em DVD ou em CD-ROOM. As literaturas de estudos científicos e autobiografias produzidas em Língua Portuguesa por escritores surdos têm contribuído também para a representação da cultura surda no espaço literário. Dentre estes escritores é possível destacar os seguintes nomes, Gladis Perlin (As Identidades Surdas -1998), Ronice de Oliveira (Meus sentimentos em folha-2006), Marianne Stumpf (Sistema Signwriting: por uma escrita funcional para o surdo -2005) e Shirley Vilhalva (Recortes de uma vida: Descobrendo o Amanhã-2001).

Enfim, a cultura do povo surdo é reescrita historicamente, através do fortalecimento que acontece de geração para geração, a maior característica desta vivência de mundo visual compartilhada por este povo é a sua forma de comunicação, a língua de sinais, tema este que abordaremos a seguir.

### **1.3- A Língua de Sinais**

É muito comum vermos o termo equivocado “Linguagem de Sinais” e não “Língua”. Alguns justificam a utilização deste termo por acreditarem que a língua de sinais é apenas uma junção de várias mímicas convencionadas por um grupo, assim como os gestos utilizados no trânsito. SAUSSURE (1995, p:17), esclarece:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Sendo assim, esta língua de modalidade vísuo-espacial, que se distingue da modalidade oral-auditiva, a modalidade das línguas orais, nos remete à realidade de que o canal vísuo-espacial não é o preferido da maioria dos seres humanos, visto que a maioria das línguas naturais são orais-auditivas, porém é uma possibilidade que demonstra a necessidade do exercício da faculdade de linguagem nos indivíduos.

O canal emissor da comunicação pode ser o aparelho fonador que produz a palavra falada (léxico das línguas orais-auditivas), ou as mãos que produzem os sinais (léxico das línguas gestuais-visuais<sup>22</sup>). Quanto ao canal receptor da comunicação temos os ouvidos, que através da audição recebe a informação sonora da língua, ou no caso das pessoas com surdez, os olhos, que através da visão desempenha a mesma função comunicativa, sendo que neste caso trata-se de uma informação visual. SAUSSURRE (1995, p.15 e 18), muito contribuiu para este entendimento atual de que não importa o canal utilizado pela língua:

Não se pode reduzir a língua ao som [...] A língua é uma convenção e a natureza do signo convencional é indiferente. A questão do aparelho vocal se revela, pois, secundária. [...] não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas.

Compartilhando da mesma visão, o teórico Chomsky apud Quadros (2004, p.29) ressalta que:

A concepção de que a articulação e a percepção envolvem a mesma interface (representação fonética) é controversa, e os problemas obscuros relacionados à interface C-I (conceptual-intencional) é ainda mais. O termo “articulatório” é tão restrito que sugere que a faculdade da linguagem apresenta uma modalidade específica, com uma relação especial aos órgãos vocais. O trabalho nos últimos anos em língua de sinais evidencia que esta concepção é muito restrita.

---

<sup>22</sup> Além deste termo a língua de sinais é denominada de língua vísuo-gestual, vísuo-espacial, espaço-visual.

### 1.3.1- O Status de Língua

Um aspecto relevante a ser considerado é o fato de ser a língua de sinais reconhecida como língua oficial dos surdos. Em 1960, depois de vários estudos feitos pelo pioneiro Willian Stokoe (QUADROS, 2004, p.29), a língua de sinais<sup>23</sup> foi reconhecida como língua natural dos surdos por possuir os atributos que este status requer. Sendo eles: flexibilidade e versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade/produtividade, dupla articulação, padrão e dependência estrutural. Este status de língua natural é aceito pela maioria dos autores como afirma MARTELOTTA (2008,p.29), no manual de lingüística:

Cabe registrar a existência da chamada língua dos sinais , utilizada pelos surdos, em que não há signos vocais, mas visuais. O sistema de comunicação dos surdos é considerado uma língua pela grande maioria dos autores, já que, embora não se constitua de sinais sonoros, apresenta as características básicas das línguas naturais.

Salles (2004,p.85-94) apresenta as características básicas que são pré-requisitos para o reconhecimento de uma língua natural de forma exemplificada e clara. A sistematização que ela utiliza é proposta por Fromkin e Rodman que denomina estas características comuns das línguas naturais como universais lingüísticos como veremos a seguir:

#### **I) Onde houver seres humanos, haverá língua(s).**

Diante desta característica, é possível citar como exemplos algumas línguas de sinais dos cinco continentes: LIBRAS/LSB (Língua de Sinais Brasileira), LSUK<sup>24</sup> (Língua de Sinais Urubu Kaapor), LGP (Língua Gestual

---

<sup>23</sup> Mesmo utilizando o termo língua de sinais no singular, a referência é feita à modalidade da língua, e não a língua de sinais de um país, visto que a língua de sinais não é universal, cada país possui a sua, tendo ainda as variações lingüísticas regionais assim como as línguas orais.

<sup>24</sup> É a língua de sinais utilizada por índios brasileiros.

Portuguesa), ASL<sup>25</sup> (Língua de Sinais Americana), LIS (Língua Italiana de Sinais), LSF<sup>26</sup> (Língua de Sinais Francesa), JSL (Língua de Sinais Japonesa), LSA (Língua de Sinais Australiana) e HSE (Língua de Sinais da Nigéria).

**II) Não há línguas primitivas – todas as línguas são igualmente complexas e igualmente capazes de expressar qualquer idéia<sup>27</sup>. O vocabulário de qualquer língua pode ser expandido a fim de incluir novas palavras para expressar novos conceitos.**

Quanto mais os surdos são incluídos em diversas áreas de conhecimentos mais sinais surgem, pois são criados no contexto onde esta comunidade passa a vivenciar novas experiências, surgindo, assim, novos conceitos que ampliam o vocabulário da língua. Veja alguns exemplos:

FIGURA 4: Sinais técnicos

Glossário de termos técnicos de fotografia em libras.



(Fonte: Educ@TIC-Tecnologia Educacional)<sup>28</sup>

<sup>25</sup> É a língua oficial utilizada nos eventos internacionais de surdos. Da mesma forma que o aprendizado do inglês é relevante para uma pessoa ouvinte, a ASL é bastante difundida na comunidade surda mundial.

<sup>26</sup> Há semelhanças significativas da língua de sinais utilizada no Brasil com a LSF, visto que a mesma exerceu grande influência no surgimento efetivo da mesma, pois o professor surdo fundador do INES (Instituto Nacional de Surdos) era francês, como vimos no histórico abordado no capítulo 1 desta pesquisa.

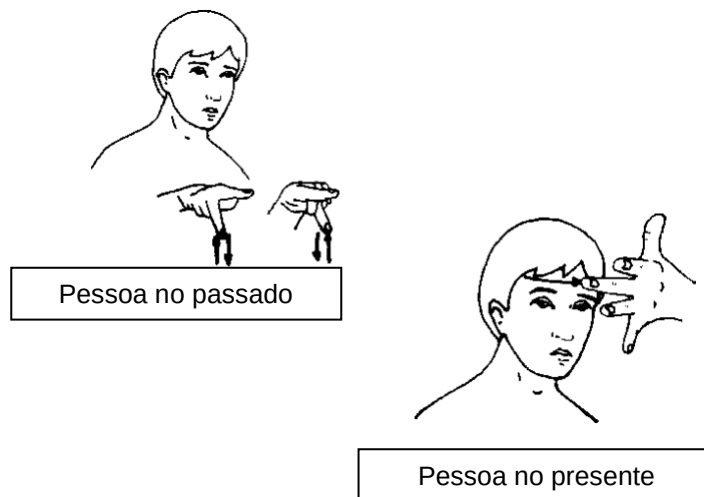
<sup>27</sup> Com base nesta afirmação, comparar as línguas dos povos “primitivos” com a língua do povo surdo não implica numa carga de inferiorização, as características visuais que as mesmas possuem não significam que estas línguas limitam-se aos aspectos concretos, muito pelo contrário se fosse assim as grandes idéias filosóficas não teriam surgido na língua grega arcaica.

<sup>28</sup> <http://projetoinfo.blogspot.com/2009/12/glossario-de-termos-tecnicos-de.html>, acesso em 04/11/2011.

### III) Todas as línguas mudam ao longo do tempo.

A maior prova que uma língua é viva, ou seja, está em uso por alguma comunidade, é o fato de evoluir com o passar do tempo.

FIGURA 5: Evolução da língua



(Fonte: SALES 2004)

### IV) As relações entre sons e significados das línguas faladas e entre os gestos (sinais) e os significados das línguas de sinais são em sua maioria arbitrários.

Em língua de sinais é reconhecida a motivação icônica de muitos sinais devido à própria natureza visual da língua. Por isso, temos léxicos desta língua que são icônicos (sinais que apresentam semelhanças físicas e geométricas com os seres que representam) e léxicos que são arbitrários (aqueles que não apresentam tais semelhanças). Podemos observar a seguir o sinal chuva (icônico).

FIGURA 6: Sinal icônico



(Fonte: Foto da autora)

No entanto, Quadros (2004,p.32) levanta um dado de extrema relevância quanto a esta característica. A autora ressalta que a arbitrariedade é convencional, pois quando um grupo decide escolher um determinado traço como característica para a criação de um sinal, isto não significa que este sinal será transparente e claro para um surdo monolíngüe pertencente a uma comunidade surda de outro país. Um exemplo disso é o sinal para “não” em LIBRAS que significa “onde” em ASL.

FIGURA 7: Um sinal icônico em LIBRAS é arbitrário em ASL



(Fonte: QUADROS 2004)

- V) **Todas as línguas utilizam um conjunto finito de sons discretos (gestos) que são combinados para formar elementos significativos ou palavras, os quais por sua vez formam um conjunto infinito de sentenças possíveis. Todas**

**as gramáticas contêm regras de um tipo semelhante para formação de palavras e sentenças.**

Um processo recorrente de formação de palavras (sinal) em LIBRAS é a composição de sinais como veremos a seguir de ESPOSO (CASAMENTO+HOMEM):

FIGURA 8: Formação do sinal esposo



(Fonte: Foto da autora)

- VI) Toda língua falada inclui segmentos sonoros discretos, como p, n ou a, os quais podem ser definidos por um conjunto de propriedades ou traços. Toda língua falada tem uma classe de vogais e uma classe de consoantes. Línguas de sinais apresentam segmentos discretos na composição dos sinais.**

Sendo uma língua natural, a línguas de sinais compartilha os mesmos princípios lingüísticos das línguas orais como estamos constatando nestas características. Partindo desta afirmação, a análise fonológica de uma língua que não possui fonema, e que não é de produção e percepção oral-auditiva, passou de ser considerada inadequada a um grande alvo de estudos.

Stokoe analisou as partes mínimas que constituem o sinal, o léxico desta língua e comprovou que cada sinal tinha três (3) unidades mínimas sem significado, se utilizado separadamente: Configuração de Mão, Locação (ponto de articulação) e Movimento. Além destes parâmetros considerados principais, outros dois foram descobertos em estudos posteriores, em 1979, realizados por Klima e Bellugi: orientação da mão e expressões não manuais (BALBUENO, 2010; p:81). Vejamos a seguir, de forma objetiva, o que são estes cinco parâmetros, chamados, também, de análise fonológica da língua de sinais:

**1º- Configuração de Mão (CM):** É o ponto de partida para a formação de um sinal. É a forma que a mão assume no momento da realização do sinal, podendo ser do alfabeto manual (ANEXO 4) ou não. Stokoe afirmou em seus estudos que havia 19 configurações na ASL (Língua de Sinais Americana). Em 1995, a lingüista brasileira Ferreira Brito propôs a existência de 46 CMs (ANEXO 5) na LIBRAS, fato que deu abertura a outros estudos que ampliaram o número de CMs para 61 (FIGURA 9) e 71 (ANEXO 6). Vejamos abaixo, o quadro composto por 61 configurações.

FIGURA 9: Quadro de Configurações de Mão

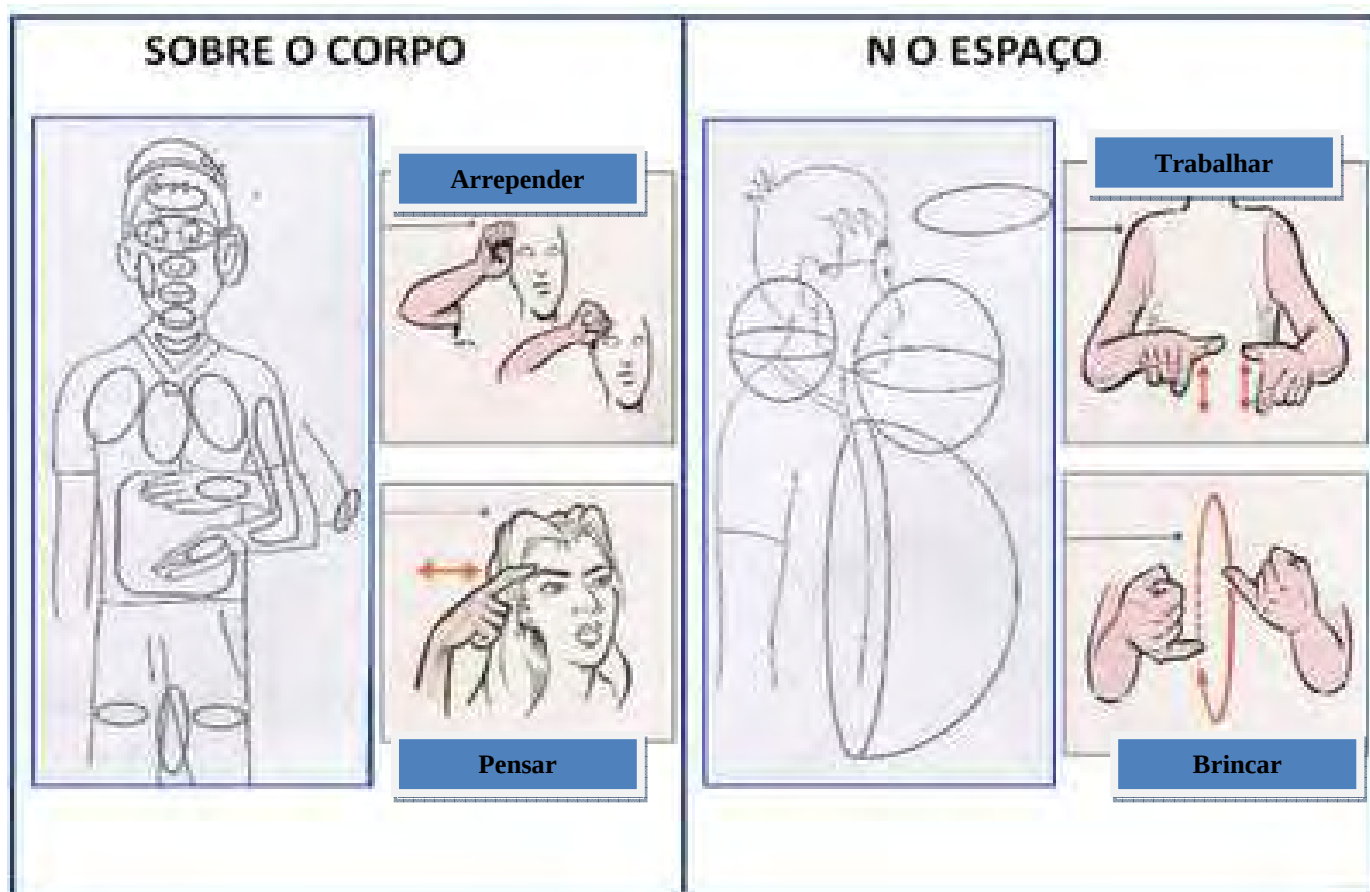


(Fonte: Curso de LIBRAS-Extensão<sup>29</sup>)

<sup>29</sup> Disponível em: <http://cursodelibrasextensao.blogspot.com/2011/03/tabela-de-configuracoes-de-mao-da.html>

**2º- Locação ou Ponto de Articulação (L ou PA):** Refere-se ao local onde o sinal é feito. Por exemplo: na altura do tórax, na testa, na boca, na frente da boca e no queixo. Como veremos, abaixo, no quadro ilustrando os sinais sobre o corpo (arrependimento e pensar) e no espaço (trabalhar e brincar):

FIGURA 10: Exemplos do parâmetro locação



(Fonte: [librasitz.blogspot.com](http://librasitz.blogspot.com))

**3º- Movimento (M):** É o deslocamento da mão no espaço, durante a realização do sinal. Segundo Strobel (1998; p:11-12), o movimento pode ser unidirecional, bidirecional e multidericional. Quanto ao seu tipo, um movimento pode ser: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso e angular. O movimento que veremos a seguir no sinal de NÃO GOSTAR é semicircular.

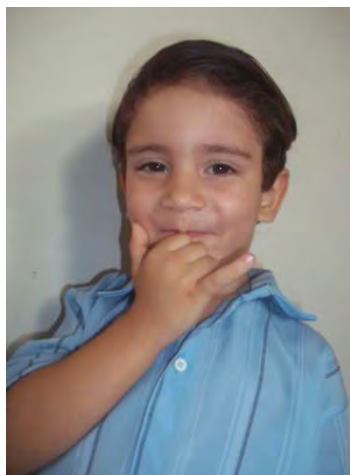
FIGURA 11: Movimento do sinal não gostar



(Fonte: Foto da autora)

**4º- Orientação da mão (Or):** Representa a direção para qual a palma da mão aponta no momento da realização do sinal. É possível identificar seis tipos de orientação: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para ao lado contralateral e para o lado ipsilateral. É possível observar um exemplo deste parâmetro no sinal DESCULPA, que possui a orientação da palma da mão para o corpo.

FIGURA 12: Orientação no sinal desculpa

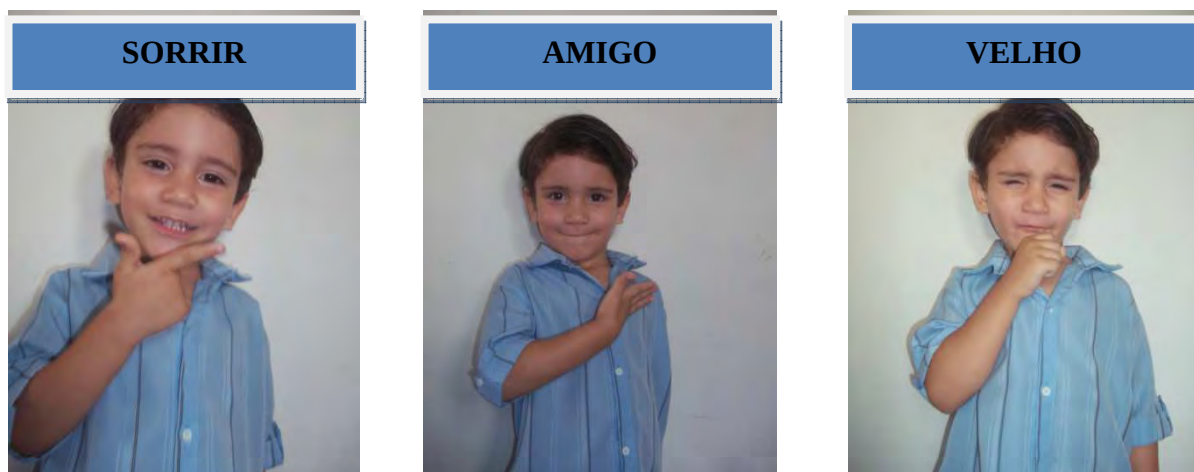


(Fonte: Fonte: Foto da autora)

**5º- Expressões não manuais (ENM):** Além dos parâmetros anteriores, a LIBRAS conta com uma série de componentes não manuais, como a expressão facial ou o movimento do corpo que, muitas vezes, podem definir ou

diferenciar significados entre sinais. A expressão facial e/ou corporal pode traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, encantamento, etc., dando sentido ao sinal. Como podemos observar nos exemplos abaixo:

FIGURA 13: Exemplos de expressões faciais



(Fonte: Foto da autora)

VII) **Todas as línguas apresentam categorias gramaticais como podemos ver no exemplo:**

FIGURA 14: Verbo Abraçar



(Fonte: Foto da autora)

VIII) **Universais semânticos como fêmea ou macho, animais ou humano, são encontrados em todas as línguas.**

FIGURA 15: Distinção na utilização do verbo cair



Uma pessoa caindo.

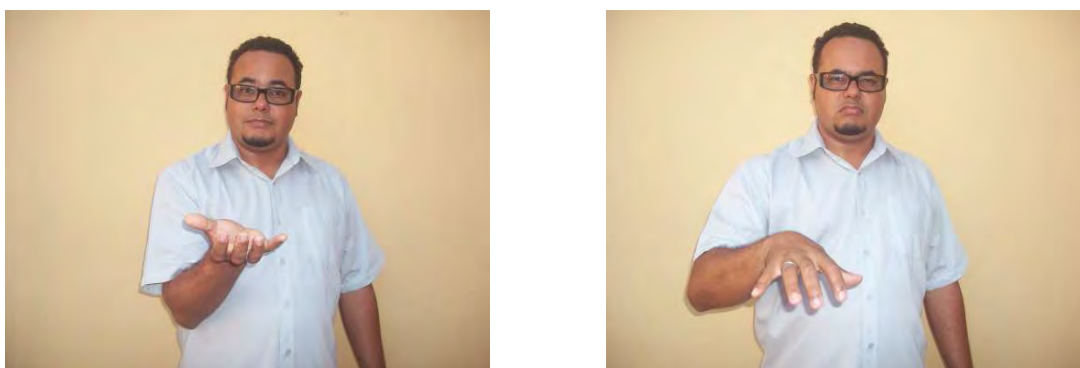


Um papel caindo.

(Fonte: Foto da autora)

**IX) Todas as línguas possuem formas para indicar tempo passado, negação, interrogação, comando, etc.**

FIGURA 16: Verbo querer nas suas formas afirmativa e negativa



(Fonte: Foto da autora)

**X) Universais sintáticos revelam que toda língua tem meios de formar sentenças.**

Na Língua de Sinais a formação de orações segue o padrão SVO (sujeito, verbo e objeto).

### **1.3.2- O processo de aquisição de linguagem das crianças surdas**

Por ser, então, uma língua natural, a aquisição dos sinais, enquanto léxico, da língua de sinais acontece de forma semelhante à aquisição da fala nas línguas orais, no entanto, com a diferença de que o input lingüístico não é sonoro. Como afirma DEUS (2010, p.57-58):

[...] crianças surdas, expostas à Língua de Sinais, adquirem de forma natural tal língua, da mesma forma que as crianças ouvintes, de forma espontânea, adquirem uma língua oral. Assim, as crianças surdas adquirem a língua de sinais que está à sua volta sem nenhuma instrução especial. Elas começam a produzir sinais, mais ou menos na mesma idade em que as crianças ouvintes começam a falar, e atravessam os mesmos estágios de desenvolvimento lingüístico das línguas naturais. Portanto, não podemos estranhar o fato das crianças surdas aprenderem tão facilmente a Língua de Sinais, partindo do princípio que a linguagem ocorre em todo ser humano e, por meio dela, adquirimos uma língua.

Quadros (2004,p.70-75) ressalta esta equivalência demonstrando os períodos do processo de desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua:

- a) Estágio pré-lingüístico: assim como nos bebês ouvintes, dois tipos de balbucio surgem nesta época, o balbucio gestual e silábico. Toda criança passa por este estágio. A diferença é que, no bebê com surdez, o balbucio silábico é interrompido e o gestual desenvolvido, enquanto que, no bebê ouvinte, acontece exatamente o contrário. Isto acontece devido ao *input* favorecer um dos modos de balbucio.
- b) Estágio de um sinal: antes o que era apenas apontar de forma espontânea, começa a ser utilizado como léxico da língua de sinais

possuidor de significado. Isto acontece por volta dos 12 meses até os 24 meses.

- c) Estágio das primeiras combinações: por volta dos dois anos surgem as primeiras combinações das crianças surdas que usam durante esse estágio a ordem SV (sujeito e verbo), VO (verbo e objeto) ou, ainda, num período subsequente, SVO. Observa-se neste estágio as semelhanças na aquisição do sistema pronominal entre crianças surdas e ouvintes embora utilizem línguas de modalidades diferentes.
- d) Estágio das múltiplas combinações: por volta dos três anos de idade, as crianças surdas apresentam a chamada “explosão do vocabulário”, mas o domínio completo dos recursos morfológicos da língua é adquirido aos cinco anos.

Nesta descrição dos estágios de desenvolvimento da linguagem, observamos que o último destes acontece aos cinco anos. Este período que vai até os cinco anos de idade é o ideal para o desenvolvimento da linguagem. Goldfeld (1997, p.60) no seu livro *A criança surda* ressalta:

A aprendizagem tardia da Língua de Sinais por parte dos alunos surdos – muitos aprendem somente na adolescência ou na idade adulta – causa-lhes uma série de danos, dentre eles a falta de organização do pensamento de forma mais desenvolvida que, por falta da língua adquirida de forma natural, fixa-se apenas nos atributos concretos dos objetos, comprometendo, sobremaneira, o avanço conceitual dos mesmos. Se a criança com surdez não se desvincula do ambiente concreto ela não terá condições favoráveis de desenvolver as funções organizadoras e planejadora da linguagem satisfatoriamente.

Este fato nos remete ao exemplo mencionado por Blikstein do jovem Kaspar Hauser, uma “verídica e obscura personagem”, criado em um sótão sem nenhum contato humano até os 18 anos que, ao estabelecer os primeiros contatos com as pessoas e o cenário da época de 1828, em Nurembergue, fica atônito e perplexo. A visão que ele tem do mundo ao seu redor é “confuso, misturado, desproporcional”, segundo o autor.

Apesar de explicado pela linguagem, pelas palavras, por signos lingüísticos, enfim, a paisagem em que foi colocado Kaspar Hauser permanece turva e indecifrável. [...] Conhecer o mundo pela linguagem, por signos lingüísticos, parece não bastar para dissolver o permanente mistério e a perplexidade do olhar de Kaspar Hauser. Talvez porque a significação do mundo deve irromper antes mesmo da codificação lingüística com que o recortamos: os significados já vão sendo desenhados na própria percepção/cognição da realidade.(BLIKSTEIN, 1983, p.17)

Para Vygotsky, o significado das palavras evolui, são formações dinâmicas e não estáticas. Modifica-se à medida que a criança se desenvolve e, também, de acordo com as várias formas pelas quais o pensamento funciona. Isto implica dizer que o desenvolvimento dos processos cognitivos interfere de modo a refletir no significado de um significante que se altera para o indivíduo de acordo com o desenvolvimento dos processos cognitivos. Nesse sentido, o autor afirma:

O significado duma palavra representa uma análgama tão estreita de pensamento e linguagem que é difícil dizer se trata de um fenômeno de pensamento, ou se trata de um fenômeno de linguagem. Uma palavra sem significado é um som vazio; portanto, o significado é um critério da palavra e seu componente indispensável. [...] O significado das palavras só é um fenômeno de pensamento na medida em que é encarnado pela fala e só é um fenômeno lingüístico na medida em que se encontra ligado com o pensamento e por este é iluminado. É um fenômeno do pensamento verbal ou da fala significante - uma união do pensamento e da linguagem. (VYGOTSKY, 2001, P:87,88)

### **1.3.3- Uma comunidade lingüística**

A cultura dos surdos, como qualquer outra, depende da sua língua. Na realidade, a apropriação da língua de sinais desempenha o papel fundamental para a sensação de pertencimento à comunidade surda.

Sendo assim, para entender como os integrantes desta comunidade pensam é necessário entender sua língua. Existe uma estreita relação entre as formas de pensamento e as peculiaridades expressadas de forma lingüística, desse modo, a língua é o canal principal no qual as atitudes e crenças sociais são comunicadas.

Ouvimos a seguinte expressão: “se Aristóteles não raciocinasse em grego, os seus pensamentos filosóficos não seriam da forma que conhecemos”. Então, seguindo o mesmo raciocínio, os surdos, através de sua língua visuo-gestual, elaboram sua identidade religiosa de forma peculiar.

A partir desta compreensão, é preciso entender a língua como essência da linguagem, formada por um conjunto de signos abstratos que estão na mente devido à vivência de uma história cultural de uma determinada sociedade. O teórico alemão que norteia a aplicabilidade desta pesquisa, Karl Vossler, acredita que estudando a nomeação das coisas entende-se o conceito que é dado para aquilo. Segundo Vosler (1959,p.79):

Todas as pessoas que pertencem a uma comunidade lingüística desenvolve um instinto especial por meio do qual podem captar-se os hábitos e possibilidades da expressão psíquica. De fato em uma linguagem só se pode expressar psiquicamente o que o uso permite.

Com isso, entendemos que uma pessoa não expressa aquilo que quer, ou seja, um integrante de determinada comunidade lingüística só consegue exprimir o que a sua língua possibilita. Sendo assim, para atingir o objetivo de captar o conceito de sagrado que a comunidade surda selecionada compartilha, esta pesquisa desenvolveu uma análise em língua de sinais da nomeação de termos utilizados no contexto religioso. Análise esta aconteceu por meio de um percurso metodológico como veremos a seguir.

## **2. O PERCURSO METODOLÓGICO PARA UMA ANÁLISE DA LÍNGUA VÍSUAO-ESPACIAL**

Abordaremos agora, os subsídios metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa de campo, que segundo PRESTES (2003, p. 27), “investiga os pesquisados no seu meio,” é qualitativa e exploratória, e realizou um levantamento de dados, objetivando o conhecimento direto da realidade, onde a fonte de informação indica a percepção sobre o objeto de pesquisa. Quanto à pesquisa de abordagem qualitativa de característica exploratória, SILVA (2001,p.20) define:

Qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. [...] Exploratória: Visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Partindo da hipótese proposta nesta: o conceito de sagrado dos surdos congênitos tem maior aproximação com o conceito de sagrado dos povos ditos arcaicos, foi realizada uma análise lingüística para verificar em que medida a aproximação proposta, entre o conceito de sagrado de surdos com os povos arcaicos revelou-se válida; o quanto se afasta dessa realidade e em que pontos parecem convergir ou divergir.

Visto que a LIBRAS é a língua materna dos sujeitos desta pesquisa, entendemos a importância deste estudo ter sido realizado através de uma análise lingüística, pois concordamos com a afirmação de MARTELOTTA (2008, p.235) que afirma:

[...] um dos momentos em que os estudos lingüísticos têm tentado contribuir no sentido de que seus resultados de pesquisa possam ter um retorno social, um caráter de maior “utilidade pública”, digamos assim, é justamente quando estão voltados para as questões relativas ao ensino de língua, seja esta materna (L1) ou estrangeira (L2).

## **2.1- Objetivos**

### **2.1.1- Objetivo Geral**

Analisar o conceito de sagrado da comunidade surda em João Pessoa entendendo que a mesma possui identidade, língua e cultura que as caracterizam de maneira peculiar.

### **2.1.2- Objetivos Específicos**

- Fazer uma análise lingüística do vocabulário religioso que a LIBRAS possui, levando em consideração os sinais específicos de cada religião (variação lingüística).

- Analisar as semelhanças e diferenças entre o conceito de sagrado dos surdos congênitos e o conceito de sagrado dos povos ditos arcaicos.

- Verificar se os surdos possuem a visão de mundo “mítica” ou “sacralizada” (na visão teórica de Mircea Eliade), mesmo estando num contexto multicultural.

- Obter uma melhor compreensão da realidade religiosa dos surdos desenhada por eles mesmos.

- Retratar a postura religiosa dos surdos, partindo dos conceitos e da rede de significação base para a construção de identidade religiosa da comunidade surda.

- Contribuir com dados para uma satisfatória inclusão social nos ambientes religiosos, partindo do respeito às diferenças, reconhecendo que a postura religiosa dos surdos é autêntica e sincera, e singular, embora possa ser diferente da nossa.

## 2.2- Participantes e local da pesquisa:

Esta pesquisa foi realizada na UFPB - Campus I e a amostra populacional consistiu em oito Surdos. Os critérios para a seleção das pessoas de ambos os gêneros que participaram da pesquisa foram: ter surdez congênita, ter como língua materna a língua de sinais, possuir o ensino médio completo, ou estar cursando, além de ter idade entre 20 e 50 anos e, ainda, residir na grande João Pessoa. A tabela a seguir esclarece detalhes sobre os colaboradores da presente pesquisa:

Tabela 1: Caracterização dos participantes da pesquisa

| SURDOS | SEXO      | IDADE | ESCOLARIDADE | ETIOLOGIA       | RELIGIÃO   |
|--------|-----------|-------|--------------|-----------------|------------|
| A      | Feminino  | 42    | Médio        | Desconhecida    | Evangélica |
| D      | Masculino | 23    | Médio        | Desconhecida    | Não possui |
| DG     | Masculino | 22    | Superior     | Desconhecida    | Católico   |
| G      | Feminino  | 33    | Superior     | Desconhecida    | Evangélica |
| H      | Masculino | 30    | Médio        | Desconhecida    | Católico   |
| N      | Masculino | 46    | Superior     | Hereditáriedade | Não possui |
| R      | Masculino | 31    | Médio        | Rubéola*        | Católico   |
| T      | Masculino | 21    | Médio        | Desconhecida    | Não possui |

\*Rubéola materna durante a gestação.

(Fonte: elaborada pela autora)

Além dos participantes acima citados, foram convidados um surdo e uma intérprete<sup>30</sup> de LIBRAS, representantes da religião de Testemunha de Jeová, mas somente a intérprete compareceu, pois o surdo preferiu não colaborar com a pesquisa. Quanto às outras religiões, não foram encontrados sujeitos compatíveis com os critérios para a participação da pesquisa.

## **2.3- Instrumento**

No primeiro momento, foi feita uma revisão bibliográfica científica, com o intuito de investigar, na Língua de Sinais, as representações do sagrado e a forma de conceituar o transcendente por parte dos sujeitos que têm esta como língua materna.

Para tanto, foi necessária uma análise do vocabulário da LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais, ligado ao contexto religioso, onde os glossários<sup>31</sup> da LIBRAS, produzidos nas religiões que tem representação surda, serviram como base para esta análise do vocabulário, bem como o Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira (CAPOVILLA, 2008).

Durante a análise do vocabulário religioso, foram selecionados os sinais que seriam abordados durante as entrevistas com o objetivo de captar, através da rede de significações deste contexto, o conceito de sagrado dos surdos congênitos. Inicialmente vinte (20) sinais ganharam destaque, mas considerando a aproximação proposta com os povos ditos “primitivos”, os sinais escolhidos diminuíram para dez (10), pois muitos conceitos se restringiam ao modelo judaico-cristão ocidental atual e limitaria a análise comparativa lingüística.

Os dez signos, pertencentes ao vocabulário religioso, escolhidos foram: Santo, Deus, Céu, Diabo, Alma, Morte, Pecado, Fé, Oração, Amor. Nesta etapa, a variação lingüística de cada termo utilizado, em cada religião, foi

---

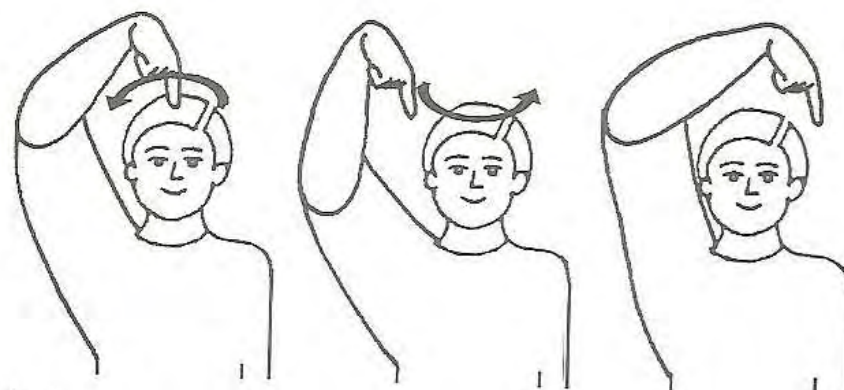
<sup>30</sup> A presença da intérprete foi prevista para ressaltar a imparcialidade da tradução, bem como a confiança dos entrevistados.

<sup>31</sup> Glossário de sinais Cristãos: Clamor do Silêncio-Manual de Sinais Bíblicos (1991), Glossário de Sinais dos Testemunhas de Jeová (1992).

pesquisada a fim de ser utilizado durante a entrevista o sinal correspondente à religião professada pelo entrevistado<sup>32</sup>, como veremos a seguir:

- a) Santo: O sinal encontrado no glossário dos testemunhas de Jeová (FIGURA 19), que significa puro, é o que possui maior variação, visto que o sinal encontrado no glossário cristão é o mesmo registrado no dicionário trilingüe, mas o verbo santificar (FIGURA 18) é um sinal composto formado por SANTO+LIMPO.

FIGURA 17: Santo



(Fonte: CAPOVILLA,2008)

<sup>32</sup> Segundo Vosler (1959,p:66): “A linguagem guarda com tanta fidelidade as tradições religiosas embalsamando-as com o maior esmero [...] Na Bósnia, por exemplo, onde vivem todos juntos ortodoxos, maometanos e católicos é possível reconhecer as diferenças confessionais religiosas com base em certas peculiaridades da fala.” O autor dá vários exemplos disso, um deles é o caso da Alemanha, onde ele cita o fato de os protestantes pronunciarem *Jesykrist* e os católicos *Jesykri* (Jesus Cristo), ou ainda, em espanhol *Dios* (Deus) sofre a variação para *Dio* pelos espanhóis judeus. Isto comprova que assim como na LIBRAS outros idiomas também refletem variações lingüísticas por consequência da fé religiosa professada pelo falante da língua em questão.

FIGURA 18: Santificar segundo o glossário cristão



(Fonte: BAHIA, 1991)

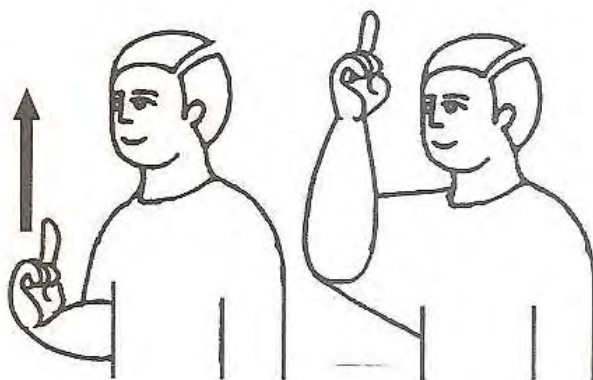
FIGURA 19: Santo, puro



(Fonte: TRATADOS, 1992)

b) Deus: Neste sinal não houve variação lingüística.

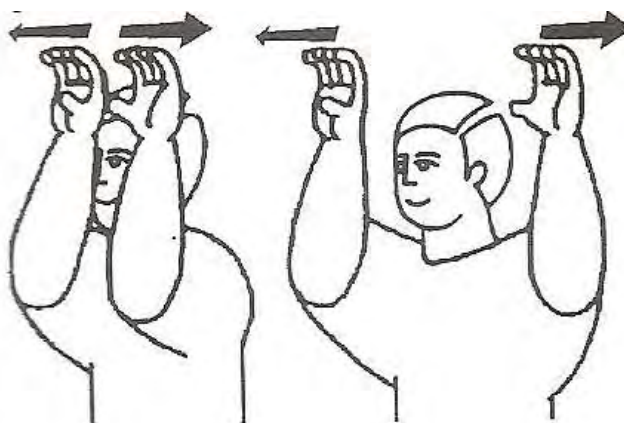
FIGURA 20: Deus



(Fonte: CAPOVILLA,2008)

- c) Céu: O sinal utilizado para céu na religião Testemunhas de Jeová apresentou uma variação lingüística (FIGURA 22).

FIGURA 21: Céu 1



(Fonte: CAPOVILLA,2008)

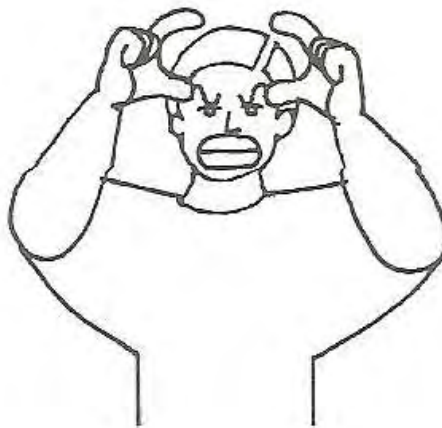
FIGURA 22: Céu 2



(Fonte: TRATADOS, 1992)

- d) Diabo: O sinal apresentado na FIGURA 24 representa uma serpente, diferente dos demais analisados que corresponde à representação dos chifres (FIGURA 23).

FIGURA 23: Diabo 1



(Fonte: CAPOVILLA, 2008)

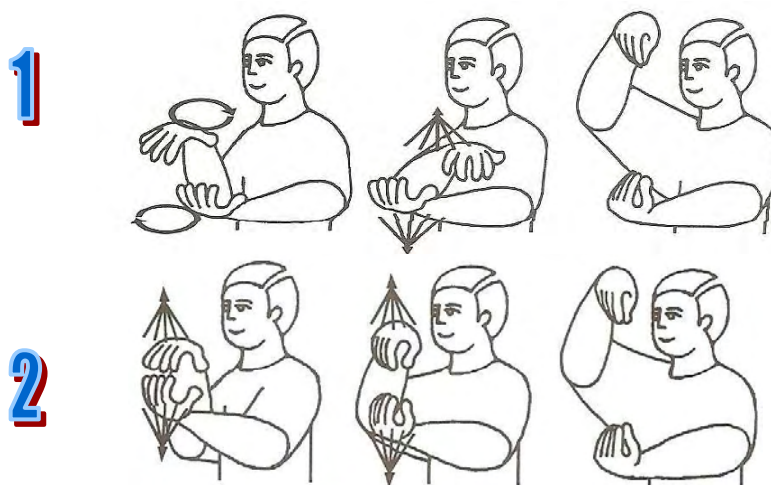
FIGURA 24: Diabo 2



(Fonte: TRATADOS, 1992)

- e) Alma: O sinal encontrado no glossário cristão tem os mesmos parâmetros de um sinal registrado no dicionário trilingüe, porém com uma variação no significado. Como podemos observar, o 1º sinal da FIGURA 25, que significa alma, é formado por um movimento circular que muda da configuração de mão 61 para a configuração 26 e faz o segundo movimento retilíneo na vertical, enquanto o 2º sinal da mesma figura, que significa *fantasma*, não possui o movimento circular. Constatamos então que o sinal utilizado pelos cristãos para *alma* (FIGURA 26) é o mesmo que no dicionário trilingüe significa *fantasma*.

FIGURA 25: Alma 1 e Fantasma



(Fonte: CAPOVILLA, 2008)

FIGURA 26: Alma 2



(Fonte: BAHIA, 1991)

Já no glossário dos Testemunhas de Jeová dois sinais foram encontrados, como podemos observar na FIGURA 27: um para *alma* que corresponde ao significado de *carne* (fotografia 1) e outro para *espírito* que corresponde ao sinal de *sumir* (fotografia 2).

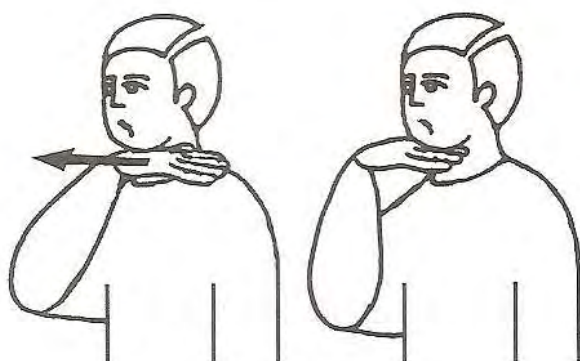
FIGURA 27: Alma 3 e espírito



(Fonte: TRATADOS, 1992)

f) Morte: Não foi encontrada variação lingüística neste sinal.

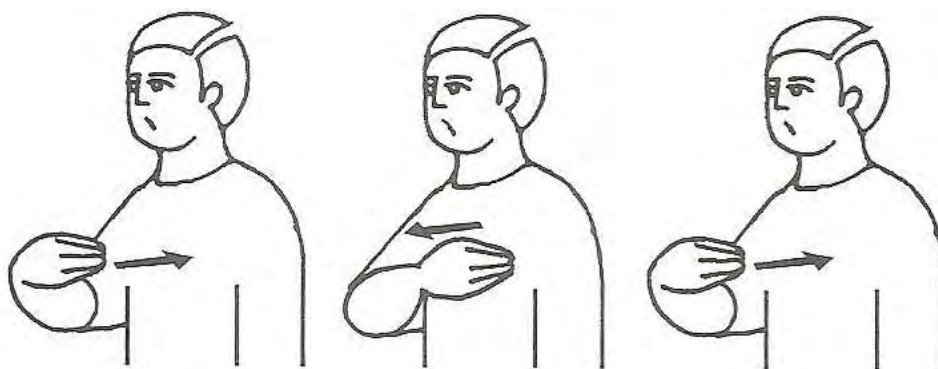
FIGURA 28: Morte



(Fonte: CAPOVILLA,2008)

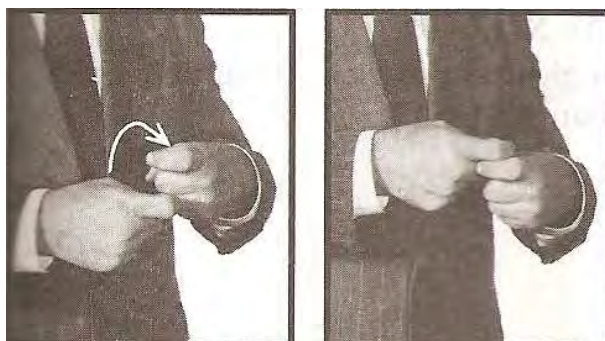
- g) Pecado: Só foi encontrada variação no glossário dos Testemunhas de Jeová como podemos observar na FIGURA. Este sinal registrado como *pecado* significa sexo na Paraíba e, em alguns estados, *estupro*.

FIGURA 29: Pecado 1



(Fonte: CAPOVILLA,2008)

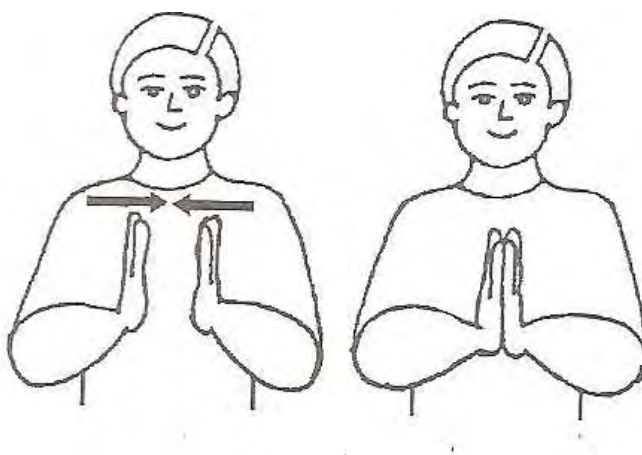
FIGURA 30: Pecado 2



(Fonte: TRATADOS, 1992)

- h) Oração: O sinal de oração sofreu variação tanto no glossário cristão (FIGURA 32) como no glossário dos Testemunhas de Jeová (FIGURA 33). Consta no glossário cristão que o sinal nº 1 significa *oração* e o nº 2 significa *amém*, porém em algumas regiões, inclusive na Paraíba, ocorre uma variação regional sendo o nº1 *amém* e o nº 2 *oração*.

FIGURA 31: Oração 1



(Fonte: CAPOVILLA, 2008)

FIGURA 32: Oração 2

**1** Oração/amém

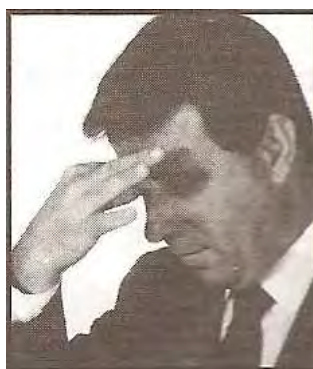


**2** Amém/oração



(Fonte: BAHIA, 1991)

FIGURA 33: Oração 3

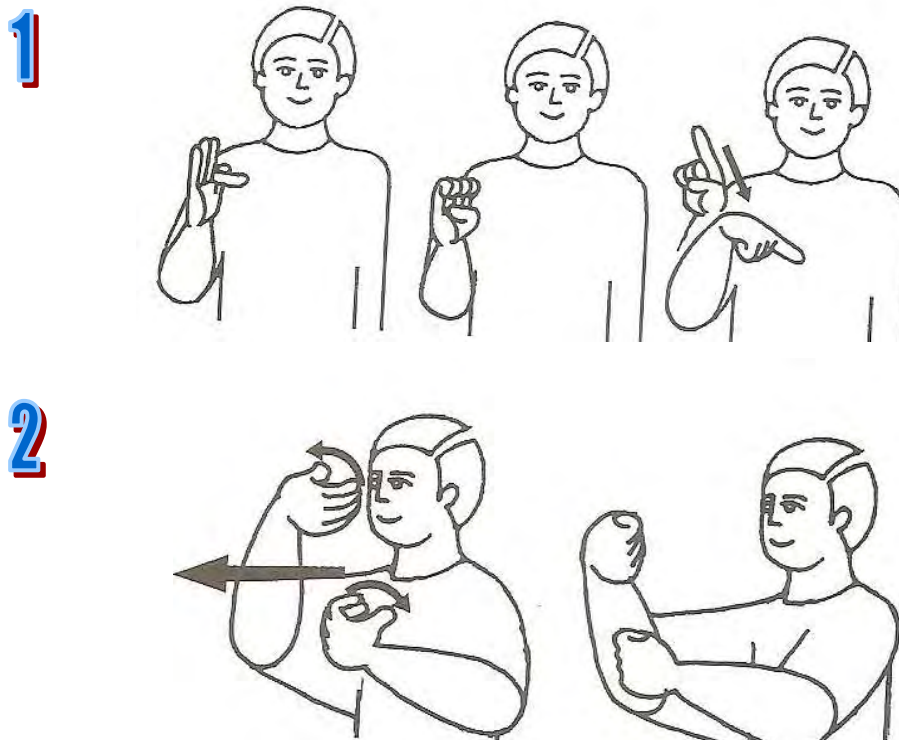


(Fonte: TRATADOS, 1992)

- i) Fé: O dicionário trilingue apresenta duas possibilidades de significantes para fé, o 1º é um empréstimo linguístico, onde a palavra fé é soletrada com as letras correspondentes ao português, porém não é interpretada; já o 2º sinal expressa idéia de segurar-se em algo. O glossário cristão apresenta o sinal para fé que corresponde a *acreditar*. No glossário dos Testemunhas de Jeová

não houve variação quanto ao 1º sinal proposto por CAPOVILLA, é também utilizado o mesmo recurso de empréstimo linguístico.

FIGURA 34: Fé 1 e 2



(Fonte: CAPOVILLA, 2008)

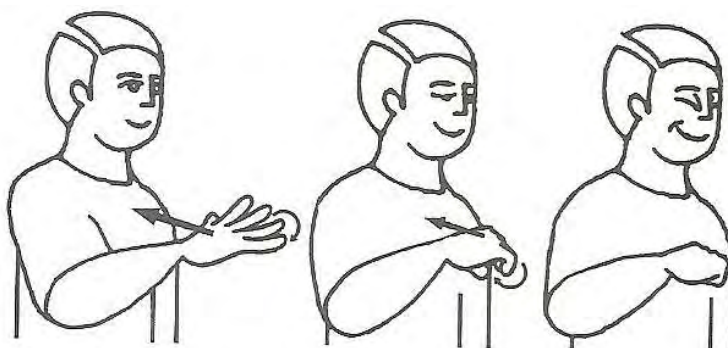
FIGURA 35: Fé 3



(Fonte: BAHIA, 1991)

j) Amor: Não foi encontrada variação lingüística neste sinal.

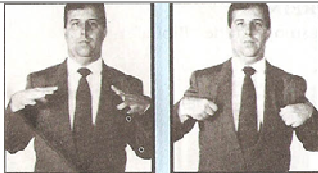
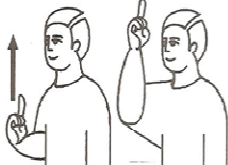
FIGURA 36: Amor

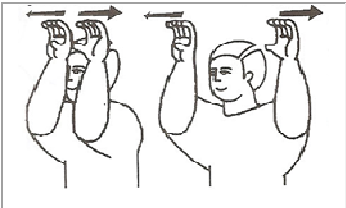
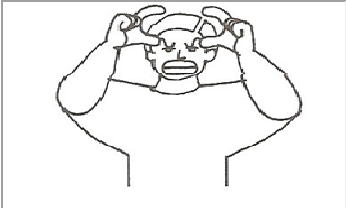
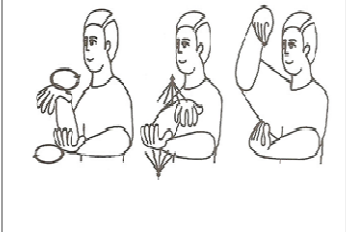
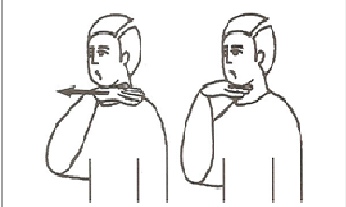
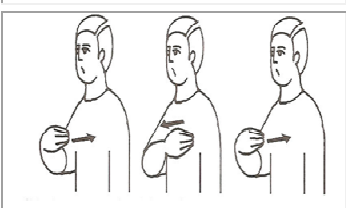
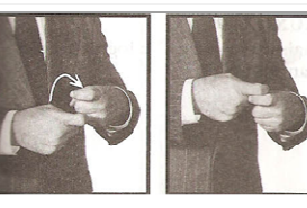
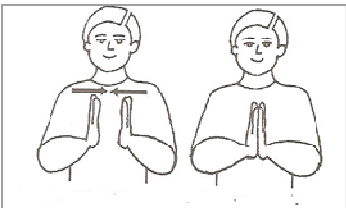
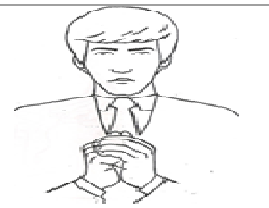
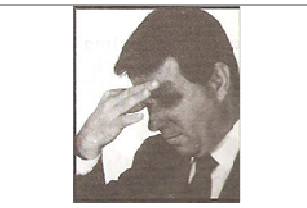
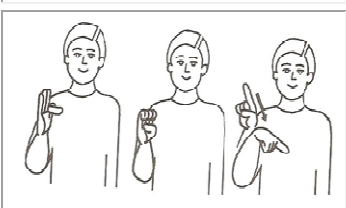
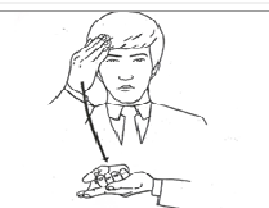
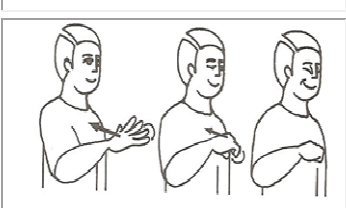


(Fonte: CAPOVILLA,2008)

Feita esta análise da variação lingüística, tomando como base o dicionário trilingue (CAPOVILLA, 2008), constatamos que alguns sinais sofreram variação (são diferentes do sinal registrado no dicionário) e outros não sofreram variação (são iguais). Vale ressaltar que apenas três dos sinais (Deus, morte e amor) são iguais nas três publicações analisadas, como é possível verificar no resumo registrado na tabela a seguir:

TABELA 2: Análise da variação lingüística

| <b>Sinal</b> | <b>Dicionário<br/>Trilingue<br/>Capovilla</b>                                       | <b>Glossário<br/>Cristão</b> | <b>Glossário<br/>Testemunha de Jeová</b>                                              |
|--------------|-------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| SANTO        |  | Sem variação                 |  |
| DEUS         |  | Sem variação                 | Sem variação                                                                          |

|        |                                                                                     |                                                                                      |                                                                                       |
|--------|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| CÉU    |    | Sem variação                                                                         |    |
| DIABO  |    | Sem variação                                                                         |    |
| ALMA   |    |    |    |
| MORTE  |   | Sem variação                                                                         | Sem variação                                                                          |
| PECADO |  | Sem variação                                                                         |  |
| ORAÇÃO |  |  |  |
| FÉ     |  |  | Sem variação                                                                          |
| AMOR   |  | Sem variação                                                                         | Sem variação                                                                          |

(Fonte: elaborada pela autora)

Posteriormente a esta pesquisa da variação lingüística, aconteceram as entrevistas semi-estruturadas com vocabulário anteriormente analisado (Apêndice 1). O procedimento de filmagem nas entrevistas foi imprescindível para coletar e registrar com precisão os dados, visto que a Língua de Sinais foi o meio de comunicação utilizado entre o pesquisador e o colaborador da pesquisa. Este procedimento não foi possível, apenas, com um dos colaboradores, este não permitiu que a filmagem fosse realizada, sendo assim, suas respostas foram anotadas de forma resumida, no momento da entrevista.

## **2.4- Procedimentos e aspectos éticos**

Considerando-se os aspectos éticos referentes a pesquisas com seres humanos, o presente estudo foi submetido à avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FACENE (Faculdade de Enfermagem Nova Esperança). Os participantes da pesquisa foram informados primeiramente a respeito dos objetivos e procedimentos da pesquisa, do anonimato da sua colaboração, bem como da confidencialidade de suas respostas. Foi solicitado aos entrevistados que assinassem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice 2).

Vale ressaltar, ainda, que a pesquisadora submete-se ao código de ética da Fonoaudiologia (Resolução nº CFFa 305/2004), bem como ao código de Intérprete de LIBRAS da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS).

## **2.5 – Interpretação e análises dos dados**

Antes da análise propriamente dita, aconteceu o procedimento de tradução dos vídeos para a Língua Portuguesa e sua transcrição. Como esta tradução foi realizada pela própria pesquisadora, foi necessária a atuação de mais uma intérprete de LIBRAS convidada para a validação da tradução, a fim de assegurarmos a neutralidade da mesma. A intérprete convidada, Kátia Michaelle Fernandes Conserva, colaborou com a pesquisa no sentido de ver cada entrevista gravada em vídeo e conferir a tradução transcrita.

Em seqüência a este procedimento, aconteceu a análise dos dados coletados durante as entrevistas realizadas com os colaboradores. Buscando o

que eles têm em comum ou controverso, para que se possa validar ou não a hipótese levantada neste estudo, referente ao recorte proposto, objetivando evidenciar a real concepção religiosa dos surdos, proporcionando, assim, uma melhor compreensão desta vivência, como veremos, a seguir, no próximo capítulo.

### 3 – O CONCEITO DE SAGRADO DOS SURDOS CONGÊNITOS: ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Ao analisar a cosmografia dos povos ditos “primitivos” com base nos estudos de Eliade, como veremos a seguir, é possível observar alguns traços semelhantes com a cosmovisão dos surdos congênitos, porém é levado em consideração o fato que o povo surdo está inserido no contexto dessacralizado do mundo atual, e não isolado como alguns povos indígenas, por exemplo.

.Ao propor a existência de uma aproximação dos conceitos de sagrado do povo surdo e dos povos “primitivos”, é preciso ressaltar que o homem “primitivo” ou o *homo religiosus* tinha disposição máxima para relacionar-se com o sagrado, como afirma POSSEBON (2006, p.16):

*O homo religiosus é aquele que vive de maneira plena a experiência do sagrado, ou seja, estando predisposto para tal, ele percebe qualquer manifestação da natureza, que se lhe apresenta como diferente, terrível, assustadora e superior à experiência do cotidiano. Essa manifestação, a hierofania no dizer de Eliade, lhe dá a certeza da força e do poder de sua própria existência, integrando-o no mundo do real, por oposição ao não-real ou pseudo-real. Assim, esse “primitivo” vivia integralmente o sagrado, com a mente e com o corpo, isto é, parece que não lhe ocorria nenhum discurso articulado, que questionasse logicamente a existência do sagrado, nos moldes atuais.*

Viver a experiência do sagrado de maneira plena implica na vivência de um mundo fundamentado no âmbito do transcendental, no qual encontram-se as explicações para todas as coisas que acontecem no cotidiano. Esta visão mítica do mundo é apresentada, na teoria do mito proposta por Eliade, constituída por três elementos: a hierofania, o mito e o rito.

Em suma, nesta teoria, o mito surge no contexto de uma aparição de uma divindade a um ser humano, comunicando-lhe algo, uma mensagem, e este, por sua vez, reage à manifestação do sagrado com uma atitude que reflete submissão e reverência. Nesta abordagem, o autor denomina de hierofania a aparição do ser transcendental ao homem, a mensagem comunicada é denominada de mito e a atitude que demonstra a submissão à

divindade é chamada de rito. POSSEBON (2006, p.16), apresenta esta teoria de forma exemplificada:

Propondo um quadro mais prático, vamos imaginar um pastor com seu rebanho, na antigüidade. Deitado sob uma árvore a contemplar a abóbada celeste, sente-se tocado por alguma estranheza, dado parecer-lhe que a imensidão sem fim o contempla, a ele tão pequeno e efêmero. Só está vivo, por graça dessa potência celeste que o protege das adversidades, ao mesmo tempo, que lhe inspira terror. Imediatamente, sente-se motivado a reagir a essa manifestação por meio de um movimento corporal qualquer, quase que instintivo, que dê conta de sua submissão e reconhecimento, ou seja, realiza um rito. Assim, a abóbada celeste sem deixar de ser o que é, torna-se-lhe também uma divindade, o Céu.

Outro exemplo que explica de forma clara esta teoria e o surgimento de um rito é a experiência de Jacó narrada em Gênesis, 28, 10-22, segundo a tradução de ALMEIDA (1997, p.33):

Partiu Jacó de Berseba e se foi a Harã. E chegou a um lugar onde passou a noite, porque já o sol era posto; e tomou uma das pedras daquele lugar e a pôs por sua cabeceira,<sup>33</sup> e deitou-se naquele lugar, E sonhou: e eis uma escada era posta na terra, cujo topo tocava nos céus; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela. E eis que o Senhor estava em cima dela, e disse: Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai, e o Deus de Isaque. Esta terra, em que estás deitado, ta darei a ti e à tua semente. E a tua semente será como o pó da terra; e estender-se-á ao ocidente, e ao oriente, e ao norte, e ao sul; e em ti e na tua semente serão benditas todas as famílias da terra. E eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tomar a esta terra, porque te não deixarei, até que te haja feito o que tenho dito. Acordado, pois, Jacó do seu sono, disse: Na verdade o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia. E temeu e disse: Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos céus. Então levantou-se Jacó pela manhã, de madrugada, e tomou a pedra que tinha posto por sua cabeceira, e a pôs por coluna, e derramou azeite em cima dela. E chamou o nome daquele lugar Betel; o nome, porém, daquela cidade, dantes era Luz. E Jacó fez um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta viagem que faço, e me der pão para comer, e vestidos para vestir, e eu em paz tornar à casa de meu pai, o Senhor será o meu Deus; E esta pedra, que tenho posto por coluna, será casa de Deus; e de tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo.

---

<sup>33</sup> Em outras traduções travesseiro.

Nesta narração bíblica, é possível identificar os três elementos da teoria do mito apresentada por Eliade, representados: na aparição de Deus e dos anjos na escada que ligava a terra ao céu (o sonho é a hierofania), na mensagem expressada pela voz de Deus ao homem Jacó (a promessa feita por Deus é o mito) e na reação de erguer uma coluna e derramar o azeite sobre ela, que é o rito, realizado num local e data, que a partir deste momento, são considerados sagrados devido a este acontecimento. Para tanto vale ressaltar que, nesta perspectiva, o mito é sempre verdade como detalha Possebon (2006, p. 17):

A prova da veracidade do mito se encontra no próprio mundo, que está aí como testemunho, diante de todos. Não se trata, portanto, nessa concepção de sagrado, de estabelecer uma distinção entre narrativa falsa e verdadeira, o mito é sempre verdadeiro, não há outra explicação para os tempos primordiais. Não se deve pensar, entretanto, que esses povos ditos “primitivos” não tivessem a noção do *falso*, pois, por exemplo, algum companheiro poderia narrar uma viagem ou alguma peripécia sucedida, e assim, ser ou não acreditado pelos demais. Sua história poderia ser falsa, pois ele mesmo é seu autor. Não é o caso da narrativa de um mito, pois esse foi contado pelos seres sobrenaturais, *in illo tempore*, *no princípio*, e vem sendo sempre mantido, quer por uma casta específica de sacerdotes, para que seja o modelo exemplar dos comportamentos e dos valores da sociedade, quer pelo próprio povo.

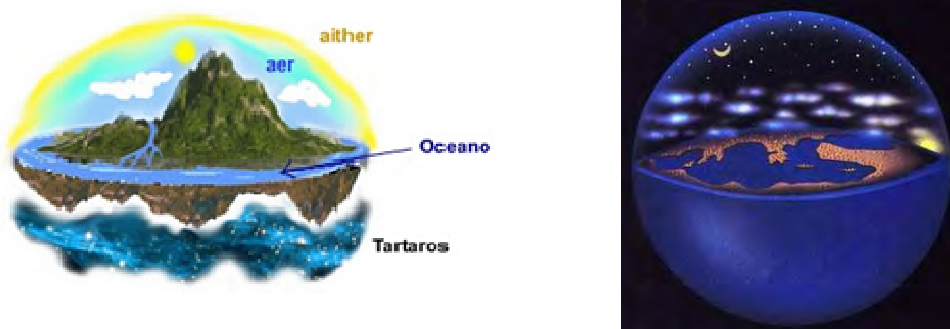
Sendo assim, o mito exige ser vivenciado e o rito correspondente a ele é de extrema relevância para a manutenção da ordem do mundo, ou seja, para que o mundo continue existindo e a destruição não venha em forma de maldição sobre ele, é necessário que o rito seja realizado periodicamente. Partindo desta cosmovisão, como tudo teve sua origem no sagrado e o ser transcendente é o criador de tudo, o trabalho, as diversas formas de alimentação, a relação sexual, bem como, atos fisiológicos tornam-se, então, ritos que devem ser realizados como podemos observar no exemplo de rito que ELIADE (2010,p.137) apresenta:

No mito dos australianos karadjeri, os dois Heróis civilizadores adotaram uma posição especial para urinar, e os Karadjeri **ainda**

hoje<sup>34</sup> imitam esse gesto exemplar. É inútil lembrar que não há nenhuma correspondência semelhante ao nível da experiência profana da vida. Para o homem a-religioso, todas as experiências vitais – tanto a sexualidade como a alimentação, o trabalho como o jogo – foram dessacralizadas. Isto quer dizer que todos os atos fisiológicos foram desprovidos de significado espiritual, desprovidos, portanto, da dimensão verdadeiramente humana.

Outro dado relevante que auxilia na compreensão do comportamento do *homo religiosus* é a idéia do mundo tripartido, dividido nos níveis cósmicos (Céu, Terra e regiões inferiores ou Inferno). Nesta visão de mundo compartilhada pelos povos antigos, não apenas os gregos, mas também judeus, egípcios, dentre outros, a Terra habitada pelos seres humanos é geocêntrica e plana. Isto significa que a Terra está no centro do Cosmos e é coberta pela abóbada celeste, a habitação dos deuses, o Céu. Existindo, ainda, um mundo subterrâneo, destino dos mortos.

FIGURA 37: O mundo tripartido



(Fonte: <http://filosofianomedio.blogspot.com/2011/04/visao-cosmologica-antiga.html>)

Nas imagens da Figura 37 é possível observar esta concepção onde a abóbada celeste envolve a Terra (plana e geocêntrica) como um teto, e a crença no submundo denominado *Hades* pelos gregos. Quanto a esta cosmografia, ELIADE (2010, p.38) descreve:

<sup>34</sup> Grifo meu, para destacar o fato de que este rito persiste até o presente momento, visto que às vezes não é percebido que algumas atitudes praticadas naturalmente pelo homem moderno foram ensinadas de geração para geração e que em algum momento a explicação para tal atitude ganhou o peso de ato moral ou de bons hábitos (educação), mas sua real origem é de um rito.

[...] a comunicação às vezes é expressa por meio da imagem de uma coluna universal, Axis mundi, que liga e sustenta o Céu e a Terra, e cuja base se encontra cravada no mundo de baixo (que se chama “Infernos”). Essa coluna cósmica só pode situar-se no próprio centro do Universo, pois a totalidade do mundo habitável espalha-se à volta dela.

FIGURA 38: Sustentação do mundo



(Fonte: <http://filosofianomedio.blogspot.com/2011/04/visao-cosmologica-antiga.html>)

A afirmação “está cravada no mundo de baixo”, que demonstra esta especulação sobre a sustentação do mundo, é representada de forma clara na FIGURA 38. A crença na sustentação do mundo é compartilhada por diversos povos da antigüidade, já para os gregos o deus Atlas segurava o mundo nas costas como castigo dado por Zeus.

FIGURA 39: Escultura que representa Atlas



(Fonte: <http://filosofianomedio.blogspot.com/2011/04/visao-cosmologica-antiga.html>)

Eliade (2010, p.38) chama a atenção para a importância que esta visão de mundo tem na sequência de concepções religiosas que se articulam com base nesta idéia de mundo tripartido enumerando-as da seguinte forma:

[...] (a) um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço; (b) essa rotura é simbolizada por uma “abertura”, pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra (do Céu à Terra e vice-versa; da Terra para o mundo inferior); (c) à comunicação com o Céu é expressa indiferentemente por certo número de imagens referentes todas elas ao Axis mundi: pilar (cf. a *universalis columna*), escada (cf. a escada de Jacó), montanha, árvore, cipós etc.; (d) em torno desse eixo cósmico estende-se o “Mundo” (“nosso mundo”) – logo, o eixo encontra-se “ao meio”, no “umbigo da Terra”, é o Centro do Mundo.

Tendo, portanto, apresentado a cosmografia dos povos ditos “primitivos”, é possível, então, agora abordarmos a aproximação proposta, nesta pesquisa, entre o conceito de sagrado da pessoa com identidade surda, que vive no mundo moderno, com o conceito de sagrado da pessoa que viveu no mundo “primitivo”, a fim de compreender minimamente as concepções religiosas dos surdos congênitos, recordando que nossa análise é, metodologicamente, um estudo linguístico em LIBRAS.

Embora o termo *sagrado* nos reporte à palavra *santo*, a análise apenas deste termo não é suficiente para definir o sagrado e muito menos para captarmos a cosmovisão dos surdos congênitos, que consiste no “Conjunto detalhado de crenças combinadas de forma consistente ou coerente.” (EVANS,2004,p.37)

Por esta razão, a conclusão proposta foi resultante da junção de vários conceitos contidos no vocabulário selecionado (Santo, Deus, Céu, Diabo, Alma, Morte, Pecado, Amor, Fé e Oração), como veremos a seguir, nos resultados desta pesquisa.

### **3.1 – Santo**

*Santo* foi o primeiro sinal a ser abordado durante as entrevistas e esta nomeação, em língua de sinais, tem uma característica icônica de uma auréola como observamos no capítulo anterior (FIGURA 17).

Mesmo com esta característica visual do léxico em questão, os significados extraídos das respostas dos entrevistados não limitaram-se a escultura de um santo, ou seja, os santos reverenciados na religião católica<sup>35</sup>, embora um dos entrevistados, que professa esta fé, tenha feito referência a este significado, quando responde da seguinte forma: “Pessoa boa, nome do santo. Aquele que ajuda contra o mal.”(Surdo R). Este teor de significação da palavra *santo*, preso a característica icônica do sinal, não apareceu nas respostas dos demais entrevistados, como podemos constatar a seguir:

Surda A: *Jesus é santo.*

Surdo D: *Deus, os anjos.*

Surdo H: *Jesus nos ensina o que é ser santo. É ser **bom**.*

Surda G: **Limpo**.

Surdo T: *Pessoas de **paz**, que **abençoam** os outros. Pessoas **seguras** que **oram**. Pessoas que têm **cuidado** no caminhar e que evitam cair em tentação. Pessoas santas **cuidam** dos outros com carinho.*

Surdo N: *Ser **comportado**.*

Surdo Dg: *Uma pessoa que tem **juízo**, que se relaciona com a família, que não faz certas coisas porque é santo, é **direito** e pensa no futuro. Sabe avaliar o que é errado. Pessoa **maravilhosa** que tem um relacionamento de **paz** com a família. **Cuida** das outras pessoas.*

Nas respostas dos Surdos A, D e H foi observado que ao referir-se à palavra *santo*, o significado imediato dado pelos entrevistados resulta na personificação da santidade em Jesus Cristo, Deus e nos anjos. Contudo, ao fazer uma análise comparativa de todas as respostas acima, não há a referência de objetos ou locais santos. Este fato foi verificado durante a entrevista como podemos constatar na resposta abaixo:

Entrevistadora: “Você acha que existe lugares santos?”

---

<sup>35</sup> A Igreja Católica consagrou como padroeiro dos surdos o SANTO AUSENDO DE SANCI, comemorado no dia 24 de Agosto, porém os surdos colaboradores da pesquisa não possuíam conhecimento deste fato.

Surdo N: “Eu sei que dizem isto, mas não entendo muito o sentido disso.”

Ao observar as palavras em destaque nas respostas, podemos dividi-las em duas categorias, aquelas que se referem às características desta pessoa santa (limpo, bom, maravilhosa, comportado, pessoas de paz, seguras, que têm juízo) e as palavras que refletem as ações desta pessoa que é santa (abençoam, oram e cuidam).

Outro dado observado nas respostas é o fato de, ao caracterizar a pessoa santa, os valores de moral e caráter ficam em evidência e a atribuição de significado para o termo *santo* resume-se ao “bem” ou “bom”, mas segundo Otto (2007, p.38), esta é uma forma racionalista de reinterpretar o termo original:

Acontece que nos habituamos a usar “sagrado” num sentido totalmente derivado, que não é o original. Geralmente o entendemos como atributo absolutamente *moral*, como perfeitamente *bom*. [...] Só que esse uso do termo *heilig* não é rigoroso. Embora o termo abranja tudo isso, nossa sensação a seu respeito subentende claramente *algo mais*, não implicando de forma alguma o aspecto moral pelo menos não num primeiro momento.

Já na resposta do surdo Dg encontramos a expressão “pessoa maravilhosa,” que pode ser traduzida também por pessoa perfeita. Este termo a princípio não transmite imediatamente uma conotação religiosa, porém ao resgatar a concepção religiosa dos povos “primitivos”, constatamos que o termo *maravilhoso*, que no grego é *thaumastón*, referia-se ao elemento fundamental para compreender qualquer fenômeno que, atualmente, denominamos religioso. Em relação a isto, Possebon ( 2008, p. 9) esclarece:

Não há na língua grega arcaica um termo que traduza “religião”, ou seja, não era possível perguntar, por exemplo, qual a tua religião? Tal pergunta hoje é uma possibilidade real, porque temos inúmeras religiões, como sistemas fechados, e, inclusive, a possibilidade de se declarar sem religião. O mundo grego arcaico não comportava tais questionamentos, ao que parece. Todos os indivíduos estavam inseridos em um contexto em que o sagrado era o comum, a natureza estava sacralizada, bem como as ações humanas, mesmo as mais corriqueiras. Assim, o contato com o maravilhoso era inquestionável, não deveria existir nenhuma pessoa que pudesse se declarar estranha a esse mundo.

Este fato nos leva a refletir sobre uma aproximação do uso do termo por parte dos surdos, pois o mesmo é muito utilizado no ambiente religioso atualmente, como por exemplo, na tradução da frase de um cântico cristão: “Quão formoso és, Rei do universo.” Em LIBRAS, o sinal utilizado para traduzir “formoso” não é *bonito* e sim *maravilhoso* com uma expressão facial intensificada de respeito e admiração.

Nesse sentido, o trecho da resposta do Surdo DG “Pessoa **maravilhosa** que tem um relacionamento de **paz** com a família” demonstra a utilização do sinal de *maravilhoso* para expressar uma atitude santa, numa situação considerada corriqueira ou do cotidiano que é o relacionamento com a família.

Então, partindo das idéias recorrentes que foram extraídas das respostas dos entrevistados, *santo* é uma pessoa que tem um convívio próximo, com conduta modelar, principalmente na forma que se relaciona com sua família. Esta pessoa, denominada *santa*, ajuda as pessoas, age de maneira correta, é pacificadora, boa, e limpa.

*Santo* enquanto essência do sobrenatural, como separado, o “totalmente outro” da forma que OTTO denomina, só é percebido de forma bastante discreta nas três respostas que fazem referência a Deus, aos anjos e a Jesus como santos. Contudo, esta caracterização não carrega em si um significado de temível ou assombroso, pelo contrário, também nos remete à proximidade, que é expressada na frase “*Jesus nos ensina o que é ser santo*”, onde o verbo transmite a idéia de algo contínuo, quando em sinais ele utiliza da repetição do mesmo somado ao parâmetro de Expressão não Manual que reforça esta entonação da frase.

Esta dicotomia no significado de santo, que implica em ter uma idéia de sobrenatural e outra que caracteriza o ser humano como modelar e exemplar, carregando uma forte concepção moral, é encontrada no Dicionário de Apologia e Filosofia da Religião. Evans (2004, p:123) explica com base na divisão bíblica (Antigo e Novo Testamento), onde *santo* consiste na:

Qualidade de Deus e de coisas e pessoas reservadas para Deus que distingue quem ou o quê a possui como “diferente” e “de outra qualidade” em relação às coisas comuns da criação. Moisés, quando

encontrou-se com Deus na sarça ardente, estava temeroso e foi-lhe dito que removesse as sandálias, porque o lugar era santo. No novo testamento, a santidade assumiu as características de justiça e de pureza moral.

### 3.2 – Deus

A análise do sinal *Deus* (FIGURA 20), que possui a configuração de mão na letra “D”, com locação acima da cabeça e com a expressão não manual de um olhar para cima, direcionando a letra “D”, nos revela a superioridade e o fato de estarmos abaixo, olhando ou contemplando este Deus, representado neste léxico da língua brasileira de sinais. Esta análise está em total consonância com os resultados obtidos nas entrevistas, pois as respostas, como veremos abaixo, revelaram o primeiro dado: Deus é o sujeito que está no alto.

*Surda A: “Primeiro de tudo, está acima de tudo Jesus é Deus.”*

*Surda G: “É superior, está acima. É o mais poderoso. Dono do mundo.”*

*Surdo T: “...Deus é aquele que vê lá de cima tudo o que acontece no mundo...”*

Quanto a esta soberania de Deus ser identificada no seu próprio nome, temos vários exemplos semelhantes na cultura de alguns povos “primitivos”, estudados por Eliade (2010,p. 101,102) tais como:

A divindade suprema dos maori chama-se Iho; *iho* tem o sentido de “elevado, acima”. Uvuwu, o Deus supremo dos negros akposo, significa “o que está no alto, nas regiões superiores”. Entre os selk’nam da Terra do Fogo, Deus se chama “Habitante do Céu” ou aquele que está no céu”[...] Entre os koryaks, a divindade suprema chama-se o “Um do alto”, “o Senhor do alto”[...]

Corroborando com esta afirmativa que relaciona o nome de Deus e o céu, Possebon (2006, p.31) contribui com exemplos nas línguas indo-européias:

Há uma estreita relação entre os termos que designam *deus*, *deus soberano* e a esfera semântica do *céu*, incluindo *claridade*, *brilho* e *día*, em muitas línguas indo-européias. Em latim, *deus*, *divum* (ou *dium*: o céu), *dies* (dia), *Iuppiter* (Júpiter, hipoteticamente *diu-pater*: pai celeste). Em sânscrito: *devás* (deus), *dyaus* (tanto a abóbada celeste, quanto o deus Céu), *divás* (céu, dia). Em grego, *Zeús* (no acusativo *Día*, no genitivo: *Diós*) e o adjetivo *dîos* (divino). Todos, portanto, de uma raiz indo-européia \*dyeu-. A conclusão é a seguinte: o deus soberano dos indo-europeus é um deus celeste.

Partindo do fato, de que Deus é aquele que está acima, vale ressaltar que não existe outra possibilidade na LIBRAS de referir-se ao sujeito Deus sem olhar para cima, visto que a sintaxe das línguas de sinais não é linear como nas línguas orais, e sim espacial. Por tanto, o direcionamento e a disposição do espaço são elementos fundamentais e determinantes para a formação da sentença. A resposta do surdo Dg é um exemplo disso:

*Surdo Dg: “Aquele que nos ajuda. O criador da vida da natureza, do mundo. Aquele que nos vigia para avaliar se somos bons ou não.”*

O mesmo não expressou em sinais uma afirmação de que Deus estava acima ou fez referência de sua superioridade, como os outros colaboradores expressaram em suas respostas. Porém ao afirmar que Deus é aquele que vigia e avalia, a sua língua exige que o verbo vigiar venha de cima direcionando o olhar do sujeito da frase (Deus) para baixo como podemos ver a seguir:

FIGURA 40: Deus olhando para os humanos



(Fonte: Foto da autora)

Da mesma forma, o recurso de olhar para cima com o objetivo de identificação do sujeito (Deus) foi utilizado por Jesus Cristo na Cura de um surdo em Decápolis, conforme o relato em Marcos, 7,32-35, segundo a tradução de Almeida (1997, p.57):

E trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente, e rogaram-lhe que pusesse a mão sobre ele. E, tirando-o à parte de entre a multidão, meteu-lhe os dedos nos ouvidos e, cuspindo, tocou-lhe na língua. E, levantando os olhos ao céu, suspirou, e disse: Efatá, isto é, Abre-te. E logo se abriram os seus ouvidos, e a prisão da língua se desfez, e falava perfeitamente.<sup>36</sup>

O interessante deste episódio é que Jesus não pôs a mão e realizou a cura como foi solicitado pela multidão que trouxe a pessoa surda. Em comparação com relatos de outros milagres que Jesus realizou, neste, Ele agiu de forma diferente, pois preferiu ficar a sós com o surdo a fim de conscientizá-lo sobre a cura que iria acontecer.

Aquela pessoa com surdez que vivia à margem da sociedade, sem comunicação, foi levado pela multidão sem saber o que estava acontecendo e quem era aquele homem que estava diante dele. Para tanto, Jesus utilizou de uma comunicação rica em detalhes visuais, como os dedos nos ouvidos, o toque na língua e o olhar para o céu a fim de mostrar de onde vinha o poder que “abriram os ouvidos e a prisão da língua”.

Dando prosseguimento à análise das respostas, outros atributos que caracterizam *Deus* foram encontrados, tais como: criador, poderoso, avaliador da conduta dos homens e onisciente. Além disso, Ele é doador e ama as pessoas. A resposta do Surdo Dg demonstra esta visão de Deus como criador e avaliador. Já o Surdo T faz praticamente uma síntese de todas as respostas obtidas com os colaboradores.

*Surdo T: “Aquele que ama as pessoas. Não quer que as pessoas se percam. Aquele que motiva/incentiva que as pessoas melhorem, trabalhem e*

---

<sup>36</sup> Na tradução feita por Ricardo José Cavalcanti Sobral, apud Possebon (2010, p.197), encontramos a grafia *effathá* e a expressão “soltou a algema da sua língua”.

*vivam bem. Deus é aquele que dá muitas coisas por amor às pessoas. Deus é aquele que vê lá de cima tudo o que acontece no mundo. Nós não sabemos nada sobre quem Ele é, mas Ele sabe tudo sobre nós seres-humanos.”*

Como é possível constatar nas respostas acima, o fato de Deus estar acima e ser superior, segundo a concepção dos surdos, não o torna um ser desinteressado pelos seres humanos. Ele não é inoperante e sim atuante. Com relação a esta constatação, percebemos que o Surdo D, na sua resposta simples e direta ao definir Deus, sinaliza: *“Aquele que me ajuda e me guia pelo caminho me dando segurança.”* Esta concepção difere da idéia do “Deus longínquo”, encontrada pelo pesquisador romeno no seu estudo, em várias religiões “primitivas”, como por exemplo:

Os bantos dizem: “Deus, depois de ter criado o homem, já se não preocupa mais com ele.” E os negrilhos repetem: “Deus afastou-se de nós!” As populações Fang da pradaria da África equatorial resumem sua filosofia religiosa no seguinte cântico: *Deus (Nzame) está no alto, o homem está embaixo. Deus é Deus, o homem é o homem. Cada um no seu país, cada um em sua casa.* (ELIADE, 2010, p.05-106)

Então, para os surdos, apesar de estar acima, “Deus não é longínquo” como acreditavam os povos “primitivos”. Através das respostas dos entrevistados, foi possível constatar que este ser transcendente não limitou sua atuação na criação, mas continua interessado no homem como vimos na fala do Surdo T, quando apresenta a preocupação de Deus com as pessoas ao dizer *“Não quer que as pessoas se percam.”*, além de ressaltar um Deus que se relaciona (*“Aquele que motiva/incentiva que as pessoas melhorem trabalhem e vivam bem,”*) e ainda apresentar a visão do Deus pluridoador, ao afirmar: *“Deus é aquele que dá muitas coisas por amor às pessoas.”*

Este colaborador ainda expressa a onisciência de Deus e contrapõe com seu sentimento de criatura ao dizer: *“Nós não sabemos nada sobre quem Ele é, mas Ele sabe tudo sobre nós seres-humanos.”* Quanto a esta análise contrastiva, Otto (2007, p: 37 e 43) afirma:

A categoria do sagrado [...] apresenta um elemento ou aspecto bem específico, que foge ao acesso racional [...], sendo algo *árreton* [impronunciável], um *ineffabile* [indizível] na medida em que foge totalmente à apreensão conceitual. [...] a “sensação de dependência”, ou melhor, o sentimento de criatura é apenas efeito subsequente, isto é, uma depreciação que o sujeito experimenta em relação a si mesmo. Em outros termos: o sentimento subjetivo de “dependência absoluta” pressupõe uma sensação de “superioridade (e inacessibilidade) absoluta” do numinoso<sup>37</sup>.

Além dos dados gerais sobre Deus nas respostas dos entrevistados, foram observadas também três tentativas de associação com Jesus ao descrever esta pessoa de Deus, identificadas em partes específicas dos discursos como:

Surda A: “*Jesus é Deus*”

Surdo R: “*Jesus é como se fosse Deus*”

Surdo N: “*O padre me ensinou que é Jesus*”

E ainda, um dado intrigante surgiu sobre Deus, semelhante à idéia existente na oração do Pai nosso, na língua grega original: a concepção de Deus como aquele que conduz a tentação. Este dado foi encontrado quando o Surdo T ao desenvolver a resposta sobre o que é *santo* na primeira pergunta abordada no item anterior expressou: “*Pessoas que têm cuidado no caminhar e que evitam cair em tentação*”. O fato relevante desta sentença que estamos abordando é perdido na interpretação, pois ao sinalizar o termo tentação ele olha para o alto e a direção do sinal vem de cima para baixo.

De fato, para confirmar esta concepção dos surdos de Deus como aquele que “conduz à tentação”<sup>38</sup> seria necessário um estudo mais aprofundado que validasse esta idéia, pois apenas um dos entrevistados apresentou esta expressão. Porém isto não descarta a possibilidade deste valor conceitual existir entre os surdos, enquanto uma comunidade lingüística.

---

<sup>37</sup> “Numen: ente sobrenatural, do qual ainda não há noção mais precisa” (OTTO, 2007;P:28)

<sup>38</sup> Veja em Mateus, 6,13. Em grego (*Textus Receptus*, 1611, The Trinitarian Bible Society) “*kai mè eisenégkes hemàs eis peirasmón*”, ou seja, “não nos conduzas em tentação”. Igualmente na tradução latina de São Jerônimo: “*et ne inducas nos in temptationem*”. Na tradução de Almeida: “Não nos deixeis cair em tentação”, o que não corresponde aos originais, mas representa uma interpretação que retira de Deus a responsabilidade da tentação e a transfere aos homens.

Sendo assim, através da soma destes dados, podemos concluir que o conceito de Deus para os surdos entrevistados possui traços que se aproximam com o conceito de Deus dos povos “primitivos”, quando afirmam que Ele é um ser criador, dono do mundo, onisciente, avaliador, que está acima dos seres humanos (soberania esta demonstrada na própria forma de nomeação deste ser transcendental), mas diverge da idéia dos povos “primitivos” de um “Deus longínquo” quando afirmam que Ele é cuidador, pluridoador e relaciona-se com estas pessoas, pois Ele as ama.

### 3.3 - Céu

Diante das respostas dos colaboradores, o sentido extraído da palavra *céu* demonstra a crença em um local definido, ou seja, com localização real, que fica no alto, onde há o Sol e as nuvens. Sentido este visível na própria formação do sinal, cujo ponto de articulação é bem acima da cabeça, ou seja, no alto (Figura 21). Neste sentido, ao expecular a existência de um céu transcendente, um dos entrevistados responde:

*Surdo N: “As pessoas falam de um significado a mais por trás do céu visível, mas eu ainda não descobri qual é. Só conheço aquele céu que eu vejo. Uma vez quando viajei de avião eu procurei para ver se descobria algo além das nuvens, mas não vi nada. Sei que pode existir algo a mais, mas tenho dúvidas.”*

O pensamento deste surdo difere das demais respostas apresentadas durante as entrevistas. Como podemos constatar a seguir:

*Surdo Dg: “Lugar, aonde as pessoas boas vão. Pois podemos morrer de um acidente hoje ou amanhã e podemos ir para o céu ou para o inferno. Se hoje sentimos que temos problemas, podemos orar todo dia e levar uma vida maravilhosa (perfeita), pois Deus estará nos vigiando e avaliando se fomos bons ou maus e verá se nos receberá no céu ou não.”*

*Surdo H: “Quem acreditar de verdade vai para o céu.”*

*Surdo R: “É para onde vai à alma. É escolhido quem vai para o céu, mas precisa estar com o nome lá para entrar.”*

*Surda G: “Local aonde todos os salvos vão morar, na casa de ouro. Onde não terá sofrimento, mas só terá paz.”*

Para eles, o céu é o destino das almas boas, as almas escolhidas para isto, pois não é qualquer alma que vai para este local. Um termo utilizado para caracterizar este tipo de pessoa, que terá o direito de ter sua alma no céu, é aquela pessoa que tem uma vida maravilhosa (perfeita).

Partindo destes dados, podemos afirmar que esta concepção aproxima-se da significação dada para o *céu* pelos povos que possuem uma visão mítica de mundo, estudados por Eliade. Para eles o mundo é tripartido como vimos anteriormente, no início deste capítulo, e o céu é o nível mais elevado deste cosmos.

Dessa forma, o céu para os “primitivos”, como também para os surdos, não é exclusivamente natural, pelo contrário, está sempre carregada de um valor religioso. Sendo assim, dados que foram citados na análise deste sinal, tais como, o céu alto, morada de Deus, destino dos mortos escolhidos que viveram de forma maravilhosa na Terra, ou privilegiados, são facilmente identificados na afirmativa referente aos povos “primitivos” feita por Eliade (2010,p.100-101):

O céu revela-se infinito transcendente.[...] A transcendência revela-se pela simples tomada de consciência da altura infinita. O “muito alto” torna-se espontaneamente um atributo da divindade. [...] Lá é a morada dos deuses; é lá que chegam alguns privilegiados, mediante ritos de ascensão; concepção de certas religiões, as almas dos mortos.

### **3.4 - Diabo**

Partindo da análise do sinal que representa a palavra diabo (FIGURA 23), poderíamos esperar uma descrição da imagem do diabo como aquele monstro possuidor de chifres e com cauda<sup>39</sup>, porém mesmo com um léxico da

---

<sup>39</sup> Este tipo de descrição surgiu na época da Idade média. Segundo Delumeau (2006, P:354): “Satã pouco aparecia na arte cristã primitiva, e os afrescos das catacumbas tinham-no ignorado. Uma de suas mais antigas figurações, nas paredes da igreja de Baouit no Egito

língua tendencioso para este significado, o conceito extraído foi um pouco mais elaborado e não ficou restrito a característica icônica do sinal.

As respostas iniciam com a a idéia de que o Diabo é uma pessoa causadora do mau, com características visíveis especificadas como “preto” e uma espécie de “pó”. Isto pode ser observado nas respostas dos colaboradores:

*Surdo Dg: “O diabo é uma pessoa. [...] Ele é mau.”*

*Surdo T: “É uma pessoa que gosta de safadeza, que mata, é o tentador, ele gosta que a pessoa se perca, provoca depressão e angústia nas pessoas e quer sempre o pior para as pessoas.”*

*Surda A: “Aquele que tenta e quer pegar a gente. É preto!”*

*Surdo R: “Ele mata é como se fosse um pó.*

*Surda G: “Ele quer o mundo para ele.”*

*Surdo N: “Ele quer ser dono do mundo.”*

É interessante notar que apenas o Surdo Dg utiliza o sinal de *mau*, pois nas outras respostas apresentadas acima os surdos expressam as representações deste mau através de atos como matar, tentar, causar depressão e angústia. Além de destacarem o prazer que este ser denominado *Diabo* tem com a “safadeza” e com as coisas ruins que acontecem com as pessoas, ou seja, com a degradação (piora) do ser-humano. Outro dado observado é a idéia de tentativa de posse refletida no discurso da Surda A e presente de forma evidente nas respostas dos colaboradores G e N.

Esta ameaça ao mundo, relativa à idéia de posse atribuída ao diabo, reflete a mesma concepção dos povos “primitivos” apresentada por Eliade (2010, p:46):

Visto que “nosso mundo” é um Cosmos, qualquer ataque exterior ameaça transformá-lo em “Caos”. E dado que “nosso mundo” foi fundado pela imitação da obra exemplar dos deuses, a cosmogonia, os adversários que o atacam são equiparados aos inimigos dos deuses, aos demônios, e sobretudo ao arquidemônio, o Dragão primordial vencido pelos deuses nos primórdios dos tempos. O

---

(século VI), o representa sob os traços de um anjo, decaído, sem dúvida, e com unhas recurvas, mas sem feiúra e com um sorriso um pouco irônico.”

ataque de “nosso mundo” equivale a uma desforra do Dragão mítico, que se rebela contra a obra dos deuses, o Cosmos, e se esforça para reduzi-la ao nada.

Em contrapartida ao desejo de ser o dono do mundo, existe a realidade de já existir o dono do mundo que é Deus, então, na visão do Surdo H não há necessidade de ter medo do Diabo. Esta contraposição é destacada por um dos colaboradores da pesquisa na sua resposta à indagação feita pela entrevistadora: “O que é o Diabo? Me explique.”

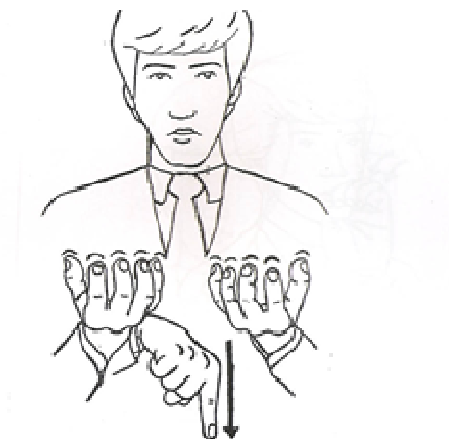
*Surdo H: “Quem confia em Deus não precisa ter medo do diabo e nem de encontrar ele quando morrer porque vai para o céu encontrar com Deus, não precisa ter medo do Diabo mau, porque Deus é nosso dono.”*

Seja qual for o termo utilizado, “medo”, “não gosto”, “inimigo”, “sujo”, ou, até mesmo, a expressão facial, a essência do sentimento demonstrada pelos entrevistados é de repugnância e afastamento. Quanto a isto Otto (2007, p:160,161) afirma que as noções de *puro* e *impuro* já existem no sentido natural, independente da aplicabilidade desta noção dentro da religião, sendo assim o *impuro* é o algo causador de nojo. O autor ressalta que este sentimento é notado com mais intensidade e dramaticidade no homem “primitivo”.

Este sentimento de nojo, segundo ele, evolui para o sentimento de horror. Para exemplificar isto, ele cita o misto de duas sensações naturais que um ser humano sente ao ver o sangue escorrendo: horror e nojo. Posteriormente a esta evolução de nojo para horror, surgem as noções mais elevadas do demoníaco e do divino, pois a idéia do impuro natural estendeu-se para o âmbito do numinoso.

O último dado que vale destacar é a crença de que este ser chamado Diabo mora lá embaixo, no local denominado *inferno*, que em LIBRAS é um sinal composto: “EM BAIXO” + “FOGO” (FIGURA).

FIGURA 41: Inferno



(FONTE: BAHIA, 1991)

De todos os entrevistados, apenas um, o Surdo N, afirmou não acreditar em sua existência, embora sua resposta tenha sido contraditória, pois no final afirma que ele (o diabo) quer ser o dono do mundo. Contudo, em sua resposta destacou que há um poder que tem sua origem em baixo da terra:

*Surdo N: “Falam do diabo, mas eu nunca vi. É só invenção. Mas tem um poder lá de baixo sim. Já me contaram muitas histórias sobre o Diabo, assim como me falaram muito sobre Deus, mas eu nunca vi nenhum dos dois. Ele quer ser dono do mundo.”*

Quanto a esta localização do *inferno*, Jean Delumeau, ao abordar a mentalidade na época da Idade Média, em seu livro *a História do medo no ocidente*, analisa a opinião do humanista de tradição greco-romana G. Budé, sobre o imperio satânico:

Quando evoca o mundo infernal, G. Budé fala ora do “sombrio Tártaro” situado no “fundo do abismo que mergulha no mais profundo sobre a terra”, ora de uma “caverna escura terrível”, ora da prisão para forçados horrível e escura que é o Styx, ladrão de homens”. Ou ainda descreve “o poço que jamais transborda” onde eternamente “prisioneira uma multidão de ricos, de pobres, de velhos, de jovens, de crianças [sic], de desatinados e de sábios, de iletrados e de eruditos.” (DELUMEAU, 2009, p.147)

É possível constatar nesta análise do autor, dois dados semelhantes com as respostas obtidas no presente estudo: o inferno é um lugar subterrâneo, onde o ladrão de homens (Diabo) reside. Semelhantemente, os chineses “primitivos” compartilhavam a idéia deste 3º nível do mundo tripartido, como podemos observar no estandarte (ANEXO 7) da nobre Xin Zhui de Dai (morta em 168 a.C).

O famoso estandarte de seda pintada Mawangdui, que ilustra a viagem rumo à imortalidade da esposa do marquês de Daí, foi encontrado sobre o féretro da nobre dama. Seguindo uma simbologia complexa e em certos aspectos obscura, é descrito o mundo subterrâneo (parte inferior), o mundo terreno (centro) e o mundo celeste (faixa horizontal). A figura feminina no centro é a morta; os parentes ajoelhados ao redor dela, convidam a alma a voltar à sua antiga morada. Dos dois lados da plataforma se erguem dois grandes dragões, mediação fundamental para subir às regiões celestes. Acima se abre a porta do céu, vigiada pelo morcego, seu fiel guardião. (SCARPARI, 2006, p. 101)

Em suma, a análise das respostas dos colaboradores, obtidas pela aplicação do instrumento, reflete a idéia do Diabo caracterizado como uma espécie de pó, preto. Um ser sujo que habita em baixo e quer carregar as pessoas para baixo com ele, que deseja ser o dono do mundo e possuidor das pessoas, sendo assim, um ser operante e causador do mau.

### 3.5 – Alma

Na apresentação do léxico *alma*, duas idéias distintas, foram achadas, durante as entrevistas e vamos abordá-las, separadamente, para melhor compreensão dos resultados.

A primeira idéia encontrada partiu da observação de um dado que se repetiu nas respostas dos colaboradores da pesquisa: o relato de experiências pessoais com almas, seja através de sensação, ou de visualização. Na análise dos vídeos ficou evidenciado que a resposta mais espontânea dos surdos, extraída no momento imediato à visualização do sinal de *alma*, feito pela

entrevistadora, diz respeito a esta vivência da experiência com “almas penadas”. Como veremos nos exemplos a seguir:

*Entrevistadora: O que é ALMA?*

*Surdo D: “Eu nunca vi”*

*Surdo N: “Já tive uma sensação estranha, mas não tive certeza se era um vulto, um vento ou uma alma. Eu tenho dúvidas.”*

*Surdo T: “Às vezes em casa quando estou usando o computador passa uma alma na minha frente. Também já aconteceu, uma vez quando eu estava no trânsito e uma alma passou na minha frente e eu quase fui atropelado. Também já senti batendo no meu ombro e me assustei.”*

Este é um relevante dado da pesquisa, visto que este conceito está realmente internalizado na pessoa surda. Ao ver o sinal *alma*, o significado que este indivíduo conhece é *alma penada*. Isto vale, também, para os surdos que são religiosos, inclusive, aqueles membros de religiões que são contrárias à concepção de *alma penada* ou *fantasma*. Nesta pesquisa, podemos citar o exemplo das duas surdas evangélicas:

*Entrevistadora: O que é ALMA?*

*(Surda A): “Ela aparece, mas é invisível.”*

*(Surda G): “Alma é a nossa vida. São todos os nossos sentimentos.”*

Constata-se que a primeira entrevistada dá uma resposta que afirma a existência deste “aparecimento de alma” e descreve este algo sobrenatural como “invisível”. Já a segunda difere, a priori, dos demais entrevistados e da Surda A, que compartilha da mesma fé, pois não responde de forma espontânea aquilo que sente, e sim dá uma resposta aprendida em sua religião. A entrevistadora então pergunta: “Você vê almas?” Através deste questionamento, ela não consegue esconder sua crença, ou seja, o significado internalizado que vai além de um conceito aprendido na religião a qual é adepta e responde:

(Surda G): “Não...só uma vez. Mas não dá para ver direito é uma espécie de pó. Mas sinto batendo no meu ombro sempre. Várias vezes.”

Através desta resposta, é possível perceber que a primeira reação da Surda G consistiu em negar ter visto almas alguma, mas logo afirma que foi apenas uma vez e, no final de seu discurso, demonstra que esta não corresponde à realidade. Os termos “sempre” e “várias vezes” denotam algo que acontece naturalmente no dia-a-dia.

Este exemplo demonstra que este significado internalizado é a certeza interior de cada indivíduo. Sobre esta interioridade, Vosler (1959,p:55,58) afirma que só é possível expressar aquilo que está internalizado como certeza:

A religião não se pode medir pelo fumo ou pelo aroma que o incenso produz, senão pela interioridade e religiosidade de quem a possui. [...] Pode-se presumir que a linguagem só pode comunicar o que há de opinião nesta certeza. É pouco provável que a religião possa ir além ou fora da opinião, de acordo com o específico meio de manifestação que seria a linguagem.<sup>40</sup>

Depois desta resposta imediata e espontânea, que revela as experiências pessoais e crenças, os entrevistados passam a descrever as características principais da *alma*, como vimos acima nas respostas das Surdas A e G que descreveram a alma como “*invisível*” e “*uma espécie de pó*”.

Esta necessidade de descrever também se fez presente nas respostas dos outros colaboradores que, em síntese, qualificaram este algo denominado *alma* como aquilo que não tem carne, sendo uma espécie de pó, visível apenas pela visão periférica (“por rabo de olho”), que aparece no escuro e toca no ombro causando incômodo e susto.

Esta descrição confere com a abordagem histórica que OTTO (2007,p.158) faz quanto ao surgimento do imaginário sobre almas: “[...] tênues

---

<sup>40</sup> O texto original: La religion no se puede medir por el humo u olor a incenso que produce, sino por la interioridade y recogimiento del que le posee [...] se puede presumir que el lenguaje solo puede comunicar lo que hay de opinión en nuestra certidumbre. Es poco probable que la religion posea además, y fuera de la opinión, um segundo y específico medio de manifestación, que seria el lenguaje.

ou quiçá menos visíveis que o corpo, ou mesmo invisíveis, ou feito ar; [...] uma assombração, inicialmente como algo que desperta aquele *receio*.”

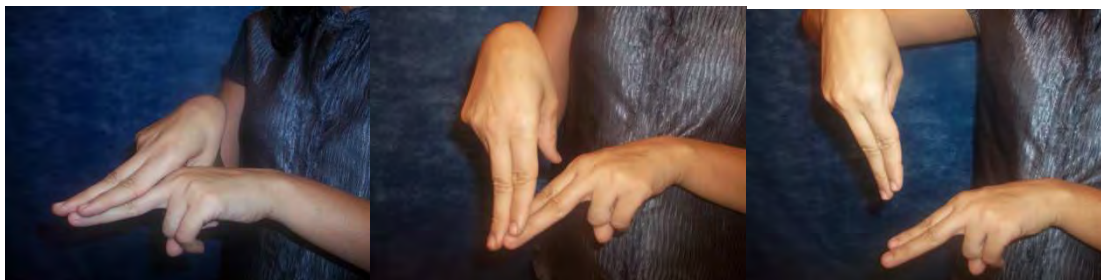
Vimos, então, que durante a análise desta primeira idéia não surgiu dúvida sobre a significação resgatada ao utilizar o léxico da língua de sinais padrão. Através deste dado é possível refletir, por exemplo, sobre qual a melhor tradução para um trecho tradicional do hino nº 375 - Segurança, que faz parte da coletânea de hinos do Cantor Cristão (JUERP, 1987). O trecho diz: “Canta minha alma, canta ao senhor, rende-lhes sempre ardente louvor.”

Com isto, se este dado encontrado no presente estudo não for considerado e durante a tradução for utilizado o sinal habitual para alma (FIGURA 25), a idéia original da canção não será preservada. Pelo contrário, ao utilizar o sinal habitual na sentença “canta minha *alma*”, a mensagem que chegará ao surdo será “canta *fantasma* ao Senhor”. Neste caso uma possibilidade de tradução deste trecho seria “eu canto ao Senhor com sentimento verdadeiro” ou “meu interior coloca para fora um cantar”.

Partindo deste dado, o questionamento é quase inevitável: será que os surdos só teriam esta idéia de *alma*? Surge então a segunda idéia encontrada durante as entrevistas, que define a *alma* como algo da própria pessoa. Esta “coisa” contém as características de personalidade e está ligada aos sentimentos, ânimo e conduta moral do indivíduo. Nesta compreensão, a *alma* é aquilo que se desprende do corpo e vai para cima ou para baixo.

Este segundo sentido encontrado para a alma, durante as entrevistas, só foi possível através da utilização de um outro sinal como veremos na FIGURA 42. É possível observar, nesta imagem, a característica icônica do sinal, em que a imagem consiste em dois seres deitados, um em cima da outro, e depois eles se desligam e um sobe com o movimento suave representando um vôo.

FIGURA 42: Segundo sinal de alma encontrado durante a pesquisa



(Fonte: Foto da autora)

Este sinal, que faz a distinção da idéia de *alma penada* para a *alma* da pessoa que sai do corpo depois da morte, foi utilizado por dois colaboradores em suas respostas e aproveitado pela entrevistadora para confirmar esta distinção. A seguir, veremos todo o processo e desenvolvimento das respostas de dois colaboradores para demonstrar como foi possível a constatação da existência de dois signos que remetem a dois significados distintos para *alma*.

#### Entrevista 1:

*Entrevistadora: O que é ALMA?*

*Surdo T: “Às vezes em casa quando estou usando o computador passa uma alma na minha frente. Também já aconteceu, uma vez quando eu estava no trânsito e uma alma passou na minha frente e eu quase fui atropelado. Também já senti batendo no meu ombro e me assustei.”*

*Entrevistador<sup>41</sup>: Você vê alma?*

*Surdo T: Sim. Vejo de verdade.*

*Entrevistador: E a sua alma?*

*Surdo T: Minha alma?! Eu não tenho alma. Só vejo almas que são como pó transparente. Eu sinto uma luz movimentando-se no escuro. Quando isto acontece, eu ascendo à luz para parar de ver isto.*

*Entrevistador: Quando você morrer, você tem uma alma<sup>42</sup> (FIGURA 42) que vai para algum lugar?*

*Surdo T: Sim, sim. Deus vai ver no livro se está tudo certo ou errado. Vai ver no livro dele tudo o que eu fiz. Eu não sei direito sobre o futuro.*

#### Entrevista 2:

*Surdo N: Eu nunca vi uma alma e acho engraçado quando as pessoas dizem que viram. Tudo bem também que as pessoas vejam, mas eu nunca vi com meus olhos. Já tive uma sensação estranha, mas não tive certeza se era um vulto, um vento ou uma alma. Eu tenho dúvidas.*

---

<sup>41</sup> A partir deste momento o Orientador da pesquisa realizou as perguntas em português e a entrevistadora interpretou para a língua de sinais.

<sup>42</sup> Neste momento não é utilizado o sinal padrão para alma.

*Entrevistadora: Você tem alma?*

*Surdo N: Eu alma? Aonde? (Diz isso olhando para si mesmo como se estivesse procurando). Bem acho que a alma é a vida, depois que morre acaba a alma. Se existe vida então existe alma. Eu lembro que me falaram que a pessoa que se suicida tem uma alma fraca e quem luta para não se suicidar e continua vivo tem alma forte. Tenho dúvidas quanto a isto.*

*Entrevistadora: Você tem alma? (Repetição da pergunta utilizando o sinal da FIGURA)*

*Surdo N: Ah! Certo. A alma que está dentro da pessoa significa a outra parte da pessoa que se separa do corpo quando a pessoa morre. Isso é alma. As pessoas falam que esta alma vai para o céu. Mas eu já fui a enterro de familiares e amigos e nunca vi uma alma subindo para o céu. Sei também que dizem que é invisível, mas se vai para o céu, se fica na terra ou se vai para baixo eu não sei.*

Como vimos, nestas duas entrevistas, é notório o momento exato em que acontece a separação das duas idéias. A distinção surge a partir da pergunta: “Você possui alma?” A idéia é inaceitável e causadora de estranheza, pois os entrevistados entendem que não são e nem possuem uma *alma penada*. A *alma*, nesta perspectiva, é o totalmente outro vindo do sobrenatural.

Logo, a reação de ambos ao visualizarem o segundo sinal para alma (FIGURA 42), foi de proferir sentenças exclamativas e afirmativas (“Ah! Certo!” e “Sim, sim.”) demonstrando a compreensão da pergunta e imediatamente uma mudança de rumo para as respostas, que assumem a existência da idéia da alma que se desprende do corpo no momento da morte e cujo futuro é desconhecido. Esta elaboração de pensamento é compartilhado com povos de tradições arcaicas citados por ELIADE (2010,p.142):

Lembremos, a este propósito, o costume de quebrar o crânio dos iogues mortos para facilitar a saída da alma. Esse costume indiano tem sua réplica nas crenças disseminadas pela Europa e Ásia, de que alma do morto sai pela chaminé (orifício de fumaça) ou pelo telhado[...] Em caso de agonia prolongada, retira-se uma ou várias pranchas do teto, ou chega-se mesmo a despedaçá-lo. O significado deste costume é evidente: a alma se desliga mais facilmente do corpo

se a outra imagem do corpo-Cosmos, que é a casa, for fraturada em sua parte superior.

No caso dos surdos, não foi detectada a presença de nenhum destes rituais, o traço de semelhança está na idéia da *alma* que se desprende do corpo. Sendo assim, habita-se o corpo da mesma forma que a casa ou o cosmo. Isto é denominado por Eliade de corpo-casa-Cosmo.

A maior constatação de similaridade entre a visão dos surdos e do *homo religiosus* encontrada, neste item, foi o fato de ter mais de um termo lingüístico para alma, fato este muito comum nas línguas “primitivas”. A descrição das diferentes representações de alma acontece de forma muito semelhante no grego antigo com os termos: *psykhé* (*alma*), *ménos* (*força vital*), *nous* (*inteligência*), *pneûma* (*sopro*) e *phántasma* (*aparição*). No latim, com *spiritus*, *animus* e *anima*. E ainda, dois termos distintos para alma são utilizados pelos chineses, como afirma SCARPARI (2006,p.97):

A concepção dualista segundo a qual o homem tinha uma alma espiritual (*hun*), destinada a regressar ao Céu depois da morte, e uma alma corporal (*po*), que devia voltar à Terra, estava ligada à crença cada vez mais arraigada, de que existiam seres capazes de escapar da morte, os Imortais.

### 3.6 – Morte

Os resultados obtidos com o tema morte, durante as entrevistas não renderam a obtenção de dados com conotação religiosa. A morte segundo os surdos entrevistados é algo encarado com bastante naturalidade, pois ela é indesejada, mas inevitável. Acontece por algumas causas como por exemplo, acidente, drogas e violência. Podemos observar isto nas respostas apresentadas abaixo:

*Surdo D: Pode ser causada por acidente de carro, por drogas, por causa de alguma briga, enfim acontece causada por várias coisas.*

*Surdo T: Vamos morrer no futuro, Deus nos livre que seja logo, mas pode ser hoje ou amanhã, todos nós vamos morrer. Não sabemos o dia, mas isto acontece.*

*Surdo N: É uma coisa certa de acontecer. Já morreram amigos meus e familiares e eu me lembro deles quando estavam vivos. A gente sente falta das pessoas que já morreram e dá um medo, pois sabemos que podemos ser o próximo. Tenho dúvida também se os mortos voltam e tenho um pouco de medo sim.*

Sendo assim, a única aproximação existente entre as concepções dos povos que estamos comparando está no aspecto visual da linguagem, em que o morto é aquele ente que não se vê mais, pois foi para baixo da terra. Quanto ao aspecto divergente do conceito, podemos abordar a concepção com a conotação religiosa que os “povos primitivos” possuem da morte, como é possível constatar na afirmação de ELIADE(2010, p.160):

O homem das sociedades primitivas esforçou-se por vencer a morte transformando-a em *rito de passagem*. Em outras palavras, para os primitivos, morre-se sobretudo para a vida profana. Em resumo, a morte chega a ser considerada como a suprema iniciação, quer dizer, como o começo de uma nova existência espiritual. Mais ainda: geração, morte e regeneração (renascimento) foram compreendidas como os três momentos de um mesmo mistério, e todo o esforço espiritual do homem arcaico foi empregado em mostrar que não devem existir cortes entre esses três momentos.

### **3.7 – Pecado**

Na análise da palavra pecado, verificamos quatro conceitos complementares que abordamos durante as entrevistas, portanto, não conclusivos para a aproximação com os conceitos de termos equivalentes nas “línguas primitivas”. Porém apesar de apresentarem mais proximidade com conceitos atuais, são de extrema relevância para a compreensão do conceito de sagrado dos surdos congênitos de uma forma abrangente, visto que são termos que pertencem ao vocabulário religioso atual.

Ao buscar o significado de pecado, no Dicionário de Apologética e Filosofia da Religião, encontramos a seguinte definição:

Defeito ou erro fundamental resultante da falha dos homens. O pecado pode ser considerado um estado no qual os seres humanos se encontram alienados de Deus como, também as ações provenientes de um coração infiel e que contraria a vontade de Deus. Além disso, o pecado pode ser entendido como realidade interna individual e como fator modelador de estruturas sociais. (EVANS, 2004,p.105)

Durante a análise das respostas do léxico *pecado* obtidos na entrevista, foi observado que a explicação sobre o que é *pecado* sempre recorre à exemplificação de práticas quotidianas para explicar o sentido do sinal. Os exemplos utilizados mais frequentes para exemplificar a prática do *pecado* foram: farrear, beber, brigar e fazer sexo livre.

*Surdo R: Sexo<sup>43</sup>, bebida, matar e farrear. Aquilo que não é certo. Não ser batizado.*

*Surda A: Roubar, ganância, falar mal dos outros, falar palavrão.*

É notório que a resposta sobre o que é pecado é realizada por meio da própria exemplificação, recurso este que substituiu a explicação do significado em si. Em outras respostas, além da presença deste recurso lingüístico, a explicação também se fez presente. Nestas, há uma caracterização muito forte do *pecado* como *sujo*, e este fato nos remete à contraposição do *sujo* (pecado) ao *limpo* (santo), como o sagrado ao profano. Além disso, encontramos em mais de uma fala o *pecado* como causador de arrependimento, sensação de peso na pessoa e do afastamento de Deus.

*Surda G: O que é sujo. Tem várias coisas que são pecados: prostituição e outras.*

---

<sup>43</sup> Como vimos no capítulo anterior o sinal utilizado para pecado pelos Testemunhas de Jeová é o sinal de SEXO como podemos ver na FIGURA 30. Este sinal foi pesquisado, mas não precisou ser utilizado durante as entrevistas, pois os surdos representantes desta religião foram convidados, porém preferiram não participar da pesquisa.

*Surdo T: Farra, conversa pecaminosa, ser livre para fazer o que quiser, beber. Pecar é se afastar de Deus, aproveitar das delícias de ter várias mulheres onde passar, trair a esposa, não estar nem aí para nada, pecar é estar sujo com o coração destruído e a pessoa se sente pesada.*

*Surdo D: Coisas que fazemos e que nos arrependemos: beber e outras coisas.*

*Surdo Dg: É um pouco confuso falar sobre o que é pecado. Brigas na família. É o conjunto de mágoas que as pessoas acumulam no decorrer da vida, sentimentos ruins e problemas que deixam o coração sujo. Esta sujeira é o pecado. A única cura para ele é a oração.*

Nesta última resposta, é possível identificar a exemplificação (“Brigas na família”), a explicação (“É um conjunto de mágoas [...] que deixam o coração sujo. Esta sujeira é o pecado”) e uma elaboração mais aprofundada, que vai um pouco além da simples explicação do signo, quando propõe uma solução para o pecado ao afirmar que: “A única cura para ele é a oração.”

Em resumo, podemos concluir que o termo *pecado*, na concepção dos surdos entrevistados, é algo *sujo* que nos afasta de Deus, são coisas que se faz como beber, roubar, matar, brigar, trair, dentre outras, e depois causa arrependimento. Nesta visão, este algo denominado *pecado* destrói o coração do homem e provoca um sentimento de peso.

Sendo assim, o recurso de descrever o *pecado* como *sujo* demonstra uma característica visual, que também foi utilizado no item 3.4 (Diabo), contudo a idéia de estar afastado de Deus e a característica de ser um desvio do modelo ideal encontram-se no conceito atual para *pecado*, principalmente porque este termo não era utilizado nas línguas dos povos arcaicos, como o grego e o latim<sup>44</sup>.

### **3.8 – Oração**

A definição atual para oração, segundo Evans (2004, p.101) , consiste em:

---

<sup>44</sup> O termo grego *hamartía* significa *erro*, *errar o alvo*. No contexto cristão, foi entendido como *erro moral*. E assim traduzido para o latim como *peccatum*, *pecado*.

Comunicação com Deus ou (para algumas tradições) outros seres sobrenaturais e espíritos dos mortos. Existem muitas formas de oração, incluindo intercessão, adoração e agradecimento, mas a maioria das discussões filosóficas sobre a oração acontece em torno da oração de petição (quando alguém pede qualquer coisa a Deus). Essas discussões incluem algumas das seguintes questões: essas orações requerem algum tipo especial de AÇÃO divina (chamada também de “intervenção”, ainda que o termo seja capcioso) no mundo? Pode o DEUS ONISCIENTE e perfeitamente bom ser afetado pelas orações humanas? A resposta a essas perguntas requerem a percepção do motivo que levariam um Deus bondoso a empregar as ações livres dos seres humanos a fim de cumprir seus objetivos.

Segundo os dados colhidos, podemos afirmar que a definição de oração não diferencia muito dos conceito atual acima apresentado para este signo, visto que a oração é um *contato com Deus com a finalidade de pedir coisas*, mas a comunicação com espíritos e outros seres sobrenaturais não foram citados, como podemos constatar nas respostas dos entrevistados a seguir:

*Surda G: É se relacionar com Deus. É uma conversa assim como conversamos com nossos familiares e amigos.*

*Surdo Dg: Quem ama a Deus ora e se amamos as pessoas oramos por elas. Quando nos comunicamos falando o nome das pessoas pedindo bênçãos para elas Deus sabe o nome de cada uma delas. Deus abençoa quem ora. Pessoas que brigam na família precisam de oração.*

*Surdo R: Pedir coisas para Deus*

*Surda A: Confiar em Deus. Pedir coisas a Deus, mas nem sempre recebe.*

*Surdo H: É seguir a reza programada para aquele dia e com o terço fazer a reza.*

*Entrevistadora: Você pede coisas e ele dá coisas?*

*Surdo H: Sim eu peço a Deus e ele me dá coisas. E ensino isso na pastoral dos surdos que é importante ler e rezar.*

*Surdo N: Orar faz a gente sentir-se bem, alegre e mais leve. Eu não tenho religião, mas eu oro.*

*Surdo D: Não sei. Não tem nenhum sentido para mim a palavra.*

Contudo, ao observar a explicação dada para o termo pelo entrevistado Surdo T (abaixo), identificamos traços de similaridade com o pensamento “primitivo” na sua forma de exprimir sua elaboração de pensamento, pois o contato com a divindade sempre apresentava uma súplica de orientação e proteção para os seres humanos.

*Surdo T: Em pensamento eu oro de joelhos em casa por cada pessoa, para que as pessoas possam melhorar. Também oro pelo meu futuro, para saber o que Deus quer. Pode orar na Igreja também, mas em pensamento. Eu também oro para que Deus abençoe as pessoas para que as pessoas cresçam e se desenvolvam. Eu oro e depois digo amém. É isso.*

Vale ressaltar ainda que dois dos três surdos sem religião (T e N) apresentaram a oração como uma prática vivenciada por eles, diferente do Surdo D que não soube explicar o significado do sinal analisado.

### **3.9 – Fé**

A definição judaico-cristã para fé, que reflete em grande parte o pensamento ocidental, encontra-se no dicionário de apologética e filosofia da religião, neste, EVANS (2004, p.55) afirma:

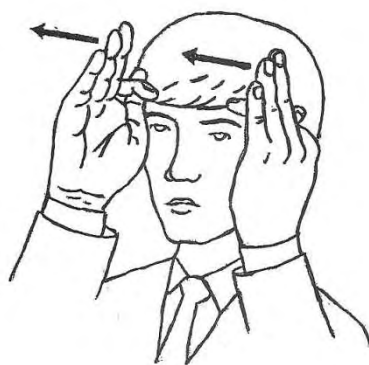
No cristianismo designa atitude de confiar em Deus, incluindo crenças sobre Deus e sua bondade, essenciais ao relacionamento correto com Ele. Vários teólogos consideram que a fé possui múltiplas dimensões, incluindo confiança, CRENÇA proposicional e a disposição de agir com obediência. Em sentido mais amplo, o termo é usado para salientar qualquer conjunto de compromissos religiosos e, até mesmo, seculares, como no caso da pessoa que tem “fé” na posicanálise ou no marxismo. A palavra também é usada como sinônimo de religião.

Através da pesquisa nos glossários religiosos e no dicionário trilingüe, constatamos que não há um sinal para “Fé”, bem definido, na língua brasileira de sinais, e isto não tem a ver com o regionalismo, mas com a dificuldade de

definição do sinal adequado, pois num mesmo local, vários sinais são utilizados.

Este fato foi constatado durante as entrevistas pois foi identificada uma certa confusão dos sinais fé e fiel<sup>45</sup> (FIGURA 43) e ainda, alguns entrevistados usavam todos os sinais utilizados para fé conhecidos por ele em diversos momentos na sua resposta, demonstrando assim, que estava buscando o melhor sinal, para fé.

FIGURA 43: Fiel



(BAHIA, 1991)

Porém esta indefinição do sinal, surpreendentemente, não interferiu na definição do que é *fé* na concepção dos entrevistados, pois responderam de forma segura, demonstrando uma concepção clara e objetiva compartilhada por todos os entrevistados, diferente de outros sinais abordados, durante as entrevistas, em que os surdos lançaram mão do recurso de exemplificação devido à dificuldade de definir o signo em questão.

Então, conforme a análise dos dados obtidos durante as entrevistas, constatamos que apenas um dos colaboradores (Surdo Dg) apresentou uma explicação de *fé* correspondendo à idéia de seguir firmemente determinada orientação religiosa. Os demais entrevistados, embora utilizem o sinal *fiel*, não fazem a relação desta fidelidade com algo religioso ou a Deus, pelo contrário esta significação de retidão, firmeza e persistência está ligada à rotina do dia-a-

---

<sup>45</sup> Extraído do sinal obedecer. A única unidade mínima diferenciadora (parâmetro) é a configuração de mão, que no sinal de *fiel* é a 47 e no sinal de obedecer é a 30 da tabela de configurações de mão (FIGURA 43).

dia, como podemos observar nas respostas dos colaboradores, Surdo T e Surdo N, quando usam como exemplo a continuidade no trabalho e a escolha do caminho para o futuro como resultantes da fé.

*Surdo Dg: Fiéis de determinada religião.*

*Surda G: Firme, seguir reto no caminho.*

*Surdo R: Justo e certo. Igual a fiel.*

*Surda A: Não sabe explicar.*

*Surdo H: Estar saudável, firme, forte seguindo o caminho reto.*

*Surdo D: Não sei.*

*Surdo T: Firme, fiel. É como no trabalho, por exemplo: não sou mandado embora e estou seguro porque sou firme e estou sempre fiel. Confiando sempre.*

*Surdo N: Quando tenho fé sou capaz de escolher o meu caminho para o futuro, quando tenho medo isso demonstra que não tenho fé. Quando se tem fé você sabe que o futuro é possível, você sente.*

É possível concluir, então, que para os surdos congênitos a fé reflete o significado de fidelidade, firmeza, retidão de caminho, segurança, confiança e de forma discreta, representada, apenas por uma resposta, a fé em uma determinada religião.

### **3.10 – Amor**

Este léxico, segundo a concepção cristã atual significa:

A principal característica divina. O amor, a FÉ e a ESPERANÇA são VIRTUDES cardeais do cristianismo. Teólogos cristãos distinguem o conceito do amor em três tipos: erótico, fraterno e altruísta, ou amor ao próximo, o que mais se assemelha ao amor divino em Jesus, que desceu do céu e sacrificou sua vida por seres humanos rebeldes contra Deus. (EVANS, 2004,P.11)

É identificada, neste item, a exemplificação como recurso para substituir a explicação da coisa em si. Os exemplos utilizados foram: o amor às pessoas, o amor à família, à namorada e a Deus. Formas de demonstração de amor como falar a verdade, o ato de ser carinhoso e o cuidar do outro, também, foram utilizadas como exemplos, como podemos observar nas respostas dos colaboradores entrevistados a seguir:

*Surda G: Amo a Deus, Amo a família e a Jesus.*

*Entrevistadora: Mas o que é amor?*

*Amor é ter carinho é cuidar do filho por exemplo.*

*Surda A: Minha mãe (falecida).*

*Surdo T: Dar carinho às pessoas, à namorada. Conversar com a pessoa que amamos e falar a verdade e isso é muito bom. Também precisamos amar aos outros e não ter inimigos, pois todos somos irmãos.*

A resposta abaixo demonstra uma possibilidade de maior elaboração na língua de sinais, com riquezas de detalhes e aprofundamento da idéia:

*Surdo N: Difícil falar da palavra amor. (faz uma pausa, pensando e depois responde): Eu com a minha identidade amo. Eu não vejo o amor, mas a minha mente é quem manda o coração amar. E através dos olhos aquilo que vemos, pode gerar amor. Mas o amor é natural. É uma inspiração que surge dentro de nós quando vemos algo bonito, que pode ser um lugar, Deus, família, o universo, enfim, qualquer coisa que possa gerar o amor. Pois é da natureza do ser humano amar.*

*Entrevistadora: Amor é igual a sexo?*

*=>Que graça comparar o amor com sexo! O sexo é igual fogo e não acontece só por causa do amor. O sexo, o carinho, o beijo, são demonstrações de amor e está no contexto do amor. O amor não é só sexo. Sexo está incluído dentre várias coisas que acontece num contexto onde existe amor.*

Sendo assim, o amor não foi citado como característica divina, pelo contrário, na análise das respostas ficou evidenciado que segundo os surdos o

*amor* é uma característica humana que diferencia do sexo, “*Pois é da natureza do ser humano amar*”.

### **3.11- O conceito de sagrado dos surdos congênitos**

As definições, por parte dos colaboradores entrevistados para os conceitos complementares: *pecado*, *oração*, *fé* e *amor*, contribuíram para a verificação de que os surdos, como sujeitos biculturais, também, possuem conceitos similares aos dos ouvintes, visto que ambos vivem num mesmo momento histórico e social.

Esta constatação enriquece bastante a análise do conceito de sagrado dos sujeitos da pesquisa, pois ele é singular. Os surdos possuem fortes fundamentos religiosos que se assemelham de forma consistente à concepção dos povos arcaicos, porém, também, possuem a influência de algumas idéias da época em que vivem, idéias estas que complementam o eixo principal do conceito.

Quanto à hipótese levantada nesta pesquisa de que o conceito de sagrado dos surdos congênitos seja similar ao conceito de sagrado dos “povos primitivos”, é possível concluir que esta hipótese é válida com base na análise dos dados, em que constatamos:

- a) Ambos compartilham a cosmovisão de: um mundo tripartido, com o céu, morada de Deus, como o nível mais elevado deste cosmos, a terra, habitada pelos seres humanos, no centro, e um mundo subterrâneo, morada do Diabo, denominado Inferno.
- b) Existe entre eles uma proximidade na descrição para *alma* como aquilo que não tem carne, invisível, uma assombração feito de ar ou pó, que causa susto ou receio, pois sua aparição dá-se no escuro.
- c) A utilização de mais de um termo lingüístico para a distinção de significados de *alma*, fato muito comum nas línguas dos “povos primitivos”.
- d) A aproximação no conceito de *morte* trata do aspecto visual que é uma característica marcante das línguas que nesta pesquisa foram comparadas (a Língua brasileira de sinais e as línguas dos “povos

primitivos”). Nesse sentido o morto é aquele que não se vê mais, pois vai para baixo da terra.

- e) A definição de *santo* por parte dos surdos foi elaborada partindo da utilização de termos comuns, também, na época dos povos arcaicos, tais como: limpo, bom, maravilhoso (perfeito), paz, segurança. Mesmo que, um surdo, ao sinalizar em LIBRAS *santo* não tenha em mente a mesma idéia de “assombramento” ou “irracionalidade” que possuía o *homo religiosus*, esta proximidade nos conceitos é muito mais evidente do que se compararmos o conceito para santo dos surdos com o conceito de santo dos ouvintes atuais. Pois geralmente, para pessoas falantes das línguas orais, *santo* é a qualidade divina ou de alguém separado para Deus, que precisa ter uma atitude exemplar e não uma pessoa próxima como descreveram os surdos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, o presente estudo abordou o povo surdo como bicultural e bilíngüe. Uma comunidade minoritária, que convive no mesmo espaço físico, e na mesma época histórica da comunidade majoritária formada por ouvintes, mas que possui cultura e língua próprias. Sendo assim, os surdos, com identidade surda, sujeitos desta pesquisa, apresentam semelhanças e diferenças dos ouvintes.

Ao analisar o quanto estes sujeitos possuem um conceito de *sagrado* diferente do conceito dos ouvintes atuais, pertencentes a um mundo dessacralizado, e o quanto se aproxima do conceito de sagrado do *homo religiosus*, pertencente a um mundo sacralizado, adotamos uma perspectiva lingüística para obtermos resultados para o recorte proposto nesta pesquisa desenvolvida no campo das ciências das religiões.

Não havia, portanto, uma ilusão de identificarmos os surdos 100 % com a vivência de mundo sacralizada, onde a experiência com o sagrado é plena, até mesmo, nas atividades de vida diária e nos atos fisiológicos. Da mesma forma que a pretensão não era identificarmos estes sujeitos 100% com o mundo dessacralizado, onde predomina dogmas de religiões, idéias não praticadas, aceitação da relatividade, negação da transcendência e estranheza na aceitação de outro modelo de existência que não seja humana. A proposta era descrever o modo singular de relacionamento do surdo com o sagrado.

Tentamos, resgatar a essência da cultura surda partindo da realidade que as religiões são norteadoras de comportamentos nas culturas, ao fazer esta pesquisa no contexto religioso da comunidade surda, capta-se a essência desta cultura, que, por sua vez, são os “óculos” que o indivíduo visualiza o mundo, pois é através da cultura em que vive que a construção de mundo de um indivíduo é possível.

Construção esta, no caso dos surdos, que consiste na concepção de um mundo tripartido, dividido nos níveis cósmicos (Céu, Terra e regiões inferiores ou Inferno); na crença de um Deus criador, dono do mundo, onisciente, avaliador, que está acima dos seres humanos (soberania esta demonstrada na própria forma de nomeação deste ser transcendental) que, apesar desta

soberania, não é um “Deus longínquo”, pois é entendido como cuidador, pluridoador e relaciona-se com estas pessoas por meio do amor.

Ainda, aconteceu uma descoberta importante durante a pesquisa, ao encontrarmos um sinal não registrado nas publicações brasileiras consultadas para *alma*, sinal este que, apesar de diferir do sinal padrão utilizado atualmente, não descartando-o, porém, auxiliou na distinção das duas idéias existentes para *alma* na língua dos surdos: uma é relativa à crença de *almas penadas* e a outra de uma alma que se desprende do corpo, quando o ser humano morre e vai para o céu ou para o inferno.

Quanto à crença em aparição de almas, ressalto a complexidade deste fato, no seguinte exemplo: um surdo que professa uma determinada fé que é contrária a esta idéia. Neste caso, a sobreposição das idéias acontecem naturalmente e, algumas vezes, nem é dado conta disto, pois frases como: “hoje muitas almas foram salvas aqui na igreja” ou “é preciso evangelizar para ganhar almas” e ainda “canta minha alma ao senhor”, são faladas em algumas religiões e reproduzidas por alguns surdos, porém a conotação atribuída à *alma* são divergentes. Percebemos então, que neste exemplo, a nova fé sobreposta integra-se à religião cósmica que o povo surdo possui.

Sendo assim, os resultados desta pesquisa abrem espaço para maiores reflexões sobre a postura religiosa do povo surdo que, segundo os dados encontrados, não define o *sagrado* como algo distante ou separado da rotina do dia-a-dia, muito pelo contrário *santo* é uma pessoa que tem um convívio próximo, com conduta modelar, principalmente na forma com que se relaciona com sua família. Esta pessoa denominada *santa* ajuda as pessoas, age de maneira correta, é pacificadora, boa, e limpa.

Esta concepção de *sagrado* nos lembra um trecho da obra *Humildade a beleza da santidade* em que o autor cita uma fala de Cristo e faz um interessante comentário: “‘Quem quiser tornar-se grande entre vós, esse será o que vos sirva’, Ele simplesmente nos ensinou a verdade abençoada de que não há nada tão divino e celestial como ser um servo e ajudador de todos.” (MURRAY, 2003; P:15)

Isto nos faz refletir o quanto a visualização das atitudes são importantes para os surdos. Para eles as ações significam muito mais que palavras, sendo

assim, não adianta um líder<sup>46</sup> de determinada religião discursar com eloqüência, na língua de sinais, diversos conceitos e doutrinas se não refletir a santidade nas atitudes.

Desta maneira, concluo este trabalho ousando concordar com a polêmica idéia de comunidades religiosas para surdos, onde os líderes de mesma cultura e língua podem compartilhar de uma mesma fé, sem a interferência da relativização das coisas por parte de líderes ouvintes que racionalizam demais as coisas que “vem do alto”, do sobrenatural, do maravilhoso, enfim, do sagrado.

---

<sup>46</sup> Quando utilizo a expressão “líder de determinada religião” não me refiro aqui ao fundador da mesma ou o representante dela e nem mesmo o pastor, refiro-me ao líder imediato (mais próximo) que normalmente é um intérprete de LIBRAS.

## **APÊNDICE 1**

**Pesquisa: O conceito de sagrado em surdos congênitos: um estudo na língua brasileira de sinais.**

**Pesquisadora: Janaína Aguiar Peixoto**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**Através da LIBRAS explique o que significa para você as palavras abaixo:**

- 1- Santo**
- 2- Deus**
- 3- Céu**
- 4- Diabo**
- 5- Pecado**
- 6- Morte**
- 7- Alma**
- 8- Amor**
- 9- Fé**
- 10- Oração**

## APÊNDICE 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa é sobre ***O conceito de sagrado em surdos congênitos: um estudo na Língua Brasileira de Sinais*** e está sendo desenvolvida por *Janaína Aguiar Peixoto*, aluna do Curso de *Mestrado em Ciências das Religiões* da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof.<sup>o</sup> *Fabício Possebon*.

O objetivo do estudo é fazer uma análise do conceito de sagrado dos surdos congênitos através do vocabulário religioso existente na LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais.

A finalidade deste trabalho é contribuir para que a comunidade majoritária, formada de ouvintes tenha uma melhor compreensão da visão de mundo dos surdos, através de uma realidade expressa na sua própria língua. Afim, de que este entendimento da realidade religiosa dos surdos possibilite uma melhor integração deles na sociedade, além de promover o respeito às diferenças, reconhecendo que a postura religiosa dos surdos é autêntica e sincera, embora diferente da nossa.

Solicitamos a sua colaboração para a entrevista, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de ciências das religiões e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Vale ressaltar que esta pesquisa atende as exigências éticas do Conselho Nacional de saúde contidas na Resolução nº 196 de 10 de Outubro de 1996.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

---

Assinatura da Testemunha

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Janaína Aguiar Peixoto. Setor de Trabalho: UFPB- CE /PPGCR- Programa de Pós Graduação de Ciências das Religiões. Telefone: (83) 8864-4.  
Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

## ANEXO 1



### **Presidência da República** **Casa Civil** **Subchefia para Assuntos Jurídicos**

#### **DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005.**

Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e no art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000,

#### **DECRETA:**

#### **CAPÍTULO I**

##### **DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES**

Art. 1º Este Decreto regulamenta a [Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002](#), e o [art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000](#).

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

#### **CAPÍTULO II**

##### **DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR**

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

#### **CAPÍTULO III**

## DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LIBRAS E DO INSTRUTOR DE LIBRAS

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngüe.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngüe, referida no **caput**.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 6º A formação de instrutor de Libras, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação.

§ 1º A formação do instrutor de Libras pode ser realizada também por organizações da sociedade civil representativa da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por pelo menos uma das instituições referidas nos incisos II e III.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 7º Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja docente com título de pós-graduação ou de graduação em Libras para o ensino dessa disciplina em cursos de educação superior, ela poderá ser ministrada por profissionais que apresentem pelo menos um dos seguintes perfis:

I - professor de Libras, usuário dessa língua com curso de pós-graduação ou com formação superior e certificado de proficiência em Libras, obtido por meio de exame promovido pelo Ministério da Educação;

II - instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação;

III - professor ouvinte bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa, com pós-graduação ou formação superior e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação.

§ 1º Nos casos previstos nos incisos I e II, as pessoas surdas terão prioridade para ministrar a disciplina de Libras.

§ 2º A partir de um ano da publicação deste Decreto, os sistemas e as instituições de ensino da educação básica e as de educação superior devem incluir o professor de Libras em seu quadro do magistério.

Art. 8º O exame de proficiência em Libras, referido no art. 7º, deve avaliar a fluência no uso, o conhecimento e a competência para o ensino dessa língua.

§ 1º O exame de proficiência em Libras deve ser promovido, anualmente, pelo Ministério da Educação e instituições de educação superior por ele credenciadas para essa finalidade.

§ 2º A certificação de proficiência em Libras habilitará o instrutor ou o professor para a função docente.

§ 3º O exame de proficiência em Libras deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento em Libras, constituída por docentes surdos e lingüistas de instituições de educação superior.

Art. 9º A partir da publicação deste Decreto, as instituições de ensino médio que oferecem cursos de formação para o magistério na modalidade normal e as instituições de educação superior que oferecem cursos de Fonoaudiologia ou de formação de professores devem incluir Libras como disciplina curricular, nos seguintes prazos e percentuais mínimos:

- I - até três anos, em vinte por cento dos cursos da instituição;
- II - até cinco anos, em sessenta por cento dos cursos da instituição;
- III - até sete anos, em oitenta por cento dos cursos da instituição; e
- IV - dez anos, em cem por cento dos cursos da instituição.

Parágrafo único. O processo de inclusão da Libras como disciplina curricular deve iniciar-se nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas.

Art. 10. As instituições de educação superior devem incluir a Libras como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores para a educação básica, nos cursos de Fonoaudiologia e nos cursos de Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 11. O Ministério da Educação promoverá, a partir da publicação deste Decreto, programas específicos para a criação de cursos de graduação:

- I - para formação de professores surdos e ouvintes, para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, que viabilize a educação bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa como segunda língua;
- II - de licenciatura em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa, como segunda língua para surdos;
- III - de formação em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 12. As instituições de educação superior, principalmente as que ofertam cursos de Educação Especial, Pedagogia e Letras, devem viabilizar cursos de pós-graduação para a formação de professores para o ensino de Libras e sua interpretação, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 13. O ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O tema sobre a modalidade escrita da língua portuguesa para surdos deve ser incluído como conteúdo nos cursos de Fonoaudiologia.

#### CAPÍTULO IV

#### DO USO E DA DIFUSÃO DA LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O

#### ACESSO DAS PESSOAS SURDAS À EDUCAÇÃO

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior.

§ 1º Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no **caput**, as instituições federais de ensino devem:

I - promover cursos de formação de professores para:

- a) o ensino e uso da Libras;
- b) a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa; e
- c) o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas;

II - ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos;

III - prover as escolas com:

- a) professor de Libras ou instrutor de Libras;
- b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa;
- c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; e
- d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade lingüística manifestada pelos alunos surdos;

IV - garantir o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos, desde a educação infantil, nas salas de aula e, também, em salas de recursos, em turno contrário ao da escolarização;

V - apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos;

VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade lingüística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;

VII - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos;

VIII - disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva.

§ 2º O professor da educação básica, bilíngüe, aprovado em exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, pode exercer a função de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, cuja função é distinta da função de professor docente.

§ 3º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar atendimento educacional especializado aos alunos surdos ou com deficiência auditiva.

Art. 15. Para complementar o currículo da base nacional comum, o ensino de Libras e o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos, devem ser ministrados em uma perspectiva dialógica, funcional e instrumental, como:

I - atividades ou complementação curricular específica na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental; e

II - áreas de conhecimento, como disciplinas curriculares, nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior.

Art. 16. A modalidade oral da Língua Portuguesa, na educação básica, deve ser ofertada aos alunos surdos ou com deficiência auditiva, preferencialmente em turno distinto ao da escolarização, por meio de ações integradas entre as áreas da saúde e da educação, resguardado o direito de opção da família ou do próprio aluno por essa modalidade.

Parágrafo único. A definição de espaço para o desenvolvimento da modalidade oral da Língua Portuguesa e a definição dos profissionais de Fonoaudiologia para atuação com alunos da educação básica são de competência dos órgãos que possuam estas atribuições nas unidades federadas.

## CAPÍTULO V

### DA FORMAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III.

Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil:

I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior;

II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental;

III - profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos.

Parágrafo único. As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 20. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, o Ministério da Educação ou instituições de ensino superior por ele credenciadas para essa finalidade promoverão, anualmente, exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, lingüistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

Art. 21. A partir de um ano da publicação deste Decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.

§ 1º O profissional a que se refere o **caput** atuará:

I - nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino;

II - nas salas de aula para viabilizar o acesso dos alunos aos conhecimentos e conteúdos curriculares, em todas as atividades didático-pedagógicas; e

III - no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim da instituição de ensino.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

## CAPÍTULO VI

## DA GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngüe aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

§ 2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação.

§ 3º As mudanças decorrentes da implementação dos incisos I e II implicam a formalização, pelos pais e pelos próprios alunos, de sua opção ou preferência pela educação sem o uso de Libras.

§ 4º O disposto no § 2º deste artigo deve ser garantido também para os alunos não usuários da Libras.

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

§ 1º Deve ser proporcionado aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade lingüística do aluno surdo.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 24. A programação visual dos cursos de nível médio e superior, preferencialmente os de formação de professores, na modalidade de educação a distância, deve dispor de sistemas de acesso à informação como janela com tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa e subtitulação por meio do sistema de legenda oculta, de modo a reproduzir as mensagens veiculadas às pessoas surdas, conforme prevê o Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.

## CAPÍTULO VII

## DA GARANTIA DO DIREITO À SAÚDE DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Art. 25. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Sistema Único de Saúde - SUS e as empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, na perspectiva da inclusão plena das pessoas surdas ou com deficiência auditiva em todas as esferas da vida social, devem garantir, prioritariamente aos alunos matriculados nas redes de ensino da educação básica, a atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas, efetivando:

- I - ações de prevenção e desenvolvimento de programas de saúde auditiva;
- II - tratamento clínico e atendimento especializado, respeitando as especificidades de cada caso;
- III - realização de diagnóstico, atendimento precoce e do encaminhamento para a área de educação;
- IV - seleção, adaptação e fornecimento de prótese auditiva ou aparelho de amplificação sonora, quando indicado;
- V - acompanhamento médico e fonoaudiológico e terapia fonoaudiológica;
- VI - atendimento em reabilitação por equipe multiprofissional;
- VII - atendimento fonoaudiológico às crianças, adolescentes e jovens matriculados na educação básica, por meio de ações integradas com a área da educação, de acordo com as necessidades terapêuticas do aluno;
- VIII - orientações à família sobre as implicações da surdez e sobre a importância para a criança com perda auditiva ter, desde seu nascimento, acesso à Libras e à Língua Portuguesa;
- IX - atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do SUS e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, por profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação; e
- X - apoio à capacitação e formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de Libras e sua tradução e interpretação.

§ 1º O disposto neste artigo deve ser garantido também para os alunos surdos ou com deficiência auditiva não usuários da Libras.

§ 2º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal, do Distrito Federal e as empresas privadas que detêm autorização, concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde buscarão implementar as medidas referidas no art. 3º da Lei nº 10.436, de 2002, como meio de assegurar, prioritariamente, aos alunos surdos ou com deficiência auditiva matriculados nas redes de ensino da educação básica, a atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas.

## CAPÍTULO VIII

### DO PAPEL DO PODER PÚBLICO E DAS EMPRESAS QUE DETÊM CONCESSÃO OU PERMISSÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS, NO APOIO AO USO E DIFUSÃO DA LIBRAS

Art. 26. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, realizados por

servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação, conforme prevê o [Decreto nº 5.296, de 2004](#).

§ 1º As instituições de que trata o **caput** devem dispor de, pelo menos, cinco por cento de servidores, funcionários e empregados capacitados para o uso e interpretação da Libras.

§ 2º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal e do Distrito Federal, e as empresas privadas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o tratamento diferenciado, previsto no **caput**.

Art. 27. No âmbito da administração pública federal, direta e indireta, bem como das empresas que detêm concessão e permissão de serviços públicos federais, os serviços prestados por servidores e empregados capacitados para utilizar a Libras e realizar a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa estão sujeitos a padrões de controle de atendimento e a avaliação da satisfação do usuário dos serviços públicos, sob a coordenação da Secretaria de Gestão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, em conformidade com o [Decreto nº 3.507, de 13 de junho de 2000](#).

Parágrafo único. Caberá à administração pública no âmbito estadual, municipal e do Distrito Federal disciplinar, em regulamento próprio, os padrões de controle do atendimento e avaliação da satisfação do usuário dos serviços públicos, referido no **caput**.

## CAPÍTULO IX

### DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 28. Os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, devem incluir em seus orçamentos anuais e plurianuais dotações destinadas a viabilizar ações previstas neste Decreto, prioritariamente as relativas à formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 29. O Distrito Federal, os Estados e os Municípios, no âmbito de suas competências, definirão os instrumentos para a efetiva implantação e o controle do uso e difusão de Libras e de sua tradução e interpretação, referidos nos dispositivos deste Decreto.

Art. 30. Os órgãos da administração pública estadual, municipal e do Distrito Federal, direta e indireta, viabilizarão as ações previstas neste Decreto com dotações específicas em seus orçamentos anuais e plurianuais, prioritariamente as relativas à formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 31. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 22 de dezembro de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA  
*Fernando Haddad*

Este texto não substitui o publicado no DOU de 23.12.2005

## ANEXO 2



### **Presidência da República** **Casa Civil** **Subchefia para Assuntos Jurídicos**

#### **LEI Nº 12.319, DE 1º DE SETEMBRO DE 2010.**

[Mensagem de veto](#)

Regulamenta a profissão de Tradutor e  
Intérprete da Língua Brasileira de Sinais -  
LIBRAS.

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Art. 3º [\(VETADO\)](#)

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III.

Art. 5º Até o dia 22 de dezembro de 2015, a União, diretamente ou por intermédio de credenciadas, promoverá, anualmente, exame nacional de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, linguistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

Art. 6º São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:

I - efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;

II - interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;

III - atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;

IV - atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e

V - prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais.

Art. 7º O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial:

I - pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida;

II - pela atuação livre de preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero;

III - pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir;

IV - pela postura e conduta adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional;

V - pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e econômica daqueles que dele necessitem;

VI - pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda.

Art. 8º [\(VETADO\)](#)

Art. 9º [\(VETADO\)](#)

Art. 10. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 1º de setembro de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto*

*Fernando Haddad*

*Carlos Lupi*

*Paulo de Tarso Vanucchi*

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm) [acesado em 02/11/2010](#)

### ANEXO 3

#### Aparelho TDD (telefone para surdos)



Fonte: <http://www.cpqd.com.br/img.upload/tdd1.jpg&imgrefur>

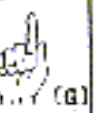
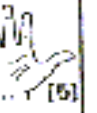
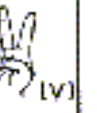
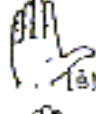
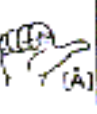
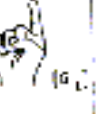
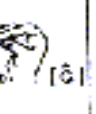
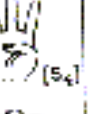
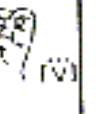
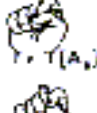
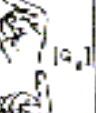
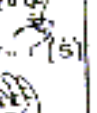
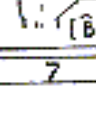
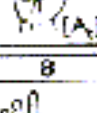
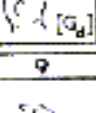
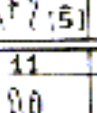
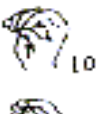
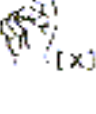
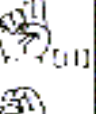
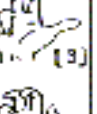
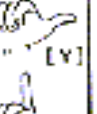
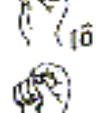
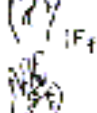
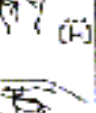
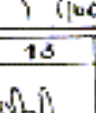
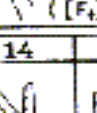
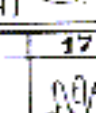
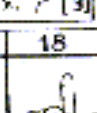
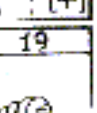
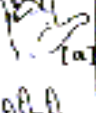
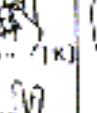
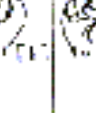
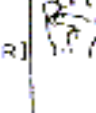
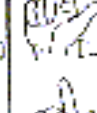
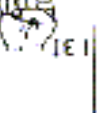
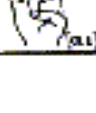
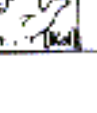
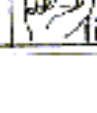
## ANEXO 4

### ALFABETO MANUAL



Fonte: [aprendolibras.blogspot.com](http://aprendolibras.blogspot.com)

## ANEXO 5

|                                                                                                  |                                                                                                  |                                                                                                  |                                                                                                  |                                                                                                   |                                                                                                    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1<br><br>[B]    | 2<br><br>[A]    | 3<br><br>[G]    | 4<br><br>[C]    | 5<br><br>[S]    | 6<br><br>[V]    |
| <br>[B]         | <br>[A]         | <br>[G]         | <br>[C]         | <br>[S]         | <br>[V]         |
| <br>[B]         | <br>[A]         | <br>[G]         |                                                                                                  | <br>[S]         |                                                                                                    |
| <br>[B]        | <br>[A]        | <br>[G]        |                                                                                                  | <br>[S]        |                                                                                                    |
| 7<br><br>[O]  | 8<br><br>[F]  | 9<br><br>[X]  | 10<br><br>[H] | 11<br><br>[J] | 12<br><br>[Y] |
| <br>[O]       | <br>[F]       |                                                                                                  | <br>[H]       | <br>[J]       | <br>[Y]       |
| <br>[O]       | <br>[F]       |                                                                                                  | <br>[H]       | <br>[J]       | <br>[Y]       |
| 13<br><br>[A] | 14<br><br>[K] | 15<br><br>[L] | 16<br><br>[R] | 17<br><br>[W] | 18<br><br>[E] |
| <br>[A]       | <br>[K]       |                                                                                                  |                                                                                                  | <br>[W]       | <br>[E]       |
|                                                                                                  |                                                                                                  |                                                                                                  |                                                                                                  |                                                                                                   |                                                                                                    |

FONTE: ines.gov.br

## ANEXO 6

### Pesquisa em libras

#### Escolha a configuração de mão



FONTE: ines.gov.br

ANEXO 7



## 8- BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J.F. **BÍBLIA SAGRADA**. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil. 1997.

ALVES, R. **O que é religião**. São Paulo. Brasiliense, 1981.

BAHIA, J. **O clamor do silêncio, sinais bíblicos**. Rio de Janeiro. JMN.1991.

BILIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1983.

CAPOVILLA, F.C. **Dicionário** enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira: sinais de A a L. 3.ed. São Paulo: USP, **2008**.

CAPOVILLA, F.C. **Dicionário** enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira: sinais de M a Z. 3.ed. São Paulo: USP, **2008**.

DEUS, K.L.A. **Língua de sinias brasileira: libras III**. São Paulo: Know How, 2010.

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente 1300-1800:uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

EVANS, C.S.**Dicionário de apologética e filosofia da religião**. São Paulo: Editora Vida, 2004.

FELIPE, T.A. **Libras em contexto: curso básico, livro do estudante cursista**. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC; SEESP, 2001.

FENEIS, [http://www.feneis.org.br/page/artigos\\_detalhe.asp?categ=0&cod=41](http://www.feneis.org.br/page/artigos_detalhe.asp?categ=0&cod=41), acessado em 10/07/2009.

FILORAMO, G; PRANDI, C. **As Ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

GIL, A. C. **Método e Técnica de Pesquisa Social**. 5ed. São Paulo: Atlas, 1999. 14

GOLDFELD, Márcia, **A criança surda**, São Paulo, Plexus, 1997.

GRESCHAT, H.J. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Paulinas, 2005.

HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

INES. **Série Audiologia**. Edição Revisada, Rio de Janeiro: INES, 2003

JÚNIOR, J.E.G.S. **Teorias e Práticas de tradução e interpretação da língua de sinais**. São Paulo. Know, 2010.

JUERP, **Cantor Cristão**. 3ª edição, Rio de Janeiro: Casa Publicadora, 1987.

LOPES, M.C. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de Lingüística**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAURICIO, A.C.L. **Educação e currículo: fundamentos e práticas pedagógicas na educação de surdos**. São Paulo: Know How, 2010.

MURRAY, A. **Humildade a beleza da santidade**. Minas Gerais. CCC Edições. 2001

OLIVEIRA, L.B, et al. **Ensino Religioso para o Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez, 2007.

OTTO, R. **O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PINHEIRO, L.M. **Língua de sinais brasileira: LIBRAS I**. São Paulo: Know How, 2010.

POSSEBON, F. **RIG-VEDA: a sabedoria das estrofes**. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária/UFPB, 2006.

POSSEBON, F. **TÒ THAUMASTÒN: O MARAVILHOSO. Introdução ao pensamento arcaico**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB/Zarina Centro de Cultura, 2008.

POSSEBON, F. **O Evangelho de Marcos**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010.

PRESTES, M.L.M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Respel, 2003.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997

QUADROS, R. M. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

- QUADROS R.M. **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.
- QUADROS, R.M. **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.
- REILY, L. **O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos**. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 35 maio/ago.2007. <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n35/a11v1235.pdf>, acessado em 10/07/2009.
- SACKS, O. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SALLES, H.M.M.L. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC; SEESP, 2004.
- SOUZA SANTOS, Boaventura de. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995
- SAVIOLI, R. M. **Fronteiras da Ciência e da fé** – São Paulo. Gaia, 2006.
- SCARPARI, M. **Grande civilizações do passado: a china antiga**. Barcelona-Edição Brasil:Folio,2006
- SEVERINO, A.J. **In Estudos Surdos I** / Ronice Müller de Quadros (organizadora). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.
- SILVA, E. L. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3.ªed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.
- SKLIAR, C. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.
- STRÖBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.
- STRÖBEL, K. L. **História dos Surdos: Representações “Mascaradas das Identidades Surdas**. In Estudos Surdos II / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (organizadoras) – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.
- TRATADOS, S.T.V.B. **Linguagem de sinias**. São Paulo. Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. 1992.
- USARSK,F. **Constituintes da Ciência da Religião**: Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem.** Edição eletrônica: Ed  
Ridendo Castigat Mores ([www.jahr.org](http://www.jahr.org)). 2001.

VOSSLER, K. **Estpiritu y Cultura em el Lenguaje.** Madrid: Ediciones  
Cultura Hispanica, 1959.